

Sidney Daniel Batista

**DESVENDANDO A FESTA DO ROSÁRIO DA APAE-OP COMO ESPAÇO VIVIDO  
E EXPERIÊNCIA DE LAZER**

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2020

Sidney Daniel Batista

**DESVENDANDO A FESTA DO ROSÁRIO DA APAE-OP COMO ESPAÇO VIVIDO  
E EXPERIÊNCIA DE LAZER**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação

Linha de pesquisa: Lazer e Sociedade

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG

2020

B333d Batista, Sidney Daniel  
2020 Desvendando a festa do rosário da APAE-OP como espaço vivido e experiência de lazer. [manuscrito] / Sidney Daniel Batista – 2020.  
115 f., enc.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 1-115.

1. Lazer - Aspectos sociais - Teses. 2. Festas religiosas - Teses. 3. Cultura popular - Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

**Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Danilo Francisco de Souza Lage, CRB 6: nº 3132, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.**



Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer  
Email: [ppgiel@eefftto.ufmg.br](mailto:ppgiel@eefftto.ufmg.br) Telefone: (31) 3409-2335



### ATA DA 55ª DEFESA DE TESE

**SIDNEY DANIEL BATISTA**

Às 14h00min do dia 16 de julho de 2020 reuniu-se de forma virtual (via videoconferência pela plataforma “google meet”) a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*DESVENDANDO A FESTA DO ROSÁRIO DA APAE-OP COMO ESPAÇO VIVIDO E EXPERIÊNCIA DE LAZER*”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (UFMG)	X	
Prof. Dr. Carlos Eduardo Silveira (UFPR)	X	
Profa. Dra. Gabriela de Lima Gomes (UFOP)	X	
Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: APROVADO

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 16 de julho de 2020.

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias

Prof. Dr. Carlos Eduardo Silveira

Profa. Dra. Gabriela de Lima Gomes

Prof. Dr. Walter Ernesto Ude Marques

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora do Rosário pela condução espiritual em todos os momentos para a concretização desta tese.

A minha querida mãe, que, embora não esteja mais conosco, é e sempre será meu exemplo de vida.

Ao meu pai Antônio, pelo incentivo, companheirismo e amor incondicional.

Ao Juninho, a Aguida, a Fabiana, Romulo, Maria Vitória, Mariana e Maria Isabel, pelo apoio constante e por estarem sempre presentes e dividindo cada experiência vivida.

Aos profissionais de saúde do Hospital Odilon Behrens, por me concederem a alegria de viver.

Ao professor José Alfredo Oliveira Debortoli, pela orientação, confiança e amizade.

Ao professor Carlos Eduardo Silveira, pelos conselhos que sempre me lançaram à frente e por seu companheirismo, que me deu força e suporte.

Aos professores Walter Ud, Gabriela Gomes e Cléber Dias membros da minha banca, por aceitarem o convite e contribuírem efetivamente para a consolidação desta pesquisa.

Ao secretário Danilo, que, além de um excelente profissional, me auxiliou nessa caminhada com seus conselhos que me fizeram chegar até este momento.

Aos meus professores do Curso de Turismo UFVJM, pelos conhecimentos adquiridos.

À CAPES, por viabilizar a realização deste doutorado.

Ao meu Amigo Márcio Júnior, que sempre torceu por mim, gratidão pelos bons momentos compartilhados e boas risadas.

Ao meu amigo Ednaldo Sávio, pelo bom humor e otimismo.

Ao meu amigo João Gabriel, presente em todos os momentos.

Às amigas Isabela Melo e Fabiana Siqueira, pela amizade incondicional, com quem pude discutir sobre minha pesquisa e ouvir excelentes conselhos que me ajudaram muito na construção da tese.

Aos amigos, Eduardo Fontes, Marco Aurélio, Juliana Lopes, Larissa, Emile, Rafael Ribeiro, Juninho, Daiana, Arthur, Ivan, aos amigos da República Pé de Cana, Amigos Cartoleiros e Família Santa Luzia, que sempre torceram por mim.

Um agradecimento especial a Guarda de Nossa Senhora do Rosário da APAE, aos alunos congadeiros e em especial à capitã Silvânia pela receptividade e pelos ensinamentos e experiências vividas que me proporcionaram nessa jornada.

A Juliana Lima, por todo o carinho, amor, paixão e companheirismo. Ainda pela paciência com as ausências e tensões com a pesquisa. Independentemente de minhas escolhas, sempre se mostrou orgulhosa porque nunca duvidou de mim. Sei que dizer apenas obrigado é muito pouco para tão grande amor.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a cultura do congado como instrumento revelador da religiosidade e da transmissão de saberes que vão além dos conhecimentos simbólicos e históricos, e que contribuem para a construção do sentimento de pertencimento à cultura local. Como objeto de pesquisa, foi escolhida a guarda da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto (APAE-OP) e sua relação com as festas de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, com o propósito de investigar a importância social do congado para os alunos dessa instituição. Para a análise proposta, utilizam-se os aportes teóricos da Geografia Cultural em articulação com os Estudos do Lazer, que nos abrem para a expansão de novas possibilidades para repensar a dimensão espacial da cultura de base fenomenológica e os desdobramentos nos estudos do espaço vivido. Esta pesquisa é, para os Estudos do Lazer especificamente, uma forma de conhecer uma importante dimensão da vida humana, que é a festa, e de entender melhor as nossas tradições. O cenário metodológico adotado é o estudo de caso, visto que permite identificar e analisar com profundidade os processos e as relações sociais que integram o objeto de pesquisa. Utilizam-se, ainda, os seguintes procedimentos metodológicos como formas de operacionalização da pesquisa: pesquisa bibliográfica e documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Este trabalho evidencia que viver a festa é viver o lugar a partir da experiência e das emoções, é encontrar-se no outro e reconhecer a si próprio. É marcar, modelar e transformar o lugar ao atribuir valor, sentido e significado. Para as pessoas com deficiência, o congado é, ademais, uma fonte de sabedoria didática, social, cultural e inclusiva.

**Palavras-chave:** Congado; Lazer; Festa.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the culture of the congado as an instrument that reveals religiosity and the transmission of knowledge that go beyond symbolic and historical knowledge, and that contribute to the construction of the feeling of belonging to the local culture. As a research object, the guard of the Association of Parents and Friends of the Exceptional of Ouro Preto (APAE-OP) was chosen and its relationship with the parties of Nossa Senhora do Rosário and Nossa Senhora das Graças, with the purpose of investigating the social importance congado for the students of that institution. For the proposed analysis, the theoretical contributions of Cultural Geography are used in conjunction with Leisure Studies, which open us up to the expansion of new possibilities to rethink the spatial dimension of phenomenologically based culture and developments in the studies of lived space. This research is, for Leisure Studies specifically, a way to get to know an important dimension of human life, which is the party, and to better understand our traditions. The methodological scenario adopted is the case study, since it allows to identify and analyze in depth the processes and social relationships that integrate the object of research. The following methodological procedures are also used as ways of operationalizing the research: bibliographical and documentary research, participant observation and semi-structured interviews. This work shows that to live the party is to live the place from experience and emotions, it is to find oneself in the other and to recognize oneself. It is to mark, model and transform the place by assigning value, sense and meaning. For people with disabilities, congado is also a source of didactic, social, cultural and inclusive wisdom.

**Keywords:** Congado; Recreation; Party

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar la cultura del congado como un instrumento que revela la religiosidad y la transmisión de conocimientos que van más allá del conocimiento simbólico e histórico, y que contribuyen a la construcción del sentimiento de pertenencia a la cultura local. Como objeto de investigación, se eligió la guardia de la Asociación de Padres y Amigos de los Excepcionales de Ouro Preto (APAE-OP) y su relación con las partes de Nossa Senhora do Rosário y Nossa Senhora das Graças, con el fin de investigar el importancia social congado para los alumnos de esa institución. Para el análisis propuesto, las contribuciones teóricas de la Geografía Cultural se utilizan junto con los Estudios de Ocio, lo que nos abre a la expansión de nuevas posibilidades para repensar la dimensión espacial de la cultura fenomenológica y los desarrollos en los estudios del espacio vivido. Esta investigación es, para estudios de ocio específicamente, una forma de conocer una dimensión importante de la vida humana, que es la fiesta, y comprender mejor nuestras tradiciones. El escenario metodológico adoptado es el caso de estudio, ya que permite identificar y analizar en profundidad los procesos y las relaciones sociales que integran el objeto de investigación. Los siguientes procedimientos metodológicos también se utilizan como formas de poner en práctica la investigación: investigación bibliográfica y documental, observación participante y entrevistas semiestructuradas. Este trabajo muestra que vivir la fiesta es vivir el lugar desde la experiencia y las emociones, es encontrarse en el otro y reconocerse. Es marcar, modelar y transformar el lugar asignando valor, sentido y significado. Para las personas con discapacidad, el congado es también una fuente de sabiduría didáctica, social, cultural e incluso.

Palabras llave: Congado; Recreación; Fiesta

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e das Graças .....	29
Figura 2 - Congado do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier .....	30
Figura 3 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de São Antônio do Salto ....	31
Figura 4 - Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário Santa Efigênia do Alto da Cruz ...	32
Figura 5 - Congado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito .....	32
Figura 6 - Guarda Manto Azul de Nossa Senhora de Aparecida .....	33
Figura 7 - Capitã Silvânia, na primeira apresentação do grupo .....	40
Figura 8 - Bandeira da Guarda Nossa Senhora do Rosário e das Graças .....	41
Figura 9 - Bandeira atual utilizada pelo grupo .....	42
Figura 10 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças (2018) .....	43
Figura 11 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças (2019) .....	43
Figura 12 - Convite para Festival de Inverno (2008) .....	45
Figura 13 - Registro na Comissão de Folclore .....	46
Figura 14 - Primeira Festa do Rosário (2006) .....	47
Figura 15 - Reportagem sobre a guarda de Congado da APAE-OP no informativo da empresa Novelis (Ano 1, n. 3, p. 5, fev. 2008) .....	48
Figura 16 - Homenagem à Silvânia na Câmara de Vereadores de Ouro Preto .....	49
Figura 17 - Ensaio dos alunos (1) .....	52
Figura 18 - Ensaio dos alunos (2) .....	53
Figura 19 - Momento de fé da capitã (2018) .....	57
Figura 20 - Convite da festa do congo (2018) .....	59
Figura 21 - Convite da festa do congo (2019) .....	60
Figura 22 - Chegada da imagem de Nossa Senhora das Graças .....	61
Figura 23 - Coroação do reinado de festa (1) .....	61
Figura 24 - Coroação do reinado de festa (2) .....	62
Figura 25 - Coroação do reinado de festa (3) .....	62
Figura 26 - Imagem da reza do terço na sede da APAE-OP .....	63
Figura 27 - Nossa Senhora das Graças e de Nossa Senhora do Rosário .....	64
Figura 28 - Mastro de Nossa Senhora do Rosário (1) .....	64
Figura 29 - Mastro de Nossa Senhora do Rosário (2) .....	65
Figura 30 - Mastro de Nossa Senhora do Rosário (3) .....	65
Figura 31 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (1) .....	66
Figura 32 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (2) .....	66
Figura 33 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (3) .....	67
Figura 34 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (4) .....	67
Figura 35 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (5) .....	68
Figura 36 - Guardas presentes na festa do Rosário (2019) (6) .....	68
Figura 37 - Momento da chegada de Nossa Senhora do Rosário à igreja .....	70
Figura 38 - Momento do ofertório .....	71
Figura 39 - Procissão .....	71

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Calendário de festas do Rosário em Ouro Preto com participação dos congados

44

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMIREI	Associação dos Amigos do Reinado
APAE	Associação de Pais e Amigos
APAE-OP	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1.1 Metodologia</b> .....	<b>9</b>
1.1.1 <i>Pesquisa bibliográfica</i> .....	11
1.1.2 <i>Observação participante</i> .....	12
1.1.3 <i>Entrevistas</i> .....	14
1.1.4 <i>Trabalho de campo</i> .....	16
<b>2 ESCRAVIDÃO E O CONGADO: UMA ABORDAGEM DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA E EXPRESSÃO CULTURAL</b> .....	<b>18</b>
2.1 Re-existindo a escravidão: um pouco de discussão e história .....	19
2.2 Origem e definição do congado .....	21
2.3 O congado em Minas Gerais.....	26
2.4 As possíveis relações entre o congado e o espaço vivido.....	35
2.5 Percurso metodológico da pesquisa de campo.....	37
<b>3 APRESENTANDO A GUARDA DO CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS</b> .....	<b>40</b>
3.1 A experiência do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças a partir da professora e capitã Silvânia Borges.....	49
3.2 O trabalho, no dia de festa, também é festa: um olhar sobre o espaço vivido na Festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP .....	58
3.3 Descrição da festa .....	59
3.4 Músicas do congado da APAE-OP .....	72
<b>4 UMA REFLEXÃO SOBRE O LAZER E SUA APROXIMAÇÃO COM A CULTURA</b> .....	<b>75</b>
4.1 Conceitos e definições acerca do lazer .....	76
4.2 O lazer como prática cultural .....	78
4.3 Uma abordagem sobre lazer e festa .....	82
4.4 Desvelando o mundo vivido através da festa do Rosário da APAE-OP e sua relação com a prática cultural do lazer .....	84
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>95</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>106</b>

## 1 APRESENTAÇÃO

Percorri alguns caminhos até começar a pesquisar a cultura do congado. No mestrado em Geografia, no Instituto de Geociências (IGC), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), abordei as categorias conceituais de análise da Geografia Cultural e da Etnogeografia para analisar e reinterpretar paisagens relacionadas ao processo de obtenção de visibilidade política, nos últimos anos/décadas, pelos núcleos quilombolas domiciliados no Vale do Jequitinhonha.

É importante destacar que meu interesse em estudar o Vale do Jequitinhonha, naquele momento, surgiu em razão da minha experiência profissional, adquirida na cidade de Diamantina-MG, onde trabalhei na prefeitura municipal entre os anos de 2011 a 2013. Cabe ressaltar, ainda, que as comunidades tradicionais dão ao Vale a vitalidade cultural que o distingue no conjunto das mesorregiões mineiras.

Assim sendo, a investigação foi verticalizada nas comunidades de Alto dos Bois, de Córrego do Engenho e de Barra do Capão, situadas no município de Angelândia, no Alto Vale do Jequitinhonha, e abordou as linhas interpretativas da Geografia Cultural contemporânea, sobretudo das visões mais heterodoxas do “marxismo cultural”, de Denis Cosgrove. Considerando o contexto contemporâneo de exercício de novas territorialidades e de reelaboração/ressignificação de identidades, verifica-se, no Jequitinhonha, o desenvolvimento de identidades culturais emergentes, ou seja, aquelas capazes de oferecer um desafio à cultura dominante e que são portadoras de uma nova mensagem social.

Proponho, na presente tese, investigar a cultura do congado, que revela a religiosidade e a transmissão de saberes a partir de conhecimentos simbólicos e históricos e da construção de um sentimento de pertencimento à cultura local. Desse modo, vislumbrei a possibilidade de aprofundar os estudos sobre essa temática devido à riqueza de elementos e de significados que envolve essa manifestação cultural.

Destaco que, antes da realização deste trabalho, meu contato com o congado era simplesmente apreciativo, já que não conhecia essa prática como parte da história religiosa e cultural dos negros no Brasil. Em meio à pesquisa e ao reconhecimento do congado, um novo olhar foi emergindo e, daí, veio o desejo de saber mais sobre o universo e entender a importância social da manifestação congadeira.

Entre os estudos sobre o congado que ancoraram teoricamente esta tese, destaco o trabalho de Vânia de Fátima Noronha Alves (2012). Nele, a autora descreve as guardas

existentes em oito cidades da Rota dos Diamantes, da Estrada Real, em Minas Gerais, entre Diamantina e Ouro Preto, analisando como esses grupos se constituem sob uma perspectiva histórica, cultural e religiosa.

Outro estudo de relevância para a presente pesquisa é o realizado por Maria Luiza Evaristo (2018) em sua tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e intitulada *A fé que dança e (em)canta: análise das experiências religiosas de congadeiros nas minas de Minas*. Nesse trabalho, a autora retrata uma visão histórica do congado nas cidades de Ouro Preto e Conselheiro Lafaiete, desde suas origens, no período colonial.

Por sua vez, Juliana Corrêa (2009), em sua dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), intitulada *De reinados e de reisados: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis-MG*, apresenta uma visão antropológica sobre os Reinados e Reisados, que auxiliaram nas reflexões sobre o congado e a escravidão.

A partir desses estudos, foi possível identificar e entender a presença das festividades do Rosário na atual Minas Gerais, fato que se deu, em grande parte, em decorrência da transferência de escravos que trabalhavam em lavouras de cana de açúcar para as minas de ouro, onde os negros escravizados se associaram às irmandades, o que reforçou seus costumes e suas tradições em terras mineiras. Conforme Evaristo, “foi no contexto da Minas colonial, no seio dessas confrarias leigas, particularmente nas Irmandades destinadas aos homens pretos, é que surge o congado” (2018, p. 53). O congado nasce, portanto, como uma manifestação expressiva de uma visão particular de mundo da religiosidade negra mineira objetivando render homenagens aos santos padroeiros.

O estado de Minas Gerais, hoje, é caracterizado como uma das regiões em que mais se vive e revive o congado conforme as tradições. Isso possibilitou a realização de pesquisas nas quais se revelam a sua identidade cultural, a ressaltar os trabalhos de Evaristo (2013; 2015), Alves (2012), Lucas (2002), Sousa, (2011), Silva (2007) e Brandão (2020).

Quanto ao objeto de estudo desta pesquisa, foi escolhida a guarda da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto (APAE-OP), devido à singularidade da guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças para o município, que, de acordo com Silva (2017, p. 17), “reúne dois fundamentos de grande relevância, as práticas culturais de matriz africana e as ações pedagógicas voltadas para as pessoas com deficiência”. A reunião

desses dois elementos – práticas culturais de matriz africana e ações pedagógicas – foi o que determinou a escolha do objeto de investigação.

Além de sua importância para aqueles que estão diretamente envolvidos na manifestação cultural, o congado da APAE também tem um caráter tradicional, já que guarda características específicas que demonstram como a cultura negra tem sobrevivido com o passar do tempo. Ademais, as festividades da guarda da APAE vêm contribuindo significativamente para a perpetuação do congado no município e na região.

Com base nesses dados e reflexões, a tese apresenta o seguinte problema de pesquisa: os festejos e as práticas realizadas na festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP podem ser compreendidos como uma prática de lazer?

Essa questão impulsionou a definição do objetivo geral desta tese que é investigar, sob uma perspectiva cultural, a festa de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Graças da APAE-OP. Por sua vez, os objetivos específicos da pesquisa são: a) conhecer a constituição da guarda do Rosário da APAE-OP e a importância social do congado para os alunos; e b) realizar uma descrição das práticas culturais da festa.

Para entender o processo de apropriação e de incorporação da cultura congadeira na APAE-OP por meio do congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, a proposta é realizar um estudo de caso, em uma pesquisa de natureza qualitativa que permite uma maior proximidade com o problema por meio do contato direto com os sujeitos da análise.

Enfim, a escolha desse tema se deu pelo fato de o congado ser uma manifestação cultural brasileira e um relevante assunto para se trabalhar a religiosidade, na aceitação e no respeito aos afrodescendentes e à sua cultura. Assim sendo, o congado tem sido descrito como importante espaço de luta e de reivindicações dos negros por seus direitos, de construção de uma identidade étnica, conforme vemos nos estudos de Hasenbalg (1979), Fernandes (2003), Santos e Mahfoud (1999, 2002), Silva (1999), Barletto e Sousa (2007), Leonel (2015) e Alves (2008).

Tendo como foco estudar a prática congadeira, que possibilita diversas interpretações, princípios e significados, dois estudos foram primordiais para o desenvolvimento e a construção desta tese.

O trabalho desenvolvido por Costa (2013), apresentado no Programa de Pós-graduação em Estudos do Lazer, que realizou uma pesquisa na comunidade quilombola dos Arturos, denominado *Arturos, filhos do Rosário: nas práticas sociais, uma história que se revela na Festa de Nossa Senhora do Rosário*. Embasada nos estudos das práticas do lazer, a pesquisadora

buscou identificar como se dão as relações da comunidade com o mundo à sua volta, suas devoções e atividades festivas, e teve, como principal objetivo, entender como as crianças participam das festas do Rosário e qual o significado dado por elas à manifestação congadeira. Para isso, abordou histórias, práticas religiosas e culturais, por meio dos rituais, das festividades e da vivência do cotidiano da comunidade, com a intenção de compreender as relações que emergem a partir da participação dessa comunidade na festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

Por sua vez, o estudo desenvolvido por Silva (2017), intitulado *O congado na experiência escolar da APAE de Ouro Preto: um estudo de caso sobre a cultura congadeira no contexto da educação especial* e apresentado no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto, aponta para a cultura congadeira na cidade de Ouro Preto-MG, que se revela como um local que preserva essa manifestação e ressalta a importância dessa prática como uma expressão cultural vivenciada na cidade. Sua dissertação teve como objetivo compreender e analisar quais são os desdobramentos do congado nas práticas escolares da APAE-OP. Para tanto, a autora realizou um estudo sobre a experiência singular da guarda de congado inserida em um contexto educacional por meio do ensino da cultura afro-brasileira na instituição.

Evidenciamos que ambas as pesquisas subsidiaram as reflexões propostas no presente estudo e contribuíram para a constatação de que o congado, atualmente, tem despertado interesse de profissionais dos mais diversos campos do conhecimento para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas. Por sua grandiosidade e complexidade, o tema se abre para infinitas possibilidades de estudo.

A relevância da pesquisa aqui proposta se dá pela possibilidade de compreender o congado e a presença dessa riqueza viva em Minas Gerais até os dias de hoje, além de poder revelar vertentes da cultura afro-brasileira em diálogo com as heranças africanas. Isso permite a valorização dessas manifestações da cultura popular e contribui para o entendimento do contexto sociocultural e da concepção de mundo dos sujeitos que vivem o congado.

Ao investigarmos a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP, evidenciamos que é no “momento festivo que emerge os sentimentos, os interesses materiais, simbólicos e os diversos significados” (BRANDÃO, 2020, p. 37). Assim, a festa, enquanto manifestação lúdica e criativa, promove o fortalecimento de laços sociais e identitários, é um evento de comunicação e representação sociocultural. Portanto, as festas são um fenômeno revelador da cultura e da sociedade e, por isso mesmo, constituem um tema de

crescente interesse nos debates acadêmicos, já que permitem muitas possibilidades para análises da sua dimensão simbólica.

Para os Estudos do Lazer, a pesquisa se abre para o conhecimento das práticas culturais, como a festa, além de significar a possibilidade de entender mais sobre o povo congadeiro, suas tradições e seu modo de vida. Segundo Gomes *et al.* (2016, p. 102), “é preciso reconhecer a existência de novos modos de vida no contexto contemporâneo que buscam problematizar o lazer em diferentes realidades e perspectivas”.

Nesse sentido, Alves (2008, p. 53) destaca que “o jogo, a festa, o rito, as atividades de lazer não são apenas distrações, divertimento e entretenimento, com vistas a se recuperar as forças físicas, ‘recarregar as baterias’ e/ou minimizar as mazelas sociais”. Eles respondem, desse modo, satisfatoriamente, a um sistema capitalista, como é o nosso, às exigências do trabalho, do mercado, do capital e da sociedade. Assim, o momento festivo se caracteriza pela pausa no cotidiano, ou seja, é um momento de renovação.

Ao se remeter às novas concepções e perspectivas sobre o lazer, Gomes (2012) menciona a necessidade de desenvolver e aprofundar discussões sobre o campo com o objetivo de repensar as clássicas defendida por autores como Sebastian de Grazia (1966), Joffre Dumazedier (1964, 1980, 1973), Pierre Laine (1970) e Erich Weber (1969) e, assim, construir novas abordagens que levem em conta as práticas culturais.

Tendo como hipótese de trabalho desvendar o espaço vivido dos membros da guarda com a festa, esta pesquisa utiliza os aportes teóricos da Geografia Cultural<sup>1</sup>, caracterizada como um subcampo da Geografia que analisa a dimensão espacial da cultura de base fenomenológica e os desdobramentos nos estudos do espaço vivido.

Segundo Holzer (1997, p. 82) “o mundo vivido exprime uma relação existencial, portanto subjetiva, que o indivíduo, ou o grupo social, estabelece com os lugares, refletindo seu pertencimento a um determinado grupo num determinado lugar”. Logo, para se conhecer o mundo vivido, é necessário o conhecimento de seus atores, de suas práticas, representações e imaginário espacial.

A fim de desenvolver uma pesquisa dentro do campo da Geografia Cultural, o presente trabalho busca compreender os estudos sobre a cultura na formação das sociedades, em concordância com os trabalhos de Paul Claval (2014). O autor evidencia que vivemos uma

---

<sup>1</sup> “A Geografia Cultural é, atualmente, uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas” (MCDOWELL, 1996, p. 159).

volta ao Cultural na Geografia e, considerando essa ideia, escolhemos destacar o papel que as concepções de Cultura assumem nas relações com o lugar, combinado aos estudos humanísticos que valorizam a experiência vivida das pessoas em relação ao seu espaço, com destaque para Tuan (1983, 2012).

Na Geografia Cultural contemporânea, destaca-se, sobretudo, o novo interesse pelas investigações de uma pluralidade de temas relacionados à cultura popular, ao folclore, à etnia, ao gênero, à religião, assim como a diferentes manifestações artísticas, como a música, a literatura e a poesia. A partir disso, a ideia de lugar começa a ser entendida como a parcela do espaço “que traz consigo uma história, uma identidade, e isso mostra como os aspectos subjetivos ganham forma na nova abordagem da Geografia Cultural” (OLIVEIRA, 2004, p. 43).

Desse modo, ao abordar a Geografia Cultural nesta pesquisa, analisamos o tratamento dos campos simbólicos produzidos pelas representações espaciais e pela subjetividade, além das festas que assumiram, na agenda da Geografia Cultural, espaços investigativos que promovem enriquecedoras análises, conforme evidenciado nos trabalhos de Claval (2002; 2007; 1999), Almeida (2011; 2009), Rosendahl (2006; 1999), Zanatta (2008) e Gil Filho (2008).

Segundo Arosteguy (2018), a Geografia Cultural começou a ter uma preocupação mais ampla com a sociedade, com sua economia e política e, como consequência disso, enveredou por caminhos com um viés mais humanista, como o papel das representações religiosas, o sentido dos lugares e a importância do vivido. Por meio da Geografia Cultural, será possível a compreensão dos vínculos que os sujeitos criam entre si e pelo modo como constituem os espaços festivos e se conectam simbólica e afetivamente com o lugar.

Dessa forma, as festas se fazem em contextos espaciais múltiplos, sobretudo, ao produzirem o espaço simbólico da fé e da devoção, enfim, o próprio espaço religioso que gera interpretações para o entendimento do ser humano e da produção do mundo simbólico por ele produzido. Esse viés de análise é contrário à visão de que o mundo seja guiado apenas pela racionalidade objetiva, funcionalista e matemática, pois as pesquisas culturais consideram como fundamental a troca constante de experiências intersubjetivas.

Segundo Silva e D’Abadia (2012, p. 1999), “as festas religiosas são relevantes aos estudos da Geografia Cultural, por serem produzidas e produtoras de uma teia de significados que exprimem os sentidos da própria cultura e, ainda, por serem produções simbólicas”. Entendemos, assim, que quem atribui diretamente esses sentidos e significados são aqueles que

participam como devotos, visitantes e organizadores e que perpetuam as festividades por meio da tradição.

O papel desempenhado pelos geógrafos culturais é, portanto, o de observar o comportamento e as atitudes do homem em busca de entender os valores intrínsecos construídos por determinado agrupamento humano, além de suas contradições e seus conflitos. Sob tal ótica, Salgueiro (2001, p. 50) considera que “o espaço é um produto cultural imbuído de significações que traduzem as crenças e os valores da sociedade, é repositório das culturas e estilos de vida [...], faz parte da identidade dos indivíduos e das sociedades”.

Assim sendo, o espaço pode ser uma categoria de análise para os Estudos do Lazer, tendo em vista que é nele que ocorre a prática do lazer. O lazer, assim como qualquer outra atividade social, necessita de um lugar. Trata-se de uma atividade social que consome e se desenvolve no território e, para os indivíduos, é certo dizer que as atividades de lazer influenciam diretamente na ocupação e na (re)criação do espaço. Segundo Almeida *et al.* (2011, p. 24), “o espaço geográfico é concebido como um espaço existencial e nele os territórios e lugares são entendidos como porções imbuídas de significados, de emoções e de sentimentos”.

Para Gomes, por sua vez, é importante considerar a compreensão do espaço geográfico em que atuamos como estudiosos e pesquisadores do lazer:

pois não se trata de apenas um espaço físico e sim de um espaço político e social repleto de dimensões simbólicas que se materializam, culturalmente, no cotidiano de nossas percepções, identidades, subjetividades, sentimentos e modos de intervir em cada contexto que são realizadas. (GOMES, 2011, p. 2).

Destacamos que, no espaço, ocorrem as mais variadas formas de ações e relações. Nessa lógica, é possível mencionar Buttimer (1985, p. 178), quando se refere ao espaço como “espaço vivido”, onde se faz presente a experiência vivida do espaço, que remete ao mundo como ele é experimentado pelos indivíduos no seu cotidiano.

O espaço, como categoria de dimensão abstrata, deixa de ser a referência central, pois o mundo vivido é construído socialmente a partir da percepção das pessoas que o experienciam (interpretado pelos indivíduos). Buttimer explica que o mundo vivido não seria:

um mero mundo de fatos e negócios [...], mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal. (BUTTIMER, 1985, p. 172).

Dessa forma, os lugares começaram a ser descritos e analisados a partir de uma percepção mais subjetiva do espaço como um processo vivo, com a incorporação das emoções, dos sentimentos e das sensações. Assim, é plausível enxergar o lazer como parte integrante da dimensão simbólica e, portanto, subjetiva, através da qual as pessoas vivenciam e experimentam práticas das diversas manifestações culturais.

Segundo Nogueira (2013), a Geografia considerou o lugar como a expressão do espaço geográfico em seu sentido de localização, mas o lugar tem um realinhamento e uma revalorização na Geografia Cultural<sup>2</sup> e não fica mais restrito às dimensões do visível e do calculável, pois passa a ser moldado por meio de experiências cotidianas que se expressam na linguagem e que o tornam um ponto de referência medido por significado, em que a identidade do indivíduo é reforçada e, igualmente, transformada. Assim, o lugar pode ser interpretado como um elemento (real, fictício) que liga os indivíduos por meio de relações sociais e de sentimentos de pertencimento à sociedade:

Os homens constroem e dão significados aos lugares. Significados que para alguns parecem invisíveis, mas para outros são carregados de histórias e de emoções. O lugar é um mundo de significados organizados, adquiridos pela experiência humana, e se mostra a partir do que eu experiencio e que é experienciado pelo outro, experimentar no sentido de viver. (NOGUEIRA, 2013, p. 85).

O mundo vivido é, portanto, o lugar vivido, o lugar de vida, de existência e da experiência. É um pedaço do mundo que diz quem somos, como vivemos, como nos relacionamos com a terra e com os seus seres.

O lugar é um pedaço do mundo carregado de significados existenciais e simbólicos. A relação que se estabelece com o lugar é resultado também da relação que se estabelece com os homens que nele habitam. Todos os lugares são pequenos mundos, e lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, a depender das emoções humanas. (NOGUEIRA, 2013, p. 87).

Foi dessa maneira que o foco de análise da Geografia Cultural voltou-se para a compreensão dos sentimentos de vínculo e de identidade dos indivíduos e dos pequenos grupos sociais com o espaço que ocupam. Esse novo pensamento busca, portanto, uma fundamentação nas filosofias do Significado e da Vivência, principalmente na Fenomenologia, no Existencialismo, no Idealismo e na Hermenêutica. Os seus autores focalizam a subjetividade

---

<sup>2</sup> “A Geografia Cultural está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal, e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base de inteligibilidade do mundo real” (CORRÊA, 2003, p. 30).

humana como base de suas reflexões, ao interpretarem o espaço como um lugar de pensar e de agir formado por ações humanas em relação ao mundo. Nessa tendência da Geografia, o espaço não é considerado apenas de forma abstrata e geral (como fez, até então, a Geografia Neopositivista). O lugar torna-se o centro das atenções e é visto como concreto e marcado por visões subjetivas nas quais se agregam, ao meio físico, os mais diversos significados (TUAN, 1983, p. 8-9).

Nesse cenário, a abordagem fenomenológica que se incorpora à Geografia Cultural valoriza a visão de mundo das pessoas comuns em detrimento das concepções formais da ciência, além de valorizar o sentido de lugar (TUAN, 1983; 2012) e a percepção que as pessoas comuns têm do seu ambiente de vivência, ao considerar a perspectiva da sua experiência como sujeitos da pesquisa, e não como objetos (NITSCHE; BAHL, 2009).

Nessa lógica, as contribuições da Geografia Cultural, que procuram alargar as possibilidades de caminhos teóricos e metodológicos da ciência geográfica para além daqueles mais consagrados e frequentes, consideram a festa como uma possibilidade de aproximação à essência espaço-temporal dos lugares. Para os Estudos do Lazer, trata-se de uma forma de conhecer uma importante dimensão da vida humana, que é a festa, e de entender melhor sobre as nossas tradições.

Assim sendo, por meio da abordagem do lugar, o presente estudo pretende revelar a história da festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP como uma experiência de grande importância para compreender de que modo as práticas culturais e religiosas podem se constituir em diferentes contextos. Portanto, o congado da APAE-OP e os sujeitos que o compõem fundamentam o horizonte investigativo.

## **1.1 Metodologia**

As concepções teórico-conceituais que norteiam este trabalho partem de uma preocupação inicial por compreender a cultura congadeira em interlocução com os estudos do Lazer e têm, como objeto de estudo, a guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. Foram buscadas, particularmente, contribuições de autores como Mello e Souza (2002), Rosa (2002), Magnani (2003), Gomes e Pereira (2000), Lôbo (2011) e Alves (2008).

O cenário metodológico adotado foi o estudo de caso, que, segundo Dencker (1998, p. 127), permite o conhecimento e a profundidade dos processos e das relações sociais que integram o trabalho. O estudo de caso pode envolver o exame de registros, a observação de

ocorrência de fatos e entrevistas. Dessa forma, caracterizou-se como um processo mais adequado para a presente pesquisa. Quanto ao tipo de pesquisa, foi adotada a de caráter qualitativo, e Dencker (1998, p. 103) sinaliza que essas pesquisas se caracterizam pela utilização de metodologias múltiplas, sendo que as mais frequentes são a observação, a entrevista em profundidade e a análise de documentos. Buscou-se, assim, descobrir formas de contribuição que fossem evidenciadas na prática. É relevante assinalar, nessa perspectiva, que:

pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de estudo. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: levantamentos bibliográficos; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. (GIL, 2017, p. 41).

Sendo a pesquisa de natureza qualitativa, ela se desenvolveu por meio de técnicas de observação da realidade e de entrevistas com os membros da guarda, em especial os mais antigos, que são os detentores de um amplo leque de informações sobre a história, a memória, os personagens e fatos do cotidiano local, nem sempre visíveis e conhecidos pelo senso comum (SILVA; BOMFIM, 2009). Nesse sentido, Dencker (1998, p. 127) ressalta “a importância das técnicas de observação, uma vez que elas permitem o registro do comportamento no instante em que este ocorre”. Sendo assim, foram viabilizados o registro das observações e a gravação das entrevistas.

Tem-se a compreensão de que as informações concedidas durante a entrevista não são um conhecimento sistematizado, que os membros da guarda possam ter em mente com clareza, para, conseqüentemente, poderem repassar, de forma objetiva, ao pesquisador, em um questionário fechado. Trata-se, sim, de um conhecimento a ser descoberto por meio de métodos que considerem a relação intersubjetiva dos sujeitos com seu espaço vivido.

Com o intuito de alcançar os resultados almejados, utilizaram-se os seguintes procedimentos metodológicos como formas de operacionalização da pesquisa: pesquisa bibliográfica e documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Assim, o primeiro passo foi a realização de um levantamento bibliográfico e documental, a fim de apreender os processos históricos da guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP.

### 1.1.1 Pesquisa bibliográfica

O planejamento de uma pesquisa, de acordo com Gil (2017, p. 65), tem como principal base a coleta de dados, por meio da pesquisa bibliográfica. A investigação é, assim, desenvolvida a partir de um material já elaborado, constituído principalmente por livros, artigos e trabalhos acadêmicos. Como assinala Schlüter:

as fontes secundárias são constituídas por estudos apresentados em congressos, seminários, teses de doutoramento, relatórios de pesquisa, bases de dados factuais – que contêm dados numéricos e/ou concretos – e revistas científicas. Outras importantes fontes secundárias são: as histórias de vida, as biografias e as autobiografias. (SCHLÜTER, 2003, p. 73).

Nesta etapa, buscaram-se publicações (livros, artigos científicos, dissertações e teses) brasileiras e estrangeiras que abordassem os eixos temáticos. Para tanto, utilizou-se o acervo das bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Cabe destacar que a pesquisa bibliográfica foi efetuada em concomitância com o desenvolvimento de todo o estudo.

Ao buscar uma maior compreensão dos temas propostos – festas, congado e lazer –, nos apropriamos de aportes de autores-chave, como: Anjos (2006), Arruti (1997) Silva (2017), Costa (2013; 2017), Alves (2008), Lucas (2011), Martins (1997), Pereira, (2007), Mello e Souza (2002), Rosa (2002, 2004, 2007), Brandão (2020), Magnani (2003), Melo (2011), Leite (2008), Júnior (1968), Camargo (1986) e Duvignaud (1983). Nos pautamos, ainda, em contribuições na Geografia Cultural, apresentadas por Almeida (2013), Claval (2001, 2004), Heidrich (2013), Corrêa e Rosendahl (1999; 2003) e Deus (2005, 2009, 2010).

Cabe destacar, além disso, que, na fase exploratória da análise documental, utilizou-se o *Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças*, uma vez que, segundo Dencker (1998, p. 127), “uma pesquisa documental difere-se da pesquisa bibliográfica por utilizar material que ainda não recebeu tratamento analítico ou que pode ser reelaborado”. As fontes documentais podem ser documentos encontrados em arquivos de instituições públicas, privadas ou pessoais. Destacamos que o portfólio é um documento do tipo pessoal, uma vez que foi produzido por um dos sujeitos da pesquisa e se revelou de grande importância para o entendimento dessa manifestação, já que, através dele, foi possível realizar um levantamento sobre os aspectos ligados à trajetória do grupo.

A utilização da pesquisa bibliográfica foi importante não apenas como uma compilação de informações, mas porque possibilitou a compreensão de alguns aspectos considerados

fundamentais ao estudo, além de subsidiar os argumentos, as comparações e a formulação de hipóteses para este trabalho.

### *1.1.2 Observação participante*

Com a finalidade de realizar uma interação do pesquisador com os atores locais, estabelecer uma relação menos formal e buscar resgatar as essências dos signos e significados que compõem seus espaços de vivência, utilizou-se a observação participante. A esse respeito, Schwartz e Schwartz assinalam que:

definimos observação participante como um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, modificando e sendo modificado por este contexto. (SCHWARTZ E SCHWARTZ, 1995, p. 355 *apud* CICOUREL, 1980, p. 89).

A observação participante, neste estudo, consistiu no envolvimento do pesquisador com os sujeitos pesquisados, pois possibilitou sua integração ao objeto de pesquisa e contribuiu para a interpretação dos dados coletados em campo. De acordo com Borges (2009, p. 185), “a relação estreita com os sujeitos da pesquisa é importante para uma compreensão mais ampla dos modos pelos quais determinada sociedade ou grupo pensa e age sobre seu mundo”.

Assim sendo, a escolha dessa metodologia partiu das distintas áreas do conhecimento que a incorporam em seu escopo metodológico e com a inserção do pesquisador em um grupo, “analisando-o de dentro para fora, por meio de vivências e convivências cotidianas” (BORGES, 2009, p. 186). É relevante assinalar que, para tal, foi preciso haver uma clareza quanto aos objetivos da pesquisa, associada, ainda, à atitude de “estar aberto”:

a atitude de “estar aberto” deve ser compreendida como, antes mesmo de dar início às atividades de pesquisa, “ver”, “sentir”, “analisar” o lugar aonde se chega, seja uma cidade, uma comunidade, uma tribo indígena, ou até mesmo a casa de alguém, uma empresa, ou uma organização. É preciso que o pesquisador se identifique com esse lugar, que ele “sinta” e consiga “ler”, nesse lugar, os caminhos por onde deve andar para construir seu processo de pesquisa de campo. Numa pesquisa em que se queira trabalhar com a observação participante, identificar-se com o lugar, gostar de estar lá, é um passo pertinente e, muitas vezes, imprescindível. Dessa forma, “estar aberto” pode ser entendido como estar disposto a gostar, se identificar, a acolher os lugares por onde anda e, sobretudo, as pessoas deste lugar. (BORGES, 2009, p. 190-191).

Percebe-se que o desenvolvimento de uma pesquisa de caráter participante demanda uma série de esforços, tanto do pesquisador, como dos pesquisados, por isso, não há um único modelo de pesquisa participante. Cada processo exige uma série de interferências específicas, cujos momentos para o desenvolvimento das práticas de pesquisa devem respeitar a dinâmica social e política dos atores envolvidos.

Segundo Borges, é preciso considerar o desenvolvimento das atividades de campo, como na análise das informações coletadas:

- A observação participante requer a disponibilidade de um longo tempo para a pesquisa de campo; de início, para preparar a inserção do pesquisador, depois, para conseguir, por meio da convivência demorada, coletar os dados necessários.
- O pesquisador deve estar ciente de que ele será um estranho no grupo e que deve encontrar ali o seu próprio lugar, ser aceito.
- Deve-se dar prioridade para a relação pesquisador-pesquisado, pois é a partir dela que se conseguirá atingir os objetivos da pesquisa; para isso, é importante justificar sua presença no grupo, muito mais do que elaborar explicações para isso, encontrar nas explicações do grupo sobre sua presença, o seu próprio lugar no grupo.
- O pesquisador nunca deve deixar de ser um alguém “de fora”, realizando um trabalho estranho ao grupo, deve, portanto, usar isso a seu favor.
- A participação de um “informante-chave” é imprescindível, em todas as etapas do trabalho, inclusive nos momentos de interpretação dos dados.
- O pesquisador deve compreender que ele não passa despercebido e é constantemente observado pelo grupo que está observando.
- O pesquisador deve estar atendo às várias formas de informação que podem lhe chegar através de todos os sentidos (ouvir, sentir, ver...) e que, na maioria das vezes, uma entrevista formal é desnecessária, pois esta atenção dos sentidos vai lhe indicar os passos a serem dados, as perguntas a serem feitas, os dados a serem coletados. Com o tempo, muitas informações chegam ao pesquisador sem que ele as procure.
- O pesquisador deve estabelecer uma rotina de trabalho, manter um cotidiano de atividades de pesquisa rígido, utilizando-se sempre de um “diário de campo” para suas anotações. A presença rotineira do pesquisador é um dos meios para se alcançar a confiança do grupo.
- Os erros cometidos no campo podem servir para mostrar novos rumos à pesquisa, eles devem ser vistos como diretrizes para novas perguntas, novas buscas de informações e possibilitar a reflexão sobre o porquê dos desacertos.
- O resultado de todo o esforço de uma pesquisa, na maioria das vezes, não vai servir em nada para o grupo pesquisado, então, o que pode ficar de “recompensa” será muito mais a amizade ali construída. (BORGES, 2009, p. 188-189).

Um dos aspectos mais abordados nas pesquisas que se propõem a realizar uma observação participante é a “disponibilidade de um longo tempo” e “a convivência demorada”, como destacou Borges (2009). Contudo, segundo Macedo (2010, p. 92), esse aspecto está diretamente relacionado “ao grau de envolvimento necessário à abordagem do objeto, ou mesmo da inspiração teórico-epistemológica e política do pesquisador”, ou seja, “é o objeto da pesquisa que vai fornecer as evidências capazes de fomentar uma decisão quanto à dimensão do período da observação e ao grau de envolvimento necessário”.

Nesse mesmo sentido, com a observação e as anotações do trabalho, foi realizado o registro dos dados, por meio de fotografias, para dar a noção de visual, como um quadro em que se revelam as vivências, os sujeitos, os ambientes e os cenários em que o congado investigado se faz presente. De acordo com Silva (2017, p. 21), “as imagens contribuem para um melhor entendimento da experiência, e se constituem como uma linguagem visível que revela a vivência dessa guarda”. A fotografia foi utilizada como registro e para traduzir em imagens alguns momentos que marcaram e demarcaram a experiência do congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças.

Assim sendo, a pesquisa de campo foi muito importante na investigação científica, em que tornamos a pesquisa *in loco* um momento de diálogo e participação com os sujeitos investigados: um instrumento necessário e indispensável para a realização de investigação de qualquer natureza, pois é nesse momento que o pesquisador entra em contato direto com a realidade a ser estudada (SANTOS E PESSOA, 2009).

### 1.1.3 Entrevistas

Para aplicação das entrevistas, foi necessário sistematizar claramente as etapas da observação, delimitando bem os objetivos e os princípios da metodologia utilizados, além de compreender a convivência com os nativos como uma prática fundamental nos trabalhos de campo e, ainda, conhecer e aplicar um escopo de métodos particulares para a coleta, a manipulação e a construção dos dados, tanto em campo, como em escritório.

Dessa forma, a vivência e as percepções que emergiram das entrevistas foram importantes para um melhor entendimento acerca da guarda do congado. Foi elaborado um roteiro de entrevista para a coleta de dados e posterior confrontação de informações, cujas questões não permaneceram fixas durante todo o trabalho, sendo conduzidas de forma livre.

As entrevistas semiestruturadas são vistas da seguinte forma, na concepção de Matos e Pessoa:

se constituem na interação entre perguntas abertas e fechadas (previamente formuladas), em que o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o assunto proposto de forma mais espontânea. Esse tipo de entrevista é recomendado, porque possibilita a obtenção de mais informações além das previstas. O questionamento de uma pergunta pode abrir um leque para o entrevistado falar ou completar informações relacionadas à pesquisa, isto é, a resposta de uma pergunta dá abertura para a indagação sobre outras informações. O cuidado que se deve ter com essa técnica é para que o entrevistado não “fuja” do assunto. (MATOS E PESSOA, 2009, p. 288).

As entrevistas foram realizadas com alguns sujeitos que compõem ou que, de alguma forma, podiam interferir na prática do congado na APAE-OP. Entre eles, a professora Silvânia Borges, que lidera e rege todas as ações do grupo. Silvânia foi quem criou a guarda na instituição, em 2002, quando se tornou sua capitã, responsável pelos desdobramentos do grupo como prática cultural e religiosa.

Ressalta-se, ainda, que a opção pela entrevista semiestruturada foi porque ela consiste em uma conversa sem restrições entre o pesquisador e o entrevistado, ou seja, o pesquisador pode desenvolver cada situação da maneira que considerar mais adequada e é possível, nesse contexto, explorar mais de um questionamento, transformando a pesquisa em um diálogo informal.

O entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197).

Segundo Triviños (1987), as entrevistas, além de valorizarem a presença do pesquisador, abrem, ainda, diversas possibilidades para o informante alcançar a liberdade e a espontaneidade necessárias para o enriquecimento da investigação. Para o autor,

podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Dessa maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Assim, as entrevistas semiestruturadas constituíram um considerável recurso metodológico no esforço de apreensão dos sentidos e significados das percepções e/ou das realidades humanas. Por isso é que adotamos as entrevistas semiestruturadas como metodologia de trabalho, as quais nos permitiram construir diálogos mais profundos e profícuos com os sujeitos pesquisados.

#### *1.1.4 Trabalho de campo*

O trabalho de campo é a permissão formal do grupo dada ao pesquisador e significa o momento propriamente dito em que o pesquisador adquire a confiança do grupo, que os pesquisados passam a aceitar e se deixar observar por ele, que passa, por sua vez, a participar de suas vidas cotidianas (BRANDÃO, 2020).

Simultaneamente à leitura dos documentos, foi realizado o trabalho de campo, que se iniciou com a observação do grupo. Assim, ao definir a proposta de estudo, o primeiro passo da pesquisa foi entrar em contato com a APAE-OP e obter mais informações sobre o funcionamento do congado.

Após esse contato com a instituição, foi disponibilizado o telefone da coordenadora e capitã da guarda, a professora Silvânia Borges. Desde o primeiro encontro, ela se mostrou aberta e solícita com as indagações. Logo, marcamos uma reunião para apresentação dos objetivos do trabalho e, em nossa primeira entrevista, foi possível conhecer as origens do congado.

Ao longo da pesquisa, fui acompanhando o grupo em diferentes experiências: viagens, ensaios e na grande festa em homenagem às padroeiras, momentos que me colocaram em contato e em interação com a guarda, trazendo novos elementos que foram incorporados à pesquisa.

Propomos, portanto, tornar a pesquisa de campo um momento de diálogo e participação com os sujeitos investigados, os quais tiveram condições de nos mostrar e relatar como percebem o mundo onde vivem e que os circundam, suas crenças e tradições, seus anseios e suas angústias.

A observação dessas ações oportunizou o entendimento das relações entre os diferentes sujeitos que compõem a guarda de congado, além de propiciar maior familiaridade com o grupo, o que garantiu a desinibição dos congadeiros investigados, seja nas observações ou nos processos narrativos. Esses encontros e as diferentes experiências vivenciadas possibilitaram um melhor entendimento das práticas dessa manifestação e permitiram outro olhar sobre o grupo.

Nesses encontros, destacam-se os rituais de iniciação, com as orações do Pai Nosso e da Ave Maria, para pedir proteção para os membros do congo. Durante os ensaios e a festa, em certo momento, a capitã Silvânia circulou a bandeira em volta de seu corpo – fato que me chamou a atenção – e a estendeu para todos os membros da guarda, inclusive em minha direção.

Então, fiz como os demais e beijei a bandeira. Esse ato de beijar a bandeira da padroeira do congado é carregado de simbologia e de significação, pois é um pedido de bênção aos congadeiros e uma forma de reverenciar a Virgem Maria. Nesse ato, percebi o acolhimento da capitã e dos membros da guarda. Segundo a capitã, essa seria uma maneira de mostrar que eu já fazia parte do grupo.

Nota-se que a observação foi um recurso imprescindível para entender como ocorrem as práticas religiosas e festivas da guarda de congado da APAE-OP. Ela também foi de extrema relevância para indicar os caminhos e os questionamentos a serem evidenciados na realização das entrevistas. “Ressalte-se que estudar fenômenos sociais, processos sociais, fatos sociais e outros do ponto de vista qualitativo corresponde a algo complexo devido às múltiplas variáveis envolvidas aí carregadas de diferentes significações, em que a subjetividade se apresenta como um traço fundamental” (SILVA, RAMIRES, 2009, p. 340).

A tese foi organizada da seguinte forma:

A introdução do trabalho apresenta como a pesquisa teve origem, os objetivos do estudo, o problema, as hipóteses da investigação e, por fim, os procedimentos metodológicos.

O capítulo 2 apresenta brevemente a noção do escravismo e do congado no estado de Minas Gerais. Além disso, estabelece conexões entre o lazer e a geografia cultural, combinando a categoria de espaço vivido. No segundo capítulo, ademais, é apresentada a descrição da festa da APAE-OP através dos relatos e vivência de Silvânia, enquanto professora e capitã congadeira, para evidenciar, desse modo, a singularidade dessa experiência cultural enquanto prática religiosa.

No capítulo 3, propomos uma reflexão sobre o lazer com o intuito de entender esse fenômeno tão polissêmico, rico e complexo. Abordamos as relações entre os pressupostos teóricos encontrados nos Estudos do Lazer como prática da cultura e dimensão humana, que vêm ganhando visibilidade e sendo debatidas nos círculos acadêmicos e em fóruns sociais com a finalidade de fundamentar as questões de estudo.

Por fim, apresentamos as sínteses da pesquisa nas considerações finais, com a intenção de explicitar a relação das pessoas com seu espaço de vivência e sua percepção sobre o lazer.

## **2 ESCRAVIDÃO E O CONGADO: UMA ABORDAGEM DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA E EXPRESSÃO CULTURAL**

Sendo um pesquisador negro, almejei pesquisar a cultura negra por meio da manifestação cultural do congado, pois tal prática mantém viva as tradições negras do Brasil, em especial no município de Ouro Preto. Assim sendo, estudar a Guarda do Rosário implica evidenciar a resistência do negro escravo em Minas Gerais, o que se revela em uma memória étnica e cultural específica que sobreviveu às pressões geradas pelo escravismo.

Como pesquisador, busquei trazer, através desta pesquisa, aquilo que emerge das relações dos membros da guarda com sua festa e com o mundo, além de estabelecer conexões entre o lazer e a geografia cultural. Esse movimento ampliou meu foco. Assim, optei em dar visibilidade à prática observada e revelar tudo que vi, ouvi e senti durante a vivência com o grupo.

Esta pesquisa afetou-me profundamente pois pude vivenciar a prática do congado e ter contato com os alunos da APAE, além disso, significou um encontro com minhas raízes negras, levando-me ao reconhecimento da minha condição como pesquisador, não só em relação à aparência, mas também em referência à busca da minha história.

Destaco que adquiri a consciência da importância de nos reconhecermos como parte da história produzida no local em que vivemos e fui percebendo, ao longo das experiências junto com os congadeiros, a intensidade do congado como patrimônio cultural e religioso da cidade de Ouro Preto. Assim sendo, o encontro com a festa propiciou compreender a noção de pertencimento não só da cultura local, mas, sobretudo, da identidade étnica a partir do processo de engajamento desses sujeitos na preparação e vivência da festa e suas implicações no cotidiano.

De acordo com Evaristo (2018, p. 65), “a maioria dos estudos sobre a escravidão brasileira aborda apenas o papel de explorado desse grupo em função de seus exploradores brancos”. No entanto, é salutar que se investigue também os negros como possuidores de uma existência social. É essa existência social que torna possível, nos tempos atuais, a manutenção de tradições negras com características herdadas da África ou nascidas e ressignificadas pelo povo negro no seu passado colonial.

Este capítulo destina-se, brevemente, a problematizar a noção do escravismo e suas relações com o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, também conhecido como congado,

reisado ou congadas, que é o resultado do sincretismo entre o catolicismo europeu e os rituais religiosos africanos, e que, ademais, se revela como um símbolo de resistência dos negros e como uma manifestação afro-brasileira, presente, principalmente, no estado de Minas Gerais.

Para subsidiar as questões referentes ao tema do congado, utilizamos os seguintes autores: Alves (2008), Evaristo (2018), Lucas (2011), Martins (1997), Pereira (2007), Brandão (2020), Mello e Souza (2002) e Silva (2017), que apresentam desde o contexto histórico da prática do congado no Brasil até os elementos constitutivos dessa manifestação que dão significado à sua prática. Já sobre a escravidão, utilizamos os trabalhos de Silva (2005), Ramos (1996), Fiabani (2005), Moura (1983) e Freitas (1982). Destacamos que não pretendemos, nesta seção, refazer toda a discussão sobre a escravidão e sobre o congado em termos históricos, mas destacar alguns pontos relevantes sobre os assuntos.

## 2.1 Re-existindo a escravidão: um pouco de discussão e história

Para entendermos o sentido da escravidão no período colonial no país, se faz necessário, em primeiro lugar, realizar uma distinção entre o escravismo da Roma e Grécia e o da Europa, pois a escravidão, na Antiguidade Clássica, tinha um caráter completamente diferente daquele criado na Era Moderna.

Na Antiguidade, muitas vezes, os trabalhadores escravizados trabalhavam lado a lado com seus proprietários e com homens livres. Além disso, “os escravizados mais hábeis tinham a chance de comprar sua liberdade e de se inserir na sociedade vigente. Já na Era Moderna, a escravidão veio com outra conformação, e o trabalho escravo era extremamente importante para o capitalismo mercantil”. Nesse contexto, o escravismo colonial emergiu como um modo de produção com características novas, antes desconhecidas na história da humanidade (ROSA, 2007, p. 30).

Nesse período, o trabalho escravo passou a ser a base ou um instrumento de acumulação de capital, apoiado na monocultura agroexportadora. Observa-se que, nessa direção:

temos produção escravista quando parcela dos bens sociais é produzida, em forma plena ou sistemática, pelo trabalhador escravizado, [...] uma sociedade pode ser considerada escravista apenas quando a produção escrava submete as outras formas de produção e a própria formação social e a sua dinâmica. (FIABANI, 2005, p. 16).

Emergiu, assim, um novo cenário de exploração, de colonização e de escravidão, devido ao mercado competitivo, com altas demandas e busca incessante por lucros elevados. Vale

ressaltar que, no período da escravatura, houve a entrada compulsória de, aproximadamente, 15 milhões de homens e mulheres africanos na América, o que modificou profundamente as relações sociais, econômicas e culturais, sobretudo no Brasil, onde o aspecto étnico-racial interferiu significativamente nas relações sociais (MINÉ, 2012).

Para Moura (1983, p. 28), “o escravismo ainda é hoje o período de nossa história social mais importante e dramaticamente necessário de se conhecer para o estabelecimento de uma práxis política coerente com o presente”. É relevante assinalar, inclusive, que:

o Brasil foi uma das primeiras nações do Novo Mundo a organizar o escravismo e a última a concluí-lo. Também foi ali que desembarcou o maior número de africanos escravizados. A econômica escravista nacional produziu a mais rica gama de mercadorias coloniais com mão de obra servil: açúcar, arroz, café, fumo, ouro pau-brasil etc. [...] O Brasil assinalou o recorde américo no tráfico de escravizados, importando perto de 40% do total de nove milhões e quinhentos mil negros transportados para o Novo Mundo: nove vezes mais que os Estados Unidos (6%) e bem mais que o dobro da América Hispânica (18%), do Caribe inglês e do Caribe francês (17%). (FREITAS, 1982, p. 10-11).

Com respeito à escravidão no estado de Minas Gerais, segundo Silva (2005, p. 68), “ela pode ser atribuída à descoberta de ouro e, posteriormente, de diamante, o que provocou um intenso fluxo migratório para a região em fins do século XVII”. A promessa de enriquecimento rápido atraiu pessoas de vários lugares do Brasil. Bandeirantes paulistas, baianos e pernambucanos, na caça ao índio, ao ouro e às esmeraldas, migraram e trouxeram consigo um grande contingente de negros escravos.

Assim sendo, a escravidão se concretizou como forma dominante de organização do trabalho na gênese da sociedade mineira. Vale ressaltar que a necessidade de obtenção de mão de obra para a exploração mineral, devido à corrida pelo ouro, fez com que o valor de um negro escravo fosse muito maior do que em outras regiões do país. Tal valorização estimulou proprietários de escravos de São Paulo, da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco a também migrarem para as Minas, onde os negócios envolvendo o comércio escravista tornaram-se mais rendosos. O fluxo de migrantes e a grande riqueza mineral da região fizeram de Minas Gerais o centro do poder econômico do país durante o século XVIII (RAMOS, 1996).

Segundo Silva (2005, p. 70), “a mineração foi economicamente rendosa e foram empregados, nas minas, cerca de 500 mil negros, entre os anos de 1700 e 1850, época do apogeu da mineração”. Desde o século XVIII, a população negra no estado nunca foi inferior a 30% da população total (índice considerado elevado).

A existência de milhares de negros no Brasil nos remete ao período histórico do sistema escravista, que perdurou por mais de 300 anos. Destaca-se que em nenhum país da América do

Sul a escravidão foi tão expressiva numericamente, com distribuição de âmbito nacional, e nem mesmo durou tanto tempo como no Brasil.

Ressalta-se, ainda, que as populações negras, no Brasil, passaram por um processo de desterritorialização e reterritorialização. O primeiro processo de desterritorialização imbrica-se com o processo da diáspora africana. Nessa ocasião, os africanos foram retirados violentamente de diversas regiões de seu continente e foram trazidos para o Brasil e para outros lugares da América, onde foram submetidos à escravidão. No período colonial, os africanos e seus descendentes criaram, apesar disso, diversas formas de resistência à escravidão, entre elas, a fuga para os quilombos. Esse processo já pode ser considerado o momento da reterritorialização desses sujeitos, quando, a partir da apropriação de um território, desenvolvem e estabelecem seus modos de vida e negam a condição de mercadoria imposta a eles pelo regime escravista (MINÉ, 2012).

Conclui-se, portanto, que, por meio de diferentes formas de resistência, os negros conquistaram territórios em terras mineiras. Observa-se que a fuga, a ocupação de áreas não povoadas após a abolição ou mesmo o recebimento de glebas de terra de seus antigos proprietários por doação ou herança constituíram o conjunto de conquista e consolidação dos territórios negros em Minas Gerais.

Após essa breve contextualização do processo histórico da escravidão brasileira, apresentaremos uma discussão sobre a origem e definição do congado e seu desenvolvimento no estado de Minas Gerais.

## 2.2 Origem e definição do congado

As narrativas históricas sobre os congados, predominantemente, ressaltam a sua origem e descrevem suas performances na época colonial com base nos documentos oficiais, em especial, os relacionados às irmandades do Rosário de então (às quais, os negros escravos, em geral, se vinculavam). Destacamos os relatos dos viajantes dos séculos XVIII e XIX, tal qual mencionado em escritos dos folcloristas do século XX, que trazem a descrição de festas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e demais santos pretos, sempre ao som das batidas dos tambores e com a coroação de reis negros, cujas celebrações estão ligadas às irmandades negras (EVARISTO, 2018).

Quem primeiro teria empregado o termo congado para especificar as festas que os negros realizavam aos seus santos de devoção com o coroamento de um rei negro foram Spix

e Martius, em 1818. Comumente, o emprego dos termos *congado*, *congadas*, *congo* e *reinado* é utilizado para se referir à celebração em homenagem a Nossa Senhora do Rosário (EVARISTO, 2018).

Segundo Lucas (2000), o congado pode ser identificado como uma expressão da religiosidade negra que sobreviveu ao processo de imposição cultural, presente no sistema escravista brasileiro, a partir da reinterpretação e da reelaboração de valores alheios à concepção de mundo dos negros. Para Brandão (1976; 1985), o congado combina, simbolicamente, a memória de acontecimentos e dos costumes “tribais” com os valores da devoção católica aprendidos na catequese.

Em concordância com Martins (1997), percebemos que a transmigração de escravos africanos para as Américas, e especificamente para o Brasil, não apagou, nos povos de origem africana, os signos culturais, textuais e toda a complexidade simbólica que traziam em sua cultura. Para Brettas, o congado constitui uma das formas mais expressivas de nossa cultura, pois é:

um sistema religioso que se institui entre os sistemas religiosos cristãos e africanos de origem banto<sup>3</sup>, através do qual a devoção a certos santos católicos (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia) é exercida por meio de performances rituais de estilo africano. (BRETTAS, 2012, p. 34).

A história dos negros congadeiros em Minas Gerais se une a várias histórias de negros do período colonial, que não se esqueceram suas raízes, seus valores e rituais. Segundo Lucas,

falar do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais é falar de uma tradição historicamente importante na formação cultural do país, e geograficamente tão próxima, apesar de tão distante do conhecimento e do imaginário da sociedade em geral, no que se refere a seu contexto e significado. (LUCAS, 2006, p. 75).

Ainda segundo o autor, “nas confrarias e irmandades, os negros incluíam, nas celebrações de devoção à Nossa Senhora do Rosário e aos Santos Pretos, principalmente São Benedito e Santa Efigênia, certos rituais africanos, como na coroação de reis e rainhas, o uso

---

<sup>3</sup> A respeito dos bantos, estes povos podem ser considerados como aquele grupo étnico amplamente presente nas regiões central, sul e leste do continente africano. Os indivíduos pertencentes a este segmento além de possuírem características linguísticas comuns compartilham também elementos de seus sistemas culturais, simbólicos, estéticos e filosóficos (SOUSA, 2011, p. 213).

de seus instrumentos de percussão na execução de suas músicas e danças”. (LUCAS, 2006, p. 75).

Assim, o congado surge da permanência de aspectos característicos de rituais religiosos africanos, adaptados ao culto do Deus e dos santos da religião católica, predominante no Brasil na época em que aqui chegaram os negros trazidos da África.

O congado é a união de velhas tradições e dos ritmos africanos com crenças e santos católicos. Segundo Alves (2012, p. 2), “é uma manifestação cultural e religiosa, marcada pela diversidade cultural afro-brasileira, e sua presença no território brasileiro se dá desde o século XVIII”. Com relação à festa do Rosário, ela se edificou num universo imagético extremamente rico, uma vez que é marcada por momentos festivos e devocionais que se materializam em diferentes tipos de representações, numa ludicidade que procura manter viva uma tradição secular e, por isso, expressa a identidade.

De acordo com os estudos de Mello e Souza (2002, p.18), as festas de coroação aos reis negros brasileiros, através das quais são manifestados a dança, os cantos, os atos, denominados ritos do congado, “são acontecimentos que, a cada ano, rememoram o mito fundador de uma comunidade católica negra, em que a África ancestral é invocada em sua versão cristianizada representada pelo antigo Reino do Congo, numa região que remonta os primeiros contatos entre africanos e portugueses”.

Dessa forma, Gomes e Pereira (2000) reconhecem que o congado teve sua origem numa junção luso-afro-brasileira, uma vez que sua constituição se dá com elementos dessas culturas. Assim, o catolicismo português “forneceu os elementos europeus da devoção à Senhora do Rosário”, enquanto a “Igreja no Brasil reforçou essa crença”, ao passo que “os negros, de posse desses ingredientes, deram forma ao culto e à festa” (GOMES; PEREIRA, 2000, p. 237).

Diversos são os elementos que atestam os cruzamentos culturais entre caracteres africanos e portugueses nas ritualizações do congado. Como ressalta Souza:

as vestimentas que misturam a pompa dos trajes europeus com o colorido específico do vestuário africano também revelam sobre as bricolagens feitas entre os elementos afro e luso na constituição dos rituais congadeiros, assim como o uso conjugado de tambores, bastões e espadas nas manifestações públicas dos grupos. (SOUZA, 2011, p. 208-209).

Outro elemento simbólico comum entre lusitanos e africanos e que se estendeu aos festejos do congado é a associação entre as divindades e a monarquia. África e Europa, como é de conhecimento, estruturam-se politicamente por longo período de sua história em torno da figura centralizada do rei. “Os vários papéis cerimoniais desse tipo de organização se

desdobraram sob a forma de ritualização nas coroações de reis negros, por haver historicamente por parte tanto de portugueses quanto de africanos um entendimento que a figura da realeza personifica tanto o poder político quanto o religioso” (SOUSA, 2011, p. 209).

Assim sendo, o congado é uma manifestação cultural que tem como principal foco a devoção e a fé em Nossa Senhora do Rosário, em uma experiência revelada como uma das tramas mais importantes das festividades religiosas de origem negra presentes no Brasil. A manifestação congadeira se estabeleceu, portanto, como uma forma do povo negro reencontrar suas origens, por meio dos festejos, ao rememorar os sofrimentos, as lutas e a fé fervorosa em Nossa Senhora do Rosário (SILVA, 2016).

Gomes e Pereira (2003, p. 19) destacam narrativas de congadeiros que, por meio da oralidade, reproduzem a vivência do congado mineiro e revelam a essência da cultura congadeira. Por sua vez, Silva (2018, p. 33) menciona que a “devoção à santa do Rosário, pelos negros africanos, teria sido estimulada depois da aparição de sua imagem no deserto de Argel, na Argélia. Com esse fato, iniciou-se, em relação a essa divindade católica, todo um processo de reelaboração mítica<sup>4</sup>, que se estende da África ao Brasil”.

De acordo com Alves (2008, p. 109), os valores matriarcais são de extrema relevância para o delineamento do negro, que vão originar nos fundamentos do congado Nossa Senhora do Rosário, Mãe dos Negros. Para Lucas, por sua vez,

a origem da fé dos congadeiros em Nossa Senhora está, portanto, na maravilha de sua aparição e na dádiva de sua proteção. A origem da fé se encontra também na expressão primordial daqueles negros escravos que, a partir do deslumbramento, fizeram maravilha por meio dos atos musicais-coreográficos, ao motivarem o movimento da santa e sua aproximação, maravilha esta interpretada como feitiçaria pelos brancos na narrativa, o que é verificável até hoje. (LUCAS, 2011, p. 64).

A presença de Nossa Senhora do Rosário é referência universal da Igreja Católica, que foi apropriada pela prática do congado. Segundo Silva (2016, p. 61), “pode, assim, ser entendida, por suas simbologias e sua representatividade, como uma prática fundamentada na devoção dos congadeiros, que intervêm na sociabilidade e na vida daqueles que fazem parte dessa tradição”. Essa herança é conservada por meio das festas, momento em que os congadeiros revivem e preservam a cultura de seu povo, mantendo viva a devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos cultuados. Martins relata a origem das guardas de congado:

---

<sup>4</sup> Alves aborda que a constituição do mito é feita pela imagem de Nossa Senhora do Rosário. Foi ela, a origem de existir esta manifestação. “Num pólo, Nossa Senhora do Rosário é o imaginário, o mito. Ela é a natureza, a origem, a gestação” (ALVES, 2008, p. 230).

conforme reza a tradição, partiram do candombé todas as guardas – é o pai de todas. Mas nasceram em diferentes épocas, não são gêmeas: o congo é a irmã mais velha; seguem-se as guardas de moçambique, de marujo, as demais. O candombé é uma guarda fechada, esotérica. Não sai, exceto para tocar e cantar em casa de reis congos, durante grandes ocasiões. (MARTINS, 1991, p. 58).

De acordo com Silva (2017, p. 37-38), sete guardas compõem a família congadeira: candombé, congo, moçambique, catopés, caboclos e marujadas, além dos Cavaleiros de São Jorge. As guardas ou ternos são grupos de dançantes, compostos também por reis, rainhas e capitães que regem e coordenam suas ações dentro e fora dos rituais. O candombé representa os tambores sagrados que teriam sido tocados para tirar Nossa Senhora do Rosário das águas, chamados Santana, Santaninha e Jeremias, e é a guarda que faz referência aos antepassados africanos e detém o poder máximo na hierarquia dos grupos. O congo e o moçambique são as guardas que mais se destacam. A guarda de congo é responsável por abrir e limpar os caminhos para os demais grupos, por isso, seus integrantes atuam como guerreiros à frente dos cortejos, com danças saltitantes e rápidas, cantam de maneira vibrante e carregam fitas coloridas. A guarda de moçambique tem o dever de proteger e de conduzir a coroa e o reinado, assim, o moçambiqueiro é considerado o senhor da coroa, sua dança tem passos e movimentos mais lentos, o canto representa a memória dos ancestrais e o lamento dos africanos trazidos para o Brasil. O ritmo é ditado pelas caixas e gungas, instrumento amarrado nos tornozelos, representando as correntes que prendiam os escravos.

Segundo Gomes e Pereira (2000), o congado é uma festa, mas também um desafio. Chama para reza e para luta. Ser dançante é disponibilizar seu corpo para que, nele, ocorram as forças da ancestralidade. Os corpos que se movem dançando e resgatam a caminhada dos negros, os fragmentos da história material e psicológica dos escravos. A africanidade ali se faz presente. O dançar e o cantar tornam-se uma oração.

Na atualidade, o congado tem diversas situações, e é percebido e tratado como expressão da cultura, que deve ser mantido pelos poderes estatais, do turismo ou apreciadores da cultura. Desde o início, a população negra se manifesta por meio do contexto religioso e seu hábito de fé nas dificuldades do dia a dia, usando, para essa situação, uma prática ritualística cheia de simbologias e significado para os seus integrantes (BRANDÃO, 2020).

Após uma breve contextualização sobre a origem das guardas de congado, na próxima seção, abordaremos a origem das guardas de congado no estado de Minas Gerais.

### 2.3 O congado em Minas Gerais

A origem do surgimento do congado em Minas Gerais possui explicações variadas, entretanto, é salutar destacar que as versões não são excludentes e nem são motivo para abalar a fé e a crença dos congadeiros das diversas localidades onde a manifestação ocorre. A esse respeito, Silva diz que:

As explicações para as origens do ritual Congado em Minas Gerais tem também como fonte o imaginário coletivo, expresso em relatos orais e escritos. As versões sobre essa história são variadas e nem sempre convergentes, pois nas várias narrativas existentes pôde-se constatar a diversidade de relatos para o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário: alguns ora afirmam que tal aparição ocorreu no “mar”; outros já afirmam que foi numa “gruta”; outros ainda consideram que se deu numa “lapa” ou num barreiro nos tempos antigos da escravidão. Existem as versões que dão ênfase, sobretudo, à figura de um africano que contam ter se tornado muito conhecido em Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto – MG) pela alcunha de “Chico Rei”. (SILVA, 2012, p. 74).

Sobre o surgimento dos grupos de Congos em Minas Gerais, há uma história propagada até os dias de hoje, que, no século XVIII, houve um rei africano que trabalhou nas minas de Vila Rica, com o nome de “Chico Rei”. Ele veio como escravo e, depois de muito trabalho, conseguiu a sua liberdade e contribuiu com a de outros (BRANDÃO, 2020). Lucas (2002, p. 46) afirma que “Chico Rei fundou a irmandade de Santa Efigênia e construiu no Bairro do Alto da Cruz uma igreja para o culto dessa santa, sendo posteriormente coroado rei da festa de Nossa Senhora do Rosário pelo Bispo de Diamantina”.

Evaristo (2018, pág.194), destaca que, “tão importante no universo congadeiro quanto os santos de devoção encontram-se a figura de ‘Chico Rei’, que para além da discussão sobre sua real existência ou não, se faz presente como exemplo de perseverança a ser seguido, como pai fundador do Congado nas Minas Gerais”.

Em seu estudo, Brandão (2020, p. 31) afirma que “um dos mitos da origem do Congado é a história de Chico Rei”. Segundo a autora, a narrativa da vida desse rei africano escravizado nas terras brasileiras está presente em alguns grupos que vivem a manifestação, em especial, as guardas de Congado e Moçambique do Alto da Cruz de Ouro Preto.

Assim sendo, Chico Rei desempenha um papel tão cheio de significados quanto os santos de devoção negra que são festejados e celebrados pelos congadeiros. Uma influência forte e perceptível ainda hoje, as histórias que nasceram em torno desse nome o tornaram real e, a cada ano em que a festa de Congado é posta na rua, se reconhece seu herdeiro. Toda vez que alguém se inspira nele para enfrentar alguma dificuldade, sua existência é reatualizada. É como se a ligação com essa ancestralidade validasse e legitimasse a guarda.

No contexto da Minas colonial, no seio dessas confrarias leigas, particularmente nas Irmandades destinadas aos homens pretos, é que surge o congado com o coroamento de Reis congos. Assim, o congado nasce como uma manifestação expressiva de uma visão particular de mundo da religiosidade negra mineira, objetivando render homenagens aos santos padroeiros de devoção negra (EVARISTO, 2018).

O congado em Minas Gerais<sup>5</sup> possui sete subdivisões, chamadas “guardas” ou “ternos”, termos que variam de acordo com a região onde acontece o festejo. Nesse trabalho, optamos pelo termo “guarda”, em concordância com Lucas (2000) e Martins (1988), para denominar cada um desses grupos estabelecidos pelas sete divisões do congado.

É interessante destacar o livro *Introdução ao estudo do congado*<sup>6</sup> (1974, p. 44-45), que aborda as etapas do congado em Minas Gerais. Cerca de oito dias antes da festa, tradicionalmente, ou até na véspera, o mastro é levantado por uma das guardas para alertar que a festa ocorrerá em breve. O capitão da guarda em questão é o responsável por receber a bandeira com estampa de Nossa Senhora do Rosário e colocá-la no mastro, por meio de rezas, cantos e danças e, consecutivamente, pelo acender das velas. Em seguida, no dia da festa, a guarda busca o reinado, reis do ano ou festeiros, em suas residências, a partir de dança e música, a fim de que todos se reúnam em frente à igreja para a exibição coreográfica da guarda e de outras guardas convidadas, troca de cumprimentos, embaixadas. Antes do almoço, há a benção dos alimentos executada pelo capitão da guarda. Os festeiros têm a função, na hora do almoço, de oferecer alimentação a todas as guardas e aos seus respectivos reinados. Após o almoço, há o descanso e mais exibições coreográficas. Em seguida, ocorre a realização de uma missa em que são coroados os novos reis do ano (festeiros) e promessas são cumpridas. O encerramento da festa ocorre com uma procissão em que o andor de Nossa Senhora do Rosário é carregado, sendo que não há utilização de instrumentos, mas apenas cantos e orações.

A história dos negros congadeiros em Minas Gerais se une a várias histórias de negros do período colonial, que não esqueceram suas raízes, seus valores e rituais. Segundo Lucas:

---

<sup>5</sup> Minas Gerais é o estado do Brasil em que há o maior número de grupos de congados. O seu surgimento se deu com a vinda de africanos escravizados de vários locais do País para o Estado, motivados pelas antigas minas de ouro. “Muitos escravos que foram para as minas eram ex-quilombolas aprisionados, vindos de Pernambuco e da Bahia.” (LUCAS, 2002, p.345).

<sup>6</sup> Organizado em 1974, pelo centro de extensão da Universidade Católica de Minas Gerais, abrange uma pesquisa exploratória sobre o congado efetuada em seis cidades num raio de, aproximadamente, 100 km com relação a Belo Horizonte, e que buscou empregar o método de reconstrução história a fim de descobrir uniformidades que ainda não se perderam no tempo. As caracterizações das guardas foram obtidas a partir de dados coletados diretamente com os grupos existentes nessa área determinada.

falar do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais é falar de uma tradição historicamente importante na formação cultural do país, e geograficamente tão próxima, apesar de tão distante do conhecimento e do imaginário da sociedade em geral, no que se refere a seu contexto e significado. (LUCAS, 2006, p. 75).

Sobre a religiosidade em Minas Gerais, Alves destaca que:

Minas Gerais é um dos Estados brasileiros onde a devoção ao catolicismo é evidente e onde se encontra um catolicismo sincrético<sup>7</sup>, que destaca a forte tradição que se desdobra em festas, como o reinado, uma manifestação católica reinventada pelos negros, em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, considerada, por eles, mãe e protetora. (ALVES, 2012, p. 3).

Essa manifestação se funda em uma narrativa mítica em torno da santa e constitui o imaginário de seus devotos, que a vivem em momentos onde o lazer e a obrigação se (con)fundem.

Evidenciamos que o reinado é também conhecido como reisado, congado ou congadas, e se trata de uma manifestação católica, típica dos negros, e que, segundo Alves:

envolve a realização de novenas, levantamento de mastros e bandeiras, procissões, cortejos solenes, coroações de reis e rainhas, cumprimento de promessas, leilões, cantos, danças, banquetes coletivos. Os festejos apresentam uma estrutura organizacional complexa, em que é possível identificar aspectos simbólicos e significantes, representando o legado de nações africanas e seus reinos sagrados em nosso país. (ALVES, 2008, p. 35).

Destacamos que o reinado ou congado foi disseminado em várias regiões do Brasil. Além de Minas Gerais, também nos Estados de Pernambuco, de Bahia, de Goiás, do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro existem registros do congado, desde o início da colonização. Segundo Lucas (2002, p. 46), “o jesuíta Antônio Pires registra esta manifestação popular em Pernambuco com à participação dos negros, já organizados em Confraria do Rosário”.

Assim sendo, a devoção a Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos foi iniciada por ocasião do deslocamento de escravos das lavouras de cana de açúcar para a extração de ouro, principalmente, na antiga capital, Vila Rica, no século XVIII, onde se estruturaram ou se vincularam às irmandades, confrarias e ordens terceiras. A criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário data de 1711, num registro feito por André João Antonil, que relatou o costume dos negros de criarem reis, juízes e juízas nas festas aos santos (MELLO E SOUZA, 2002).

---

<sup>7</sup> Produto da fusão de diferentes religiões, seitas, filosofias ou visões do mundo.

De acordo com Silva (2017, p. 28), em Ouro Preto, “a presença do congado é verificada desde o século XVIII, tal qual a criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”. Desde o período colonial, a festa do congado é atrelada à figura de Chico Rei. Ele teria sido o fundador da Irmandade do Rosário do Alto da Cruz, com seus pares, e deu início à construção da Igreja da Santa Efigênia.

Destacamos que o congado ouro-pretano possui íntima ligação com o sagrado, interferindo na vida cotidiana dos congadeiros. Essa manifestação religiosa tem sobrevivido, se reinventado e ganhado força no município. Nas guardas da cidade, foi possível observar a grande presença dos jovens, levando a constatação de que a cultura negra resiste e que o campo religioso tem contribuído fortemente para sua perpetuação. Evidenciamos que Ouro Preto possui as seguintes guardas:

a) Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

Fundada em agosto de 2002, com os alunos da APAE-OP. Os participantes são, em sua maioria, adolescentes, e possuem algum tipo de deficiência, como surdez, visual, mental, de locomoção. Atualmente, o grupo realiza sua festa para Nossa Senhora do Rosário em novembro, em um domingo próximo ao dia 27, que é dedicado a Nossa Senhora das Graças, padroeira da APAE-OP, por isso, se tornou a outra santa de devoção.



Figura 1 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e das Graças  
Fonte: Acervo pessoal

## b) Congado do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier

Segundo Silva (2017), o congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier tem referência no que diz respeito à continuidade dessa manifestação, por ser o mais antigo da cidade em atividade, uma vez que existe há, pelo menos, 150 anos, e por manter viva a memória e a tradição do congado em Ouro Preto. A guarda de congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier é presença marcante em todas as festividades congadeiras que ocorrem em Ouro Preto e seus distritos.

A guarda existe desde 1947 e tem, hoje, 25 componentes. É composta, em maioria, de familiares, homens e mulheres sob a capitania do Capitão Xisto, que detém grande conhecimento sobre as práticas congadeiras. Sua festa acontece no mês de setembro, quando o grupo realiza o levantamento do maestro e da bandeira, e recebe outros, que cantam e dançam. É oferecido um almoço, pelos reis festeiros, com muito canto, dança e batida dos tambores, como representado na Figura 2.



Figura 2 - Congado do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier  
Fonte: Acervo pessoal

## c) Guarda de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de São Antônio do Salto

A guarda vem se reestruturando, pois esteve desativada por um tempo. No processo de reestruturação, contam com muitas crianças. As festas no distrito de Santo Antônio do Salto são realizadas no quarto domingo de outubro, como pode ser observado na Figura 3.



Figura 3 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de São Antônio do Salto  
Fonte: Acervo Pessoal

#### d) Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário Santa Efigênia do Alto da Cruz

De acordo com Silva (2017, p. 48), “trata-se de uma guarda influente na cidade e que tem como capitã Kátia Silvério e como capitães Rodrigo Alvarenga e Francisco da Silva”. É revelada, por seus integrantes, como sendo a guarda matriz dessa manifestação, considerada a guardiã das raízes e das heranças deixadas por Chico Rei. Realizam, com a Associação dos Amigos do Reinado (AMIREI) e com a comunidade, a grande e conhecida Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, que ocorre sempre no segundo domingo de janeiro e que rememora o início dos festejos de Chico Rei na antiga Vila Rica.

Esse grupo é a única guarda de moçambique da cidade, e tem, em sua composição, 25 integrantes. Faz parte da organização da Festa do Reinado que acontece no mês de janeiro, em Ouro Preto, com o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. Segundo Silva,

O reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia se tornou uma das festas mais tradicionais da cidade. A programação contempla, além de missas e celebração de tríduos, atividades, como palestras a respeito da cultura negra, visitas guiadas a locais que são considerados pontos de referência tradicional e histórica do congado (como a Igreja de Santa Efigênia e a Mina de Chico Rei), além do grande dia da festa, com a alvorada, cortejo dos grupos de congado, celebração da missa conga, entre outros. (SILVA, 2017, p. 49).

Esse festejo mobiliza a religião e a cultura local, e também impulsiona a economia da cidade, diante de sua magnitude (Figura 4).



Figura 4 - Guarda de Congado Nossa Senhora do Rosário Santa Efigênia do Alto da Cruz  
Fonte: Acervo pessoal

#### e) Congado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito

Faz-se presente no distrito de Santo Antônio do Salto e foi fundado por um ex-integrante da guarda de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do Alto da Cruz. O grupo é coordenado pelo capitão Senhor José Geraldo Xavier. Segundo Alves (2012, p. 67), “seus congadeiros afirmam que sua festa é realizada de maneira diferenciada das demais, pois segue todos os ritos antigos da manifestação do congado”. O grupo realiza as festividades do reinado no mês de outubro (Figura 5).



Figura 5 - Congado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito  
Fonte: Acervo pessoal

f) Guarda Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida

É uma das mais novas, coordenada pela capitã Jussara Fernandes da Silva, que, após integrar o congado do Alto da Cruz, sendo descendente de congadeiros, resolveu reunir a família e os amigos para fundar, em julho de 2013, e realiza sua festa no mês de novembro (Figura 6).



Figura 6 - Guarda Manto Azul de Nossa Senhora de Aparecida  
Fonte: Acervo pessoal

Destacamos que Ouro Preto conta com a participação assídua das guardas de congado nas festas religiosas. São elas que organizam e lideram o ciclo de homenagens e festividades a Nossa Senhora do Rosário e aos demais santos devotos. O Quadro 1, a seguir, apresenta o calendário das festas do Rosário que ocorrem em Ouro Preto.

**Quadro 1 – Calendário de festas do Rosário em Ouro Preto com participação dos congados**

<b>Festividades</b>	<b>Data</b>	<b>Organização</b>	<b>Localidade</b>
Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia	2º domingo de janeiro	Guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, e Associação dos Amigos do Reinado	No bairro Alto da Cruz, na Igreja Matriz de Santa Efigênia; no bairro Padre Faria, na Capela de Nossa Senhora do Rosário; e na Mina do Chico Rei
Festa de Santa Efigênia	21 de setembro	Irmandade de Santa Efigênia	Igreja de Santa Efigênia, bairro Alto da Cruz
Festa de Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Miguel Burnier	3º domingo de setembro	Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia de Miguel Burnier	Igreja Sagrado Coração de Jesus, distrito de Miguel Burnier
Festa de Nossa Senhora do Rosário do Congado da comunidade de Santo Antônio do Salto	2º domingo de outubro	Congado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito	Capela de Santo Antônio, distrito de Santo Antônio do Salto
Reinado de Nossa Senhora do Rosário da comunidade de Glaura	2ª semana de outubro	No distrito de Glaura, ocorre a festa em honra ao Rosário. Não há, de fato, uma guarda atuante na comunidade, mas se reúne a corte de reis e rainhas e há a participação de grupos de congado da região.	Igreja de Santo Antônio, distrito de Glaura
Festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças	Novembro	Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, bairro Bauxita
Festa do Rosário	Novembro	Guarda Manto Azul de Nossa Senhora Aparecida	Capela de Santa Luzia, bairro Santa Cruz

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Silva (2017, p. 54-55)

De acordo com Silva (2017, p. 91), “o congado se apresenta como uma importante expressão histórica dos negros na vida da cidade de Ouro Preto, onde é uma manifestação histórica e cultural, uma tradição vivenciada no cotidiano da cidade”. Assim sendo, devido a todo complexo cultural presente em suas origens, valores e práticas, singularidades e significações, o congado se revela como uma das principais manifestações da religiosidade popular que expressam a cultura negra em Ouro Preto.

## 2.4 As possíveis relações entre o congado e o espaço vivido

Nesta seção, pretendemos desmistificar o entendimento de lugar apenas como sinônimo de localidade ou localização e chamar atenção para a relevância que a categoria *lugar* vem adquirindo, sendo possível compreender que o conceito não se limita aos aspectos físicos de um determinado espaço, mas se define principalmente pelo sentido que cada pessoa atribui a ele, em concordância com as reflexões de: Relph (1980), Ferreira (2000) e Holzer (1999).

Assim sendo, o conceito de lugar adquire, para a Geografia Cultural, um papel central, visto que é através dele que se articulam as experiências e vivências do espaço. Como ressalta Holzer (1997, pág. 76), “o conceito de lugar é essencial para a Geografia, pois é ele que irá propiciar a este ramo do conhecimento a possibilidade de voltar-se para sua essência que é o estudo do espaço”.

Nesse cenário, almejamos desvendar o espaço vivido da festa do congo de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Graças, ao enxergá-lo com o olhar de Tuan<sup>8</sup> (1980; 2012): quando vivido, o espaço, que era abstrato, passa a ser tomado como lugar (conceito) formado por uma relação de afetividade por parte das pessoas, observando-se o que o autor chama de topofilia<sup>9</sup> (afinidade com o espaço).

A Geografia Cultural propõe que o homem apareça como o centro da análise do lugar, bem como sua relação de afetividade, de subjetividade e de pertencimento com o espaço apropriado. Os autores que subsidiaram essa reflexão são: Tuan (1980; 2012), Dardel (2011), Buttimer (1992), Relph (1980), Holzer (1997; 1999) e Almeida (2011).

Destacamos que a Geografia Cultural oferece bases sólidas para a pesquisa enveredar por este caminho, em concordância com Claval (2002, p. 37), que julga necessário que o estudo parta dos indivíduos que compõem os lugares “e de suas experiências, compreendendo o sentido que as pessoas dão à existência”. Essa abordagem busca a compreensão acerca da relação entre o homem e o meio, e as relações sociais que se estabelecem no espaço. Para Almeida (2013), os estudos voltados para a subjetividade humana não se restringem a esses aspectos, mas também àqueles ligados aos sentimentos, à percepção do mundo, à experiência e às crenças do homem.

---

<sup>8</sup> Geógrafo, nascido na China, em 1930, foi professor em universidades americanas de 1956 a 1998 (TUAN, 2008). Tuan é referência para vários pesquisadores, com destaque para os seus livros *Topofilia: um estudo da percepção e valores do meio ambiente*, de 1974 (publicado em português em 1980, com tradução de Livia de Oliveira) e *Espaço e lugar*, de 1977 (traduzido para o português em 1983).

<sup>9</sup> O termo “topofilia” foi retomado em 1974 por Tuan (1980), sendo que o primeiro autor a utilizá-lo foi Gaston Bachelard, na obra *A poética do espaço*, publicada originalmente em 1957 (BACHELARD, 1988).

Esse contato direto entre o corpo e o lugar é uma das maneiras de obtenção da experiência, que, por sua vez, é apreendida com a vivência, e é uma forma de se construir a realidade. A experiência também está voltada para o mundo exterior e só faz sentido para o indivíduo devido ao sentimento e ao pensamento. Ambos conferem valor a determinado espaço ao transformá-lo em lugar, na medida em que é dotado de valor.

A relação estabelecida com o espaço, por meio da experiência e da vivência, o torna lugar. Mais que isso, o lugar sugere familiaridade e estabilidade. Tuan (1983, p. 6) explica que, “se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar”.

De acordo com Holzer (1999), o espaço passou a ser abordado a partir das emoções, dos sentimentos e das experiências intersubjetivas dos indivíduos. A ideia de espaço vivido e experienciado tornou-se aí a tônica das teorizações, que se fundamentaram nos estudos fenomenológicos e também em outras filosofias do significado. Assim sendo, o espaço, quando pensado como uma constituição social, que agrega aspectos materiais e aspectos do mundo vivido, representado e experimentado, se aproximaria mais da ideia de um conceito verdadeiramente ligado às práticas humanas. Tuan sugere que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (2012, p. 151).

Portanto, o lugar possui cheiro, movimento, som, pode conter elementos tangíveis e intangíveis, que envolvem o pensamento e o conhecimento. Os homens são os responsáveis por tornar o espaço em lugar.

A leitura desse conceito e de seus aspectos simbólicos e culturais contribui com os Estudos do Lazer, uma vez que o espaço é a instância necessária para que os eventos religiosos aconteçam, sendo um elemento essencial para marcar esse espaço, por meio da cooperação e sociabilidade nos momentos festivos, tornando-se o “lugar festivo”. Dessa maneira, acreditamos que o lazer pode ser visto como uma atividade humana, inserido no espaço cheio de significados e que pode ser lido sob perspectiva cultural.

Para compreender esta pesquisa, faz-se necessário, portanto, entender a noção de lugar festivo como uma dimensão da vida humana. Por isso mesmo, esse lugar pode ser apropriado pelos Estudos do Lazer a fim de teorizar sobre como os congadeiros concebem, qualificam e constroem o lugar através dos aspectos simbólicos e culturais da festa. Assim sendo, entende-se que *lugar* não é apenas um conceito explicativo, mas também, e fundamentalmente, uma dimensão da vida social que nos permite criar referências como seres que habitam e constroem o mundo.

Nesse contexto, buscaremos conhecer a constituição da guarda do congo do Rosário da APAE como grupo de pessoas e as suas relações com o lugar, identificando os símbolos e signos (elementos que afirmam e ressignificam a identidade desses atores, no lugar) que contribuem para a formação dos sentimentos topofílicos.

## **2.5 Percurso metodológico da pesquisa de campo**

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho, optou-se por realizar uma pesquisa de caráter qualitativo, utilizando como método o estudo de caso numa perspectiva etnográfica. Além disso, pretende-se retratar as situações que emergiam durante a vivência com os membros da guarda de Nossa Senhora do Rosário e das Graças em suas atividades. Os registros foram feitos de forma atenta por meio de um caderno de campo, no qual todas as ações, fenômenos, gestos, músicas, falas, cores e outros elementos foram registrados durante o período da pesquisa.

A observação participante, realizada junto ao grupo, foi uma maneira de identificar como sujeitos veem o processo de participação na festa, como falam sobre isso, o que pensam, o que já sabem e, principalmente, como praticam essa celebração.

Foi realizada, com o grupo, uma apresentação para explicar detalhadamente a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para a participação voluntária. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFMG sob o parecer número 79429017.5.0000.5149 e, após tal aprovação, utilizei *in loco* o caderno de campo, entrevistas informais e semiestruturadas com a intenção de mergulhar nessa prática festiva e a fim de focar nas nuances do festejo para poder vivenciá-lo de forma intensa.

Para obtenção dos dados, estive em diálogo com o campo e com as fontes de informação durante as observações na escola, nos encontros para a confecção dos ornamentos para as festas, nas viagens, nos ensaios (onde observei e repliquei a mesma saudação na chegada - *Salve Maria!*), em momentos de descontração e na participação na festa Nossa Senhora do Rosário e das Graças. Importante ressaltar que demos atenção, principalmente, à maneira como cada um dos membros vivencia o evento.

A observação dessas ações possibilitou o entendimento das relações entre os diferentes sujeitos que compõem a guarda do congado, além de propiciar uma certa familiaridade com o grupo, sucedendo na desinibição dos congadeiros investigados, seja nas observações ou nos processos narrativos. Foi um encontro com diferentes experiências, em

variados contextos, que trouxe uma melhor compreensão sobre as práticas e a dinamicidade presentes nessa manifestação e que também permitiu um outro olhar sobre o congado, direcionando o percurso da pesquisa.

Realizei a coleta de dados, na pesquisa documental, a partir do *Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças*<sup>10</sup>, material produzido por Silvânia Borges, fundadora e capitã do congado. Não se trata de um documento pormenorizado de tudo o que é relacionado ao congado, nem de um registro cronológico em sua totalidade, uma vez que não se encontra atualizado e que a distribuição das informações não se faz por datas, mas por temas que descrevem parte das práticas dessa guarda. O documento demonstra também um olhar sobre o congado e se apresenta como um registro de memória, sendo uma fonte essencial para a pesquisa, pois revelou a dinamicidade dessa experiência em diferentes contextos.

Assim, adotou-se, nesta tese, como procedimento metodológico, a aplicação de entrevistas para obter informações não disponíveis nas fontes documentais e bibliográficas pesquisadas, pois “a entrevista é especialmente indicada para o levantamento de experiências, é preciso lembrar que grande parte dos conhecimentos existentes não pode ser encontrada na forma escrita, pois faz parte da experiência das pessoas” (DENCKER, 1998, p. 166).

As entrevistas realizadas foram transcritas de acordo com os procedimentos propostos por Dencker (1998) e Rey (2005). Em um primeiro momento, fizemos a escuta atenta de cada trecho das gravações para familiarização com o discurso e também com a fala do entrevistado. Esse processo de escuta foi feito mais de uma vez para que fosse possível identificar as construções das frases e checar dados. O passo seguinte foi realizar a transcrição.

Uma vez realizada a primeira etapa da transcrição (respeitando a fala dos sujeitos), iniciou-se o trabalho de conferência, essa etapa revelar-se-á, aliás, fundamental para que o sujeito não seja apenas um “legitimador de conceitos cristalizados e corporativos”, sendo a sua fala um instrumento fundamentado na realidade concreta, e concedendo à pesquisa uma maior “coerência teórico-epistemológica” e que poderá servir de “base para a avaliação da pertinência das conclusões que o estudo chegou” (MACEDO, 2010, p. 141). Nesse momento, ouviu-se novamente a gravação e, comparando-a com o texto transcrito, e, quando necessário, foram efetuadas correções de datas, nomes de pessoas e lugares.

A análise das entrevistas exige cautela e ética vigilantes em relação à interpretação, pois, de acordo com Dencker (1998, p. 151), “há uma tendência de o pesquisador se envolver a tal

---

<sup>10</sup> Segundo Silva (2017, p. 93), “o ato de guardar registros das ações do grupo em um portfólio exemplifica o desejo de salvaguardar ou de preservar as experiências vividas e desenvolvidas”.

ponto com o material empírico na procura de respostas imediatas, que a entrevista, por vezes, não fala por si”. Nesse momento, a atenção precisa estar alerta para as possíveis interferências de nossa subjetividade, tendo consciência e assumindo, como parte do processo de investigação, os descaminhos possíveis da relação entre os atores e os pesquisadores implicados nesse processo.

No caminho de análise das entrevistas, deve estar claro que, em um rico campo investigativo, nem tudo que é dito pelo entrevistado se torna objeto de análise. As entrevistas realizadas passaram por uma rigorosa seleção sobre a pertinência da informação relacionada aos objetivos da pesquisa.

Assim, neste estudo, a festa, como prática cultural, não foi analisada como fato meramente descritível, mas como perspectiva analítica, sendo observada com o olhar focado no envolvimento das pessoas, percebendo o engajamento dessas na atividade festiva. Entendendo que a participação coletiva é que leva ao pertencimento ao lugar (topofilia). Entendendo que a festa revela identidade que se expressa no envolvimento, participação e experiência cultural.

Evidenciamos a figura da professora e capitã Silvânia, que se revela como uma personagem central da vivência congadeira, com seus os alunos apaeanos. Ela é responsável por coordenar todas as ações do grupo, seja nos rituais ou em atividades afins.

Para construir a narrativa da guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, utilizamos, como já sinalizamos anteriormente, as entrevistas semiestruturadas<sup>11</sup> com a capitã Silvânia. Vale ressaltar, mais uma vez, que sua narrativa é de extrema importância para esta pesquisa, pois evidencia os desdobramentos dessa experiência.

---

<sup>11</sup> Trata-se de uma conversa que tem por objetivo, através das respostas fornecidas, recolher dados para a pesquisa (GIL, 2017).

### 3 APRESENTANDO A GUARDA DO CONGO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

O congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, com sede na APAE-OP, foi fundado em 21 de agosto de 2002, durante a Semana do Excepcional<sup>12</sup>. A atividade foi idealizada pela professora Silvânia Borges, que é nascida e criada em Ouro Preto e se tornou a capitã da guarda. Segundo Silvânia, era preciso fazer uma atividade educativa e, então, ela propôs a seguinte manifestação cultural: “ô, gente, vamos fazer um congado, vamos fazer um congado!!!”.



Figura 7 - Capitã Silvânia, na primeira apresentação do grupo  
Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

---

<sup>12</sup> A Semana do Excepcional tem como proposta promover ações de inclusão social e de combate ao preconceito e à discriminação contra as pessoas com deficiência, além de sensibilizar governos e comunidades em relação às potencialidades das pessoas com deficiência intelectual e múltipla, e chamar a atenção para suas necessidades, tanto para a definição de políticas públicas quanto para o combate ao preconceito.

A Figura 7 ilustra a Capitã Silvânia na primeira apresentação do congado, em agosto de 2002, durante a Semana do Excepcional, na Casa da Ópera, o teatro municipal de Ouro Preto. Silvânia descreve essa primeira apresentação da seguinte forma:

essa foi a nossa primeira apresentação, foi daí que começou a trajetória do grupo enquanto congado folclórico. Foi uma coisa espetacular, deu pra perceber que aquela atividade educativa estava crescendo e que o pessoal tinha gostado e o mais bonito é que, a cada nova apresentação, a gente conseguia fazer melhor e, nesta apresentação, nós demos o nosso melhor. Foi a primeira vez que nós realmente apresentamos aquilo que nós tínhamos apreendidos, aquilo que a gente realmente queria fazer, que seria um congado. Nessa primeira apresentação, percebi que o congado da APAE estava tomando grande proporção, então foi uma apresentação lindíssima, que nós fomos aplaudidos de pé, foi uma coisa, pra mim e pros meninos excepcional, lindo! Lindo! Lindo!

A Figura 8, a seguir, destaca a bandeira que foi utilizada na primeira apresentação, a Bandeira da Guarda de Nossa Senhora do Rosário.



Figura 8 - Bandeira da Guarda Nossa Senhora do Rosário e das Graças  
Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

A bandeira, para os congadeiros, é carregada de simbologia e significação. Para eles, é um pedido de bênção e uma forma de referenciar a santa padroeira.

Destacamos que, de acordo com o livro *Introdução ao congado* (1974, p. 54-55), a bandeira é imprescindível na apresentação de todas as guardas. Trata-se de um estandarte carregado por um dançante à frente, peculiar a cada guarda, e que pode ser pintada ou estampada com santo ou a designa do grupo, além de trazer o nome da própria guarda. Com relação à sua

confeção, apresenta adornos e cores variados, sem seguir padrões tradicionais pré-estabelecidos.

Silvânia descreve a história dessa bandeira com muita emoção:

quando resolvemos fazer uma apresentação de congo para apresentar na Semana do Excepcional, nós já sabíamos que, para ter um congo, deveríamos ter uma bandeira e, como a padroeira da APAE é Nossa Senhora das Graças, tinha uma professora que trabalha na sala de Artes, então cheguei perto dela e pedi pra ela se ela poderia fazer uma pintura pra nós, de Nossa Senhora, pra ser nossa bandeira. Aí ela pintou em um pedacinho de americano cru e aí nós juntamos tudo o que tínhamos para enfeitar a bandeira, até falei com ela: “nossa, ficou lindo! E essa bandeira vai acompanhar a gente durante um bom tempo”. E, se eu te contar uma coisa, você vai achar interessante: essa bandeira é a nossa bandeira atual!



Figura 9 - Bandeira atual utilizada pelo grupo  
Fonte: Arquivo pessoal

Silvânia destaca, ainda, que:

nós não descartamos a nossa bandeira que a gente fez. No decorrer de nossa caminhada, aprendi que, quem faz a bandeira, pinta, borda ela, faz pra Nossa Senhora, aí ela tem o compromisso de sete anos e se, caso precisar fazer de outra é ela [professora de Artes] que tem que fazer. Já os enfeites, tudo bem, qualquer pessoa pode fazer, mas a estrutura da bandeira é aquela pessoa que tem que fazer. Nisso, essa bandeira foi modificada, foi retirada do primeiro pano onde ela foi montada e foi colocada em outro pano, então é a mesma estampa, a mesma pintura desde 2002, e essa bandeira é a que nos guia! Nos dá força! Que nos mostra o caminho! Nos dá o

direcionamento! Nos livra de muita coisa! Essa bandeira é devoção! Essa bandeira é livramento! Essa bandeira é direcionamento!

O projeto do congado na APAE-OP tinha, como ideia inicial, preparar os alunos para apresentação em uma das atividades didáticas da escola, no entanto, o entusiasmo, a dedicação e a facilidade com a qual eles se adaptaram às atividades levaram à fundação, na escola, do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças.

O grupo é composto, atualmente, por 17 pessoas, que são alunos da APAE-OP e também familiares da capitã. As Figuras 10 e 11 mostram uma foto da guarda durante a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, em 2018 e 2019, respectivamente.



Figura 10 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças (2018)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 11 - Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças (2019)  
Fonte: Arquivo pessoal

Para a realização do congado, os alunos contam com uniforme, instrumentos, meio de transporte e alimentação. As apresentações do grupo variam de acordo com o local onde são convidados a se apresentar na forma ritualista-religiosa.

Nesse grupo, existem diversos tipos de pessoas com deficiência, entre eles: deficiência auditiva, retardo mental, baixa visão e restrição de movimentos. Silvânia menciona que:

as atividades do congado ajudam os alunos a transpor os muros da escola, buscando melhoria da qualidade de vida, minimizando os impactos que a deficiência provoca na qualidade de vida dos apaeanos. A música, a dança, a disciplina, os rituais, a participação em eventos sociais, educativos e religiosos, permite a socialização dos alunos.

O congado interfere de maneira ativa na vida dos alunos, pois tem seus saberes apreendidos e transferidos para as ações cotidianas, como o tratamento às pessoas, a disciplina, a responsabilidade com os compromissos, os cuidados com as vestimentas e o agradecimento às conquistas. Segundo KS<sup>13</sup>, “o trabalho da professora e capitã [Silvânia Borges] é louvável, porque a formação dos meninos é tão bem feita, os alunos conseguem um grau de socialização e inclusão tão grande, que tem facilidade em conviver em situações onde temos a presença de mais de 1500 congadeiros”. Esse exemplo demonstra que, no congado, as deficiências não existem, as barreiras são superadas e a diversidade se torna regra que identifica e une a todos. Fica claro que há valorização e afirmação do congado na sociedade e na instituição.

Segundo Silvânia, “no congado, aprende-se um pouco a cada dia, sempre, principalmente com os mais velhos, hoje a guarda da APAE-OP já sabe realizar todos os rituais respeitando a raiz congadeira e, nas apresentações, são capazes de responder às diversas formas de interação que o congado exige”.

Dessa maneira, o congado passou de uma atividade didática para uma prática religiosa e cultural vivenciada e reconhecida como uma das mais expressivas e relevantes tradições ouropretanas, que ainda sobrevive, permanece e se apresenta como cada vez mais notável. Essa experiência vingou e está presente na dinâmica cultural da cidade.

O grupo é visto como uma guarda de Ouro Preto que contribui para a continuidade da cultura congadeira em outros espaços, e recebe convites para apresentações em variadas

---

<sup>13</sup> KS que é uma das referências do congado de Ouro Preto e atualmente capitã da Guarda de Congo de Nossa Senhora do Rosário e de Santa Efigênia do Alto da Cruz, que é uma das mais importantes do município.

instituições, em festas escolares e não-escolares, na sede e nos distritos de Ouro Preto. Segundo a Capitã KS:

O congado formado pelo os alunos da APAE é um excelente trabalho isso ajuda muito no desenvolvimento desses alunos desenvolvimento psicológico e social. Eles tocam seus instrumentos musicais, puxam cânticos e se comportam de maneira respeitosa em uma festa de Congado. Eles se comportam como congadeiros que são, eles são congadeiros, isso é de grande importância para eles e pra nós.

Dessa maneira, o grupo foi ganhando maior visibilidade. Além de apresentações em escolas e empresas, passou a estar presente também em festas religiosas da cidade, com destaque à sua participação no Festival de Inverno de 2008, cujo tema foi Chico Rei. A Figura 12, a seguir, apresenta o convite para o Festival de Inverno desse ano.



Figura 12 - Convite para Festival de Inverno (2008)

Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

Um importante marco para a guarda foi seu registro na Comissão de Folclore do município. Esse registro propicia a divulgação da cultura local e leva, para fora da instituição escolar, o trabalho realizado pelos alunos, além desenvolver sua autoestima e conscientizá-los sobre a cultura afro-brasileira.



Figura 13 - Registro na Comissão de Folclore  
Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

Foi na apropriação da cultura congadeira que a dimensão desse congado com a cidade de Ouro Preto foi sendo construída, o que favoreceu a realização da primeira festa em louvor às suas santas padroeiras em 2006, como mostra a Figura 14.



Figura 14 - Primeira Festa do Rosário (2006)

Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

A festa do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças acontece, normalmente, no segundo domingo de novembro. O grupo recebe congados de diversas partes de Minas Gerais, segundo Silvânia, “os convidados são importantes para o sucesso da festa. Ela explica, ainda, que “a organização da festa se constitui na estadia e alimentação as guardas visitantes”. Durante o evento, acontecem o levantamento de mastro e bandeira, procissões, missa e apresentações.

A festa revelou-se como um evento essencial no que diz respeito ao seu reconhecimento, e foi incluída no circuito das festas do Rosário de Ouro Preto. Esse festejo representou o início do grupo na experiência religiosa e ritualística do congado, e foi também uma forma de afirmação da guarda na comunidade congadeira.

A capitã Silvânia relata essa primeira festa da seguinte maneira:

essa festa foi muito importante pro grupo, porque foi o momento em que nós tivemos autorização para entrar em uma igreja, foi o momento em que Nossa Senhora abriu a porta do santuário para que nós pudéssemos entrar realmente como congo, e não mais para-folclórico. Foi uma hora em que ela mostrou que fomos escolhidos por ela para começar uma trajetória de devoção, e o padre nos mostrou a importância tão grande que era aquela atividade para devoção à Nossa Senhora, elevando o nome da Virgem Maria. Esse momento foi crucial para o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. Foi, a partir daí, que tivemos que escolher se seríamos para-folclórico ou se seríamos o congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. Eu acredito que nós fomos escolhidos pelas santas, então essa festa nos mostrou o que Nossa Senhora queria da gente, porque, até então, não tínhamos noção.

O mais interessante é que, após a nossa apresentação na igreja, nós tínhamos mais de 30 componentes, ficamos em nove e nós rodamos, durante anos, eu e mais oito, sendo nove no total. E esses oito da APAE foram os escolhidos por Nossa Senhora. As professoras que estavam comigo foram saindo, os outros, a cada hora, era uma coisa, foram saindo e, até hoje, os que estão à frente do congado são os escolhidos por Nossa Senhora. Muitos trabalham, mas, quando há alguma apresentação, pedem folga, estão junto com a gente: são ou não são escolhidos de Nossa Senhora?!

O congado colocou em evidência a APAE-OP, fato que auxiliou no processo de identificação do grupo com a experiência cultural. A prática do congado desenvolvida com os alunos da APAE-OP foi afirmada como um projeto da instituição e obteve reconhecimento também fora dela, por compreender os saberes vinculados a essa tradição, além de promover a inclusão dos alunos nos eventos para os quais a guarda é convidada, conforme é possível observar no informativo da empresa Novelis. A Figura 15 apresenta uma reportagem sobre a guarda de congado da APAE-OP.

**Programa Novelis de Patrocínio apóia Congado da APAE**

O Programa Novelis de Patrocínio faz parte das ações sociais da Novelis. É um processo seletivo de projetos das áreas de saúde, meio ambiente, social, esporte, educação e cultura, inscritos por organizações públicas e da sociedade civil de municípios e localidades onde a empresa tem unidades em operação em Minas Gerais.

Há seis anos, o Congado Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças enche de louvor cada espaço onde se apresenta. O grupo, que traz as tradições desta Minas Gerais de folclore e religiosidade, é ainda mais especial por ser formado pelos alunos da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Ouro Preto.

Em 2007, a Novelis, por meio do Programa de Patrocínio, apoiou a confecção de novos instrumentos para as apresentações com o ritmo forte dos tambores.

O congado da APAE promove inclusão e melhoria de vida dos alunos. Com música e dança, eles aprendem disciplina e socialização.

A professora e capitã do congado, Silvânia Borges, conta que a criação do grupo foi um impulso para o desenvolvimento dos alunos. "Quando eles estão no congado, não são vistos como deficientes, são aceitos e reconhecidos como congadeiros", diz.

Ela relata ainda que muitos participantes apresentaram avanços na concentração, percepção, linguagem oral e coordenação motora, além do equilíbrio emocional.

O congado da APAE tem a agenda cheia: viaja para várias cidades e está presente em muitas comemorações de Ouro Preto, mas não cobra nada por elas, pois o que o conduz é a devoção. Por isso, quem quiser apoiar o grupo pode entrar em contato pelos telefones (31) 3551-0249 / 8776-6616.



Alunos da APAE em apresentação do Congado da entidade

Novelis Comunidade • Ano 1 - nº 3 • Fevereiro/2008 5

Figura 15 - Reportagem sobre a guarda de Congado da APAE-OP no informativo da empresa Novelis (Ano 1, n. 3, p. 5, fev. 2008)

Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

### 3.1 A experiência do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças a partir da professora e capitã Silvânia Borges

Silvânia, mãe de três filhos e avó de três netos, é nascida e criada em Ouro Preto, onde passou os seus 53 anos de idade. Como ela diz:

meu nome é Silvânia Aparecida dos Santos Borges. Desde criança, conheci diversas formas de manifestação da cultura popular de Ouro Preto: congado, corações, procissões, tríduos, novenas, festas juninas e muitas outras. De alguma maneira, elas sempre me fascinaram. Cresci, casei, descasei, casei de novo, tenho três filhos, duas netas. Sou enraizada nessas ruas ouro-pretanas. Eu sempre morei aqui.

Por meio desse relato de Silvânia, evidenciamos a sua relação com a cidade de Ouro Preto. A Figura 16 destaca a homenagem que ela recebeu em um órgão público do município de Ouro Preto.



Figura 16 - Homenagem à Silvânia na Câmara de Vereadores de Ouro Preto  
Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

No dia 6 de novembro de 2018, a professora e capitã Silvânia recebeu uma moção de aplauso devido à sua atuação na guarda do congo da APAE-OP. Segundo ela, “as necessidades da vida me levaram a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto, onde trabalho como professora. Ali, descobri o que nasci para fazer: ensinar. Lá encontrei pessoas especiais que precisavam de verdade da minha ação: os deficientes”.

Ao atuar como professora da APAE-OP, Silvânia propôs uma atividade educativa com seus alunos, uma apresentação de um grupo de congado. Assim, buscou conhecimentos sobre

essa manifestação com tradicionais congadeiros de Ouro Preto para colocar em prática a atividade.

A partir dessas mudanças, Silvânia, além de professora e coordenadora do projeto, se tornou a capitã do congado. Ela se insere no grupo de lideranças de mulheres congadeiras existentes na cidade. Na maioria das guardas de Ouro Preto, são elas que conduzem seus congadeiros e atuam, efetivamente, na disseminação de sua prática cultural.

Silvânia destaca que:

as ações de professora me levaram até o congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. O congado me transformou na capitã Silvânia e é ela que falará daqui pra frente.

Há anos, vislumbrei a possibilidade de trabalhar o congado, pela sua beleza cênica e sonora, que me fascinavam desde a infância. Tinha conhecimento de algumas coisas sobre o congado, mas não tinha nenhum aprofundamento. Resolvi, então, me preparar e aos alunos, convidei dois congadeiros na cidade para nos ajudar.

O convite foi feito por mim, pois conhecia o Zé Lourenço e o Gesùs, pra eles fazerem uma troca de experiência com a gente, então, eu os convidei e, logo, eles aceitaram de prontidão, sem colocar nenhum empecilho ou desculpa para não ir nos ajudar e nos ensinar. O mais legal é isso: eles ensinaram e nós aprendemos.

Zé Lourenço era o congadeiro mais antigo de Ouro Preto. Zé Lourenço [hoje falecido] participou da primeira guarda que teve aqui em Ouro Preto, de Santa Efigênia. Ele, na época, se prontificou a nos ajudar, juntamente com Gesùs, que nós costumamos a chamar, aqui, carinhosamente, com Gesùs Boia. Ele apita o mestre na Folia de Reis. Eles foram até a APAE, nos ensinaram os toques, as danças, os ritmos. Inclusive, na APAE, tinha um capoeirista com nome de Antônio Chagas, que, por coincidência, era o capitão da guarda do congado de São Cristóvão, ele também nos ajudou demais. Tanto é que tem um senhor chamado Miguel Malaquias que fala que, no toque de congo, só existe dois tipos, que é a marcha lenta e a marcha grave, que elas não se misturam e que o nosso toque é dessa maneira. Eu me senti muito lisonjeada, pois ele foi uma pessoa que conheceu congadeiros antigos e conhece o congado a fundo. Falar uma coisa dessas, me senti muito lisonjeada.

E o interessante foi que o pessoal foi pra APAE pra ensinar e foi um aprendizado mútuo, eles aprenderam que a gente tinha dificuldades, a gente era diferente, porém nos esforçávamos para aprender, tanto eu como os meninos, porque eu também tenho minhas limitações, e nós nos esforçamos e foi um aprendizado mútuo, pois eles aprenderam que, muitas vezes, a gente é diferente, mas que a gente consegue e, pra nós, foi uma forma de letramento, uma forma de cultura, diferente, uma forma nova de se aprender, que é um ritmo de dança diferente, que você não tem, na mídia, umas músicas da mesma forma. Você não ouve música de congado nas rádios, então, pra nós, foi um aprendizado espetacular, um aprendizado único, que nós fizemos em conjunto com nosso passado, com os nossos descendentes, com os mais velhos. Então, pra nós, foi espetacular este tipo de aprendizado, foi um aprendizado diferente. Foi a tradição ensinando os diferentes, é muito linda essa história, linda demais.

A música, a dança, o jeito de fazer, grudaram em mim. Consegui as roupas e materiais, os instrumentos, aprendi e ensinei as músicas, toques, danças. A apresentação, nossa primeira apresentação foi um sucesso, começamos a ser convidados a participar de diversos eventos na cidade.

Para ser sincera, no primeiro momento, eu entendi a nossa atividade como uma ação educativa de formação e socialização, que buscava a inclusão e a melhoria da qualidade de vida e convivência dos apaeanos, com os quais trabalho.

Como atividade educativa, o congado ainda tem como objetivo tentar minimizar os impactos que a deficiência acarreta nos alunos, isto é, melhorar a qualidade de vida daqueles que possuem deficiências. Além disso, a participação em diversos eventos permite um grau cada vez mais intenso de socialização.

Segundo Silvânia, “o projeto pedagógico, a atividade educativa deveria ter sido encerrada no final do mesmo ano, mas isto não aconteceu, funcionou como um chamado”. Ela ainda relata que:

havia duas formas de ser congado, a primeira seria continuar sendo um grupo para-folclórico, que apresentava aspectos da manifestação conga, e a segunda pela qual optamos foi a de nos tornar uma guarda de Nossa Senhora do Rosário, baseada na raiz congadeira que herdamos de Chico Rei. Esta consciência implicava em uma série de compromissos e preceitos religiosos que deveríamos desenvolver em nosso grupo e, tendo-as consolidadas, estabelecer uma sintonia com os demais grupos da nossa cidade e nos tornamos o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças.

A participação durante os rituais das guardas do congo com os demais congos da cidade proporcionou a oportunidade de aprender os hábitos e os costumes característicos desse tipo de manifestação. Nesse sentido, Silvânia relata:

progressivamente, ganhamos respeito de nossos pares. Em 27 de novembro de 2005, realizamos nossa grande ação: o louvor à Nossa Senhora do Rosário. Conseguimos organizar todo o evento dentro dos rituais do Rosário de Ouro Preto. Durante o ano de 2006, intensificamos os ensaios, fortalecemos os conhecimentos dos participantes do grupo, consolidamos a aceitação do congado na comunidade e dentro do APAE. Participamos efetivamente de todos os eventos relativos ao reinado de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto. A partir de então, nossas atividades cresceram e se desenvolveram e, hoje, somos parte da família congadeira de Minas Gerais.

A religiosidade da guarda revela uma perspectiva histórica do grupo e os aspectos pedagógicos são também descritos por Silvânia, que descreve as práticas escolares exercidas por ela:

até então, eu pensava que eu tinha que chegar lá, dar minha aula e pronto! Hoje, eu vi que, se eu ensinasse, para eles, uma música do congado, eles iriam aprender o desenvolvimento da linguagem oral, a percepção auditiva. Não precisa preocupar em ensinar, para eles, a ler e escrever, isso aí é consequência, o que eu preciso fazer é que eles consigam adquirir a sociabilidade.

Os ensaios contam com apoio de todo o corpo docente e de funcionários da APAE-OP. Além disso, as Secretarias Municipais de Educação, Turismo e de Cultura são grandes parceiras

e ajudam em algumas necessidades, em especial o transporte para apresentações fora de Ouro Preto.

Os ensaios são realizados na sede da APAE aos sábados à tarde. Nesse espaço, o grupo se reúne para ensaiar as músicas e danças que serão entoadas. Os ensaios geralmente têm duração de três horas e, neles, estão presentes a capitã e aos alunos congadeiros, além de outras pessoas que sempre vão assistir a esse evento, geralmente mães que acompanham seus filhos até o local. Os ensaios são “regidos” pelo apito da Capitã, que relembra as músicas e realiza, junto ao grupo, exercícios musicais para que aprimorem suas habilidades de manuseio de instrumentos, de canto e dança.



Figura 17 - Ensaio dos alunos (1)  
Fonte: Arquivo pessoal

Nessa medida, em conformidade com Sousa (2011, pág. 255), acreditamos que o ensaio não é uma execução menor; ele é a própria execução, imitada pelos músculos, pelo pensamento, como mensagem mental e corporal que ainda não conquistou a sua extensão visível representável. São os ensaios, pois, de alguma maneira, a própria festa.



Figura 18 - Ensaio dos alunos (2)  
Fonte: Arquivo pessoal

Sobre os ensaios, Silvânia relata que “eles cresceram e melhoraram, mas ainda não encontramos uma rotina ideal de ensaios, devido, principalmente, ao custo com transporte”. É importante destacar que, para os ensaios, os alunos são buscados em casa e, ao fim, são levados para suas residências. Nesses casos, os custos do transporte, na maioria das vezes, ficam a cargo da capitã Silvânia.

Nos ensaios, são introduzidos novos cantos, danças e rituais que fortalecem o desenvolvimento anteriormente já conquistado. Nas palavras de Silvânia:

a nossa pretensão é de nos desenvolvermos mais para consolidar nossa tradição. Para tanto, nossa primeira grande conquista foi fazer a nossa festa, ela é síntese de todas as ações e o preceito mais importante que cumprimos publicamente, para manifestar os rituais de louvores que cabem a uma guarda de congado.

Vale destacar outra grande conquista do grupo: a de consolidar o toque e a dança e criar uma identidade própria. É dessa maneira que se logra ultrapassar as barreiras que a deficiência impõe aos congadeiros apaeanos.

No entanto, as dificuldades – sobretudo, econômicas – enfrentadas pelo grupo ainda são um obstáculo. Segundo a capitã, as condições financeiras do congado têm se mostrado insuficientes diante do atendimento de suas necessidades, como: confecção de bandeiras, promoção de festas e aquisição de roupas. Mesmo com as dificuldades, ela mantém o otimismo através da fé e afirma: “Nossa Senhora sempre provê, nunca deixa faltar nada”.

O envolvimento dos estudantes com o congado é efetivo. São 17 participantes assíduos, sendo que oito estão desde sua criação. A maioria dos demais alunos é congadeiro há mais de cinco anos.

Ao questionar os alunos sobre o motivo de sua permanência na guarda do congado, eles mencionaram o dever de louvar Maria. Segundo eles, também chamam a atenção a dança e os passeios, como é possível observar no relato a seguir, de um dos membros: “a gente canta, reza, viaja, tudo é muito bom, mas, mais importante, é Nossa Senhora”.

Os alunos reconhecem Nossa Senhora e gostam da experiência, que é algo que faz sentido para eles. A seguir, apresentaremos alguns relatos que mostram o sentido de pertencimento e orgulho dos alunos em serem congadeiros, se sentirem protagonistas das suas vidas e participarem da guarda:

eu não, eu não saio do congado, não (aluno apaeano).

Na escola [congado] me ajudou a prestar mais a atenção e prestando mais atenção a gente aprende mais (aluno apaeano).

só se eu sair da APAE, porque aí deve ficar difícil continuar, mas, se der, eu continuo (aluno apaeano).

O congado é uma coisa que gosto e eu gostaria de fazer, de continuar (aluno apaeano).

Conheci meus amigos, conheci vários lugares, conhecemos a Aparecida do Norte que fica lá em São Paulo. Conhecemos muitas guardas de fora e fizemos muitos amigos lá (aluno apaeano).

O congado é onde tem caixa, muito congadeiro e é uma dança, que canta para Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. Sim eu sou devoto de Nossa Senhora (aluno apaeano).

O Congado é coisa Sagrada de Nossa Senhora do Rosário. Cuido da minha roupa, lavo e passo. Cuido dos instrumentos, tomamos conta de tudo e sabemos trocar o couro quando fura. Porque a gente precisa fazer tudo bonito para Nossa Senhora do Rosário (aluno apaeano).

Percebe-se, diante dos relatos anteriores, que os alunos da APAE se identificam como congadeiros. Nesse sentido, vale a pena frisar que, de acordo com Brandão (2020, p. 47), “[...] congadeiro é aquele que, além de dançar, trabalha na produção da festa durante todo ano, tem a congada como um modo de vida, uma tradição, sente-se responsável por ela, e tem uma relação de fé com Nossa Senhora do Rosário”.

Os relatos destacam a importância que os alunos dão à cultura congadeira, fato que intervém na continuidade e no reconhecimento da guarda de congado em Ouro Preto. A esse respeito, Silvânia destaca que “no congado, eles não são apaeanos, nem são pessoas com deficiência, são verdadeiramente congadeiros e todo mundo que *tá* lá foi escolhido, ninguém está lá por acaso. Na guarda de congo, não temos excepcionais, temos congadeiros, assim, eles devem ser vistos e entendidos”.

É possível destacar que o convívio com outros congadeiros também auxilia no conhecimento adquirido pelos apaeanos sobre os saberes e os costumes dessa tradição, assim, a guarda de congado se apresenta como processo educativo. Nesse sentido, Silvânia ressalta que “os deficientes auditivos, intelectuais e múltiplos melhoram sua autoestima, conhecem outros lugares com suas viagens e apresentações, demonstrando suas habilidades na dança e na música”.

Por meio da música entoada, dos louvores cantados, do assovio do apito, dos movimentos coreografados, da batida das caixas, das relações estreitadas, das instruções e das orientações firmadas, diferentes processos educativos são revelados. Assim sendo, o congado interfere de maneira ativa na vida dos alunos, pois tem seus saberes apreendidos e transferidos para as ações cotidianas.

Quem vê o Congado de Nossa Senhora do Rosário em apresentação não consegue avaliar a carga de formação que ela envolve. Essas atividades são preparadas como se fossem uma sequência didática, pensando em todas as possibilidades de aprendizagem que pode proporcionar. Segundo Silvânia:

o congado, enquanto atividade didática, apresenta as diferentes formas de letramento para os excepcionais, onde utiliza o corpo, a dança, a música, o toque de seus instrumentos para se comunicarem, não quer dizer necessariamente aprender a ler e escrever, mas aprender a se comunicar através do movimento e expressões do corpo, da voz, do ritmo, das orações, dos cantos, e de muitas outras formas.

Silvânia também destaca, em sua fala, a questão da dança:

é um momento muito especial de desenvolvimento destes alunos. Ao canto, anteriormente ensaiado, se junta o bailado. Não se constituem em atos decorados. No congado, a dança é uma resposta ao canto, ao apito e a espada do capitão. O que poderia ser uma atividade simples, para uma pessoa dita “normal”, para o deficiente, é quase um desafio. Ele precisa cantar, tocar seu instrumento, bailar, mudar de ritmo e direção, respondendo aos comandos dados pelo capitão.

Silvânia explica, ainda, como o congado interfere na concentração e desenvoltura dos alunos:

os alunos que participam do congado participam de um meio rico em músicas, ritmos, símbolos e vivências que se manifestam na sala de aula através da melhor desenvoltura nas atividades da sala de aula. Atuo também na sala e observo que os alunos que participam do congado são mais concentrados, com raciocínio mais rápido e a linguagem oral, mais desenvolvidos.

A partir da participação na guarda, Silvânia destaca que “eles estão mais disciplinados em questão a regras, à pontualidade com horários, no respeito, nos valores e no respeito mútuo, que considero fundamentais para o desenvolvimento educacional e social dos alunos participantes do grupo de congado”. Como relata Silvânia,

a atividade do congado é inteiramente inclusiva, pois visa à inserção do deficiente na sua comunidade, onde estes são vistos e aceitos pela comunidade congadeira enquanto congadeiros, que são respeitados como tal. Todo este aprendizado vai para a vida individual e comunitária de cada um. Aprender a se cuidar, cuidar de sua saúde, de suas roupas, de suas coisas. A entender o que é um compromisso, se sentir responsável, cumprir as expectativas e aprender a fazer melhor.

Os meus meninos são tudo! Lá na guarda, a gente tem esquizofrenia, surdo, nós temos retardo mental severo, são várias deficiências num grupo, só que esses com deficiência são alunos da APAE. Agora, na guarda, eles são congadeiros, porque eles vencem todas as dificuldades, mesmo o que é deficiente auditivo, ele interage no toque e dança. Então eles vencem as barreiras da deficiência em prol ao louvor à Nossa Senhora. Eles vencem as dificuldades, pra eles, é uma forma de letramento, porque, na medida que eles aprendem um ritmo novo, uma letra de música nova e, muitas vezes, o negócio é interessante, que eu dito o ritmo, mas o ritmo sai do jeito deles, eu dito a forma de canto, mas o canto sai do jeito deles, eu posso cantar do meu jeito, mas, na hora que eles vão responder, vai ser do jeito deles, e acaba que eu acabo interagindo com o jeito deles, pois, na guarda, não tem como eu impor. É um aprendizado mútuo, todos os dias, então, meus meninos são [...] acho que nem saberia descrever, eles são bênçãos. Eles estão comigo há tanto tempo, acho que eles se tornaram minha família, pois eu saio, mando um bilhetezinho qualquer pras mães e eles ficam todos no ponto me aguardando, porque é um momento que eles podem sair, que eles podem se mostrar sem preconceito, é um momento que eles podem conhecer outros lugares, é um momento aonde eles podem colocar sua devoção sem obstáculo algum e tudo mudou, tudo mudou na vida deles, porque, antes, era dentro de casa, então a vida deles, era da APAE para casa de casa pra APAE. Hoje não, hoje é de casa pra APAE e APAE pra casa, durante a semana, e, nos finais de semana, nós conhecendo lugares e, quando a gente sai pra conhecer lugares, eu falo sempre com eles: “nós não viemos aqui pra brincar, nós temos um compromisso, claro que viemos para conhecer, mas, primeiramente, a gente vem cumprir nosso papel [louvar Nossa Senhora]”, e, na mesma hora, ninguém dispersa.

Então, assim, se existe, que eu acredito que inclusão é utopia, eu acredito que a inclusão é utopia, só que, na mesma hora que penso que é utopia, eu penso que o congado é a melhor forma de inclusão, porque, dentro do congado, conjuntamente com os outros grupos, em outras cidades, em outros Estados, nós não temos deficiência. Quando chegamos, o povo pode até procurar, mas não acha, quando falam que vai chegar uma guarda de deficientes, eu não entendo o que eles esperam que, muitas vezes, chegam as pessoas e perguntam, já perguntaram pra mim: “dizem que vai vim uma guarda de deficientes aí, eles já chegaram?”. E eu falo: “somos nós”. Eles falam: “eles não são deficientes não”.

Eu acredito que o congado, pra eles, é a inclusão social, se tornou uma inclusão social e, com amplitude de outras cidades, de outros Estados, pois já tivemos a honra de participar da Festa de São Benedito, em Aparecida do Norte e, lá mesmo, chegaram pra mim e perguntaram “onde está a guarda de deficientes, que a gente não está vendo?”. Porque não tem, na guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, não existe deficiência. Existem congadeiros com limitações iguais todo mundo tem. Então, meus meninos, quando falo “meus meninos”, eles, pra mim, são como filhos, parte da minha família. Muitas vezes, só de bater o olho, eles sabem se eu estou com algum problema, um se preocupa com o outro, eles sempre tentam formas da gente correr atrás pra fazer o congado ir pra frente e ajudar aqueles colegas que estão passando por alguma dificuldade. A gente está sempre junto pra resolver e, quando se inicia o ano, eles já começam: “tá chegando nossa festa, né?”. Eles têm a

oportunidade de receber outras pessoas, eles querem isso o tempo todo! Pois, quando saem, eles são bem recebidos, e aí eles querem devolver a hospitalidade. Então, eles ficam no meu pé: “está chegando nossa festa, né?”. E isso é todo dia a mesma tecla e, todo final de semana, eles perguntam pra mim: “tem congado?”. E a minha tristeza maior é fazer com que eles não saiam mais, pois não temos, muitas vezes, recursos para cumprir todos os nossos convites, conhecer outras guardas! Posso dizer: eles são demais!

A experiência religiosa envolve Silvânia e também seus familiares. De acordo com a capitã, foi a partir do congado que sua fé “acordou”. Ela relata que o congado é tudo para ela e que, por meio dele, sua fé aumentou e ela até conseguiu resolver problemas pessoais: “eu aprendi a olhar para o céu e agradecer a Deus. Eu aprendi a fechar meus olhos e clamar à Virgem Maria. Então, o congado, para mim, é tudo, devolveu minha religiosidade”.



Figura 19 - Momento de fé da capitã (2018)  
Fonte: Arquivo pessoal

Com o congado, os familiares da capitã foram influenciados e começaram a participar da manifestação. Segundo Silvânia, seu filho, Giovane, foi o primeiro a ajudá-la, depois, suas netas, Maria Eduarda e Júlia, foram consagradas ao congado e são figuras atuantes na guarda. Silvânia conta também com auxílio do seu esposo, Eder, que a ajuda muito nas atividades.

Hoje, minha família também se tornou parte do congado, sendo escolhidos por Nossa Senhora, porque meu marido abandonou o vício, foi pro congado. Os meus netos nasceram dentro do congo e estão até hoje. Meu filho saiu da guarda, desviou do caminho e o mundo tomou conta. Hoje, ele não faz parte da guarda, mas tem dois anos desde que saiu da casa de recuperação, ele vem me ajudando, em especial na festa e nas viagens. Eles são ou não são escolhidos por Nossa Senhora?

Destacamos, mais uma vez, que o grupo não foi fundado em decorrência da herança familiar, mas essa concepção foi inserida, já que a capitã tem passado seus conhecimentos aos filhos e netos, e tem, como princípio, a continuação dessa manifestação.

### **3.2 O trabalho, no dia de festa, também é festa: um olhar sobre o espaço vivido na Festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP**

A organização da festa é feita pela capitania do congo. Durante esses preparativos, como pesquisador, tive a oportunidade de auxiliar na sua organização e pude vivenciar todas as etapas: ornamentação, preparo do café, almoço e liturgia.

“O trabalho, no dia de festa, também é festa” afirma Silvânia. Ao cozinhar, limpar, decorar e organizar, escutam-se risos e conversas descontraídas. As brincadeiras e as cantorias já se iniciam desde o momento da organização, que também está pautada na cooperação e na amizade entre os familiares. Dessa forma, compreendemos que a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP constitui-se em três momentos: o antes, o durante e o depois. Antes de iniciar a efervescência festiva, a festa começa com a organização do espaço e, após a explosão das emoções, no festar, há o trabalho de organizar, de colocar tudo “como estava antes”. Essas ações são executadas com alegria, diversão, cantos e emoções.

Silvânia relata que:

a festa acontece em novembro, próximo ao dia dedicado à nossa padroeira, Nossa Senhora das Graças, recebemos de seis a 10 guardas de outras cidades, comunidade escolar da APAE, comunidade local e alguns visitantes. Fazemos comida para 600 pessoas, servimos café da manhã, almoço e lanche.

A festa de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora das Graças marca uma nova temporalidade e se caracteriza pela espacialidade específica, ao oportunizar o aparecimento de cheiros, sons, cores e texturas diferentes daquelas do cotidiano. Novos elementos são agregados a esse lugar. Os alimentos exalam um cheiro que atinge áreas distantes de onde são fabricados, os moradores transitam com intensidade e apresentam dúvidas e ansiedade acerca da organização e da estrutura da festa. A emissão de sons é intensa. As mulheres se mostram preocupadas com a alimentação e a limpeza do lugar da festa, a decoração deve ser minuciosa. A chegada dos convidados é aguardada com respeito e devoção. O café e os biscoitos são colocados à mesa.

### 3.3 Descrição da festa

Nesta seção, a festa será descrita detalhadamente, desde o convite até o dia posterior. As Figuras 20 e 21, a seguir, apresentam os convites das festas do congo dos anos de 2018 e 2019.

**CONVITE**



**SALVE MARIA!!!!**

O Congado de Nossa senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças de Ouro Preto, com muita alegria, convida sua guarda para festejar o Santo Rosário de Maria, no dia 11 de novembro de 2018, a Rua João Pedro da Silva, 255- Bairro- Bauxita- Ouro Preto.

**PROGRAMAÇÃO**

**Dia 10/11/2018- Sábado**  
17:30 horas- Chegada da imagem de Nossa Senhora das Graças na sede da APAE  
18 horas- Recitação do terço  
19 horas - Coroação do Reinado de Festa  
20:30 horas- Levantamento dos Mastros

**Dia 11/11/2018- Domingo**  
7 horas- Chegada das Guardas  
10 horas- Procissão para buscar a imagem de Nossa Senhora do Rosário e o Reinado de Festa  
12 horas - Almoço  
15 horas- Santa Missa  
16:30 horas- Arreamento dos mastros e encerramento

Contamos com a sua presença e aguardamos sua confirmação até o dia 30 de outubro  
Telefones de contato: 98519 8255 (Silmária) 98810 4760 ( Tatiana) (31) 35520837( noite)  
985978139 (Edvaldo)

Figura 20 - Convite da festa do congo (2018)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 21 - Convite da festa do congo (2019)  
Fonte: Arquivo pessoal

Silvânia afirma que, por haver duas padroeiras, as atividades acontecem de maneira um pouco diferente do que nas outras guardas. Assim, no primeiro dia, acontece a chegada da imagem de Nossa Senhora das Graças, como pode ser observado na Figura 22.



Figura 22 - Chegada da imagem de Nossa Senhora das Graças  
Fonte: Arquivo pessoal

Após a chegada das imagens, é realizada a coroação do reinado. Quanto a isso, é interessante destacar que os negros sempre tiveram uma conexão íntima com as cerimônias de coroação de reis negros e promoveram, no Brasil, uma mistura de suas tradições com o catolicismo, adaptando as coroações às crenças católicas. Dessa forma, mantinham sua cultura, tendo nas festas uma oportunidade para lembrar suas origens e reforçar sua identidade (BRANDÃO, 2020, pág. 50), conforme as Figuras 23, 24 e 25.



Figura 23 - Coroação do reinado de festa (1)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 24 - Coroação do reinado de festa (2)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 25 - Coroação do reinado de festa (3)  
Fonte: Arquivo pessoal

Na sequência da festa, na sede da APAE-OP, é realizada a reza do terço, como na Figura 26. Quanto a isso, é interessante recorrer ao que diz Evaristo (2018, pág. 31) ao explicar que “o terço surge, então, com um caráter sagrado, um emblema considerado direito divino na batalha contra os inimigos”.



Figura 26 - Imagem da reza do terço na sede da APAE-OP  
Fonte: Arquivo pessoal

Os festejos de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças se iniciam com o levantamento do mastro, com uma bandeira que traz a estampa de Nossa Senhora do Rosário, em frente à APAE-OP, para que toda a comunidade saiba que haverá a festa e se sinta convidada para o evento. A Figura 27 mostra as imagens das Nossas Senhoras.



Figura 27 - Nossa Senhora das Graças e de Nossa Senhora do Rosário  
Fonte: Arquivo pessoal

O mastro é o marco, a referência. Segundo Silvana, ele “é levantado com nossos pedidos, como prosperidade. Uma coisa que você quer pra você e pra festa, pra tudo ocorrer bem”. Para levantá-lo, forma-se a guarda, que deve estar uniformizada, e processa-se o ritual. A capitã recebe a bandeira, coloca-a no mastro, que é levantando com rezas, danças e cantos. Em seguida, o mastro é tocado pelas espadas ou pelos bastões, como é possível observar nas Figuras 28, 29 e 30.



Figura 28 - Mastro de Nossa Senhora do Rosário (1)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 29 - Mastro de Nossa Senhora do Rosário (2)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 30 - Mastro de Nossa Senhora do Rosário (3)  
Fonte: Arquivo pessoal

No dia seguinte, pela manhã, as guardas convidadas são recebidas com um café. E, após a guarda, busca-se o reinado em suas residências, cantando, dançando e batendo seus instrumentos. Todos se reúnem em frente à APAE-OP. Há exibição coreográfica da guarda e de outros convidados, além de troca de cumprimentos e embaixadas.

Segundo o livro *Introdução ao congado* (1974, p. 41), há um ritual de apresentação das guardas, em que, na chegada, cada guarda entra e canta pedindo licença e prossegue cantando

e dançando durante o ritual de oferecimento de sua bandeira para ser beijada, com uma simples genuflexão. Em seguida, a guarda faz uma demonstração mais livre de suas cantigas, seus bailados e ritmos para, então, descansar antes da alimentação que lhe será oferecida. Diante do alimento, canta pedindo que seja ele abençoado pelo santo e, depois da refeição, agradece também cantando. A guarda encerra sua prática com orações, aclamações e cantigas de despindo. As Figuras 31 a 36 apresentam as guardas presentes na festa do Rosário de 2018 e 2019.



Figura 31 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (1)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 32 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (2)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 33 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (3)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 34 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (4)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 35 - Guardas presentes na festa do Rosário (2018) (5)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 36 - Guardas presentes na festa do Rosário (2019) (6)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 37 - Guardas presentes na festa do Rosário (2019) (7)  
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 38 - Guardas presentes na festa do Rosário (2019) (8)  
Fonte: Arquivo pessoal

Após a chegada e as apresentações das guardas, é servido um almoço para os congadeiros, um ato de solidariedade e de comunhão entre os membros. Pode observar que os alimentos na festa do congado são fartos, com objetivo de atender a todas as guardas visitantes. A alimentação talvez seja a maior preocupação durante a festa. Servir a todos, além de representar a partilha, é uma forma de mostrar o empenho e o esforço na realização do festejo. Antes do almoço, processa-se a bênção dos alimentos, pelo/a capitão/ã da guarda.

Durante o turno da tarde, realiza-se uma missa, acompanhada de uma procissão. A missa conga se diferencia da missa comum porque os congadeiros exercem um protagonismo no rito, nas palavras do padre, “hoje é o dia deles, os congadeiros”. Segundo Silvânia, “àquela hora que a gente chega na porta da igreja pra missa é um momento muito importante, ali que a gente mostra que temos fé”.

A missa é muito animada e se dá com os congadeiros tocando e cantando nos principais momentos, como a chegada da Nossa Senhora à igreja na figura 39:



Figura 39 - Momento da chegada de Nossa Senhora do Rosário à igreja  
Fonte: Arquivo pessoal

Na celebração, os cantos são feitos por diferentes guardas. De maneira similar, no momento do ofertório, que chamam de oferenda, também entram representantes das diversas guardas participantes, que levam, por exemplo, broa, milho cozido, cana-de-açúcar e outras frutas variadas, pipoca e doces. Tudo isso ao som dos tambores e sempre dançando. A Figura 40, a seguir, destaca o momento do ofertório. Porém vale ressaltar que os demais momentos da missa são os mesmos dos cultos que não possuem essa denominação.



Figura 40 - Momento do ofertório  
Fonte: Arquivo pessoal

O encerramento da festa tem seu ponto culminante na procissão, quando os congados se encarregam de conduzir o andor de Nossa Senhora do Rosário. Durante a procissão, as guardas cantam, mas não tocam seus instrumentos. Rezam-se orações e há uma mistura de cantos religiosos e específicos dos congados.



Figura 41 - Procissão  
Fonte: Arquivo pessoal

Cada elemento dos congados adquire sua indumentária e enfeites próprios, dada a falta de recursos financeiros dos grupos. O caráter pleno de religiosidade de suas festas impede os

grupos de receberem remuneração pelas suas apresentações, quando convidados a participar de comemorações. A exigência de recursos financeiros reduz-se a transporte e alimentação.

Portanto, o participar da festa concretiza os laços afetivos que se fortalecem. Saber tocar os instrumentos, proteger-se com o rosário, rezar junto ao altar pedindo proteção aos Santos é mais que uma estratégia para aprender *a ser* a festa: é uma forma de se conectar aos fundamentos e rituais do congado, participando diretamente em sua prática (BRANDÃO, 2020).

### 3.4 Músicas do congado da APAE-OP

O livro *Introdução ao Congado* (1974, p. 40) expõe, de forma detalhada, a parte musical da guarda de congo. As violas são enfeitadas com fitas coloridas. Seus ritmos mais comuns são marcha grave, lenta e marcha picada mais acelerada. Utilizam o surdo, uma caixa pequena que as pessoas chamam de repilique, e os chocalhos, com forma arredondada.

Segundo Silvânia, “o canto é um momento de respeito. Nossa característica é a fé e a alegria é ultrapassar as barreiras da deficiência”. Apresentamos, a seguir, as principais músicas cantadas pelo congado da APAE-OP.

#### a) Bandeira

*Ela é a nossa mãe*  
*Ela é a nossa guia*  
*A bandeira do Rosário é a nossa guia*  
*A bandeira do Rosário é a nossa vida*  
*Entrada/Limpando o caminho*  
*Oi, nós viemos de tão longe*  
*Para ver a mãe de Deus*  
*Para ver, para ver*  
*Para ver a mãe de Deus*

#### b) Invocação

*Oi, meus vassallos estão todos aí?*  
*Estão sim, senhô, sim*  
*Contemplando a Virgem do Rosário*  
*Com grande prazer e alegria*  
*Estão sim, senhô, sim*  
*Vai, meu filho, vai ou manda dizer se for gente de guerra, banca guerra e mais guerra*

*Se for gente de festa bacã, festa e mais festa  
Engessa marimbo em nosso campo estandariado  
Oi, viva, Maria do céu (bis)  
Com seu terço na mão contemplando os mistérios  
Óh, senhora do Rosário  
Vossa casa cheira  
Cheira cravo de rosa de rosa  
Flor de laranjeira.  
Ô... lá... lá  
Cadê, marimbo  
Capela branca de São João  
Vamos todos festejar  
A bandeira do Rosário  
A bandeira do Rosário  
Que há de ser a nossa guia  
Aqui na terra e lá no céu  
Onde está a Virgem Maria*

c) Despedida

*Adeus, congado já vai embora  
Vocês ficam com Deus e também com Nossa Senhora  
Adeus, adeus, não chore não  
Para o ano eu voltarei nesta mesma ocasião.*

Na guarda da APAE-OP, os processos de ensino e aprendizagem das letras, dos sons, dos ritmos, dos gestos e das danças se dão, necessariamente, de forma coletiva. Essa aprendizagem é feita pela prática de tocar, experimentar e ao se prestar atenção na execução dos comandos da capitã.

Segundo Queiroz (2003, p. 8), “dos diversos elementos que compõem o congado, a música ocupa importante papel, pois é ela que dá movimento e forma ao ritual, ao promover o contato do mundo físico com o sagrado”. Nessa perspectiva, a música dos grupos de congado tem, fundamentalmente, uma função religiosa. Ela é o principal veículo de ligação entre o homem e o divino. É por meio da música e das mensagens que ela transmite que se estabelece a relação dos congadeiros com os santos dos quais eles são devotos.

Portanto, o que se percebe, no contexto da guarda da APAE-OP, é que a música traz, em suas letras, as melodias e os ritmos que retratam as crenças, alegrias e o sentimento dos congadeiros.

Neste capítulo, evidenciamos que o congado é uma manifestação cultural e religiosa, em que estão presentes elementos do catolicismo popular mesclado à herança da cultura africana trazida do além-mar. Assim, ao analisarmos esse momento de ludicidade coletiva e de diversão entre os membros da guarda, foi possível identificar que o congado se configura como um valioso instrumento simbólico, contribuindo para a afirmação de Ouro Preto como um cenário cultural de forte apelo religioso, étnico e histórico. Através da vivência de Silvânia, enquanto capitã congadeira, foi possível evidenciar também o sentimento de pertencimento, da fé e da devoção dessa experiência cultural.

De acordo com os relatos da capitã, o grupo é visto como uma guarda de Ouro Preto que contribui para a cultura congadeira. Tudo o que eles são e o que representam nesse espaço em que o congado está inserido se dá em função da religiosidade e da fé, que, nos dias de festa, são manifestadas por meio do canto e da dança, contribuindo, de maneira ativa, na vida dos alunos.

Assim, reconheço que as experiências vivenciadas com o grupo durante a festa de Nossa Senhora do Rosário e das Graças da APAE como práticas repletas de significados, sendo, portanto, práticas culturais de acordo com as postulações de Gomes (2004, 2013), onde concordamos que a cultura é um modo de vida e consideramos que a noção de cultura vem ampliar o olhar sobre o lazer. Para tanto, é necessário entender o lazer como um campo que se apropria de linguagens culturais como possibilidades de conteúdo, o qual pode contribuir, ademais, para a ampliação das vivências culturais.

Com base nos estudos de Gomes (2012; 2014), abordaremos, a seguir, os Estudos do Lazer, buscando um novo olhar sobre seus conceitos hegemônicos que, ao longo da história, foram construídos. Nossa perspectiva de estudo é a de identificar, descrever e refletir sobre o objeto de análise por meio do “olhar de perto e de dentro” proposto por Magnani (2002). Isto é, através das relações com a cultura, que se aproximam dos estudos do lazer e que são chamadas, aqui, de *práticas culturais de lazer*.

#### 4 UMA REFLEXÃO SOBRE O LAZER E SUA APROXIMAÇÃO COM A CULTURA

Neste capítulo, propõe-se uma reflexão sobre o lazer com o intuito de entender esse fenômeno tão polissêmico, rico e complexo. Dessa forma, são abordadas as relações entre os pressupostos teóricos encontrados nos Estudos do Lazer como a prática da cultura, que vem ganhando visibilidade e sendo debatida nos círculos acadêmicos e em fóruns sociais.

Assim sendo, buscamos pesquisadores da área do Lazer que pudessem proporcionar uma articulação com a perspectiva de cultura, sendo eles: Costa (2013, 2016), Gomes (2011, 2014), Gomes e Pinto (2009), Isayama (2016), Marcellino (1995, 2007, 2008), Puke e Marcellino (2014), Arosteguy (2018), entre outros. Dessa maneira, o grande desafio deste segmento foi construir um arcabouço teórico que relacionasse lazer e cultura a partir de outros parâmetros que não fossem o tempo de não trabalho<sup>14</sup>.

De acordo com Magnani (2003, p. 11), “as pesquisas referentes ao lazer eram, de modo geral, negligenciadas, pois se considerava que havia questões mais importantes a analisar, como o mundo do trabalho ou da política”. A situação, hoje, é outra, pois a questão do tempo livre assumiu lugar privilegiado, o que fez com que o lazer se tornasse um tema de reflexão sobre o próprio significado da sociedade contemporânea.

Segundo Gomes e Melo (2003, p. 23), “nos últimos anos, no Brasil, vem crescendo consideravelmente a visibilidade do lazer como tema de estudos”. Depois de anos sendo alvo de poucas – embora importantes – reflexões sistematizadas, nas últimas décadas, observamos o assunto ocupar espaço significativo nos jornais, em periódicos de informação geral e no mundo acadêmico.

Diante disso, Palhares e Panosso Netto (2008) destacam que, nos últimos anos, houve um avanço dos estudos referentes ao lazer. Gomes *et al*, por sua vez, destacam que:

A temática do lazer vem sendo problematizada de modo mais sistemático desde o início do século XX, por autores de diferentes nacionalidades, principalmente euro-americanos, que formularam teorias e conceitos sobre o lazer, conforme é possível observar nos estudos de De Grazi (1966), Parker (1978), Lafargue (1970), e Dumazedier (1973; 1980; 2008). (GOMES *et al*, 2014, p. 03).

---

<sup>14</sup> Devido às características que tradicionalmente lhe são atribuídas, tais como improdutividade, liberdade e prazer, o lazer foi circunscrito ao chamado “tempo livre”, passando a ser assimilado como contraponto do trabalho (GOMES, 2014, Pág. 5)

Evidenciamos que as discussões sobre o lazer são centralizadas, em sua maioria, nas transformações do trabalho, devido à redução da jornada, o que realçou a preocupação com o uso do tempo livre:

Tendo como pano de fundo as antigas sociedades greco-romanas ou as modernas sociedades urbano-industriais (notadamente capitalistas), o lazer constituiu um objeto de reflexões sociológicas e passou a ser considerado por vários autores como uma esfera típica do tempo de “não trabalho”. Esse entendimento fica mais notório quando se leva em conta as transformações geradas em decorrência de um processo cujo ápice se deu na Inglaterra no século XIX: a Revolução Industrial. De fato, as transformações desencadeadas nesse contexto histórico-social foram determinantes para as novas configurações assumidas, nos centros urbanizados, pelo trabalho, pela economia, pela política, pela educação e pela saúde, entre outros campos, impactando também as tradicionais noções de espaço e de tempo até então vigentes. (GOMES, 2014, p. 3).

Observa-se que as reflexões sobre o lazer são características da sociedade pós-Revolução Industrial, assim sendo, o termo teve seu desenvolvimento em meio à modernidade, no entanto, teorizá-lo não é uma tarefa muito simples, tendo em vista as divergências existentes entre autores que abordam essa temática. Dessa forma, nosso intuito não é negar a existência do lazer antes desse período histórico, todavia, o lazer, como é visto, conhecido e praticado hoje, originou-se nessa época.

#### 4.1 Conceitos e definições acerca do lazer

No Brasil, a produção científica sobre o lazer emerge a partir da década de 1970, em um período singular nas discussões brasileiras acerca dessa temática, pois efervesciam eventos relacionados à área, iniciativas de publicações brasileiras que tinham como destaque: Ethel Medeiros (1975; 1985), Lenea Gaelzer (1975) e Renato Requiya (1976). Esses autores contribuíram de forma relevante para os Estudos do Lazer, tanto que é possível observar que vários aspectos levantados nesse período permanecem atuais.

Apesar dos vários pontos de vista sobre o tema, a definição de lazer oferecida por Dumazedier tornou-se ponto de partida de estudos e referências no Brasil:

Conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter e ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das ocupações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

É preciso reconhecer a importância das contribuições conferidas por Dumazedier (1973) aos Estudos do Lazer, já que propiciaram uma ampla socialização de uma lógica funcionalista desse fenômeno. Para Dumazedier (1973, p. 34), “as funções mais importantes do lazer são três: o divertimento, o repouso e o desenvolvimento pessoal”.

Segundo Gomes (2014, p. 5), “tal compreensão foi amplamente enfatizada por Dumazedier (1973), que considerava que o lazer foi gerado em decorrência do desenvolvimento tecnológico e, justamente por isso, é um produto da sociedade moderna urbano-industrial”. Assim sendo, a existência do lazer estaria condicionada ao trabalho e aos usos do tempo livre em contextos urbanos e industrializados, os quais são fortemente marcados pela fragmentação do tempo e do espaço.

Dessa forma, o lazer representa um conjunto de práticas vividas fora do tempo dedicado às ocupações e às obrigações humanas, ou seja, a liberação periódica de tempo no fim do dia, da semana, do ano e do próprio trabalho. Segundo Gomes (2014, p. 8), é necessário distinguir e relativizar a construção conceitual ocidental de lazer, que define “como antítese do trabalho, como tempo livre/liberado de variadas obrigações, ou ainda como ocupação do tempo livre muitas vezes atrelada ao consumo”.

Esse é um olhar possível para se compreender o lazer e, embora seja hegemônico, não é o único, conforme sinaliza Gomes:

Afinal, um conceito não é o fenômeno, é somente uma representação da realidade que se pretende designar. A formação de conceitos é um processo que corresponde ao movimento do pensamento e envolve a utilização de determinadas palavras, a abstração de características e o exercício de simbolizações e sínteses. (GOMES 2014, p. 04).

Dessa forma, para Gomes (2014, p. 5), “o lazer foi conceituado, estudado e pesquisado de acordo com um ponto de vista específico”, entretanto, essa compreensão precisa ser repensada, por isso, torna-se relevante desvelar outras possibilidades de se compreender o lazer.

É necessário entender que um conceito expressa pontos de vista diferentes, mas condizentes com percepções, subjetividades, visões e ideologias diferentes. Dessa forma, são necessárias outras compreensões que reconhecem o lazer como “uma prática social da vida cotidiana que precisa ser situada em cada tempo/espaço social, e que, justamente por isso, integra diferentes culturas” (GOMES, 2014, p. 8).

A partir das reflexões propostas por Costa (2017, p. 47), “nossa intenção não é provocar uma discussão sobre que palavra/conceito se encaixa melhor para descrever as práticas

estudadas, se lazer, ócio ou divertimento”. Pensar o lazer para além dos espaços e do tempo é um desafio para o campo.

Pretendemos, assim, problematizar o lazer para além dos espaços urbanos, pois fica evidente que a compreensão de lazer como uma esfera oposta ao trabalho não vem conseguindo problematizar as complexidades e as dinâmicas que marcam as múltiplas dimensões da vida coletiva em diferentes âmbitos e contextos, notadamente neste século XXI. Nesse contexto, o lazer precisa ir ao encontro de outros modos de vida, abrindo caminhos de compreensão para outras formas de relação com o ambiente e com as pessoas, que gera práticas sociais e experiências culturais ricas de sentido (COSTA, 2017).

O que queremos trazer aqui, em concordância com Arosteguy (2018), é o entendimento de que a experiência de lazer pode ser visualizada como prática cultural através de como as pessoas, por meio de suas apropriações de lazer, se conectam simbólica e afetivamente ao lugar, também de acordo com a teoria topofilica de Yi-Fu Tuan (2012).

Ao escutarmos os integrantes da guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP, identificamos o lazer em outro contexto, no caso deste estudo, como uma experiência vivida, constituída a partir da relação com a festa, como possibilidade de produção da cultura da vida:

As noções de lazer como prática social complexa, ainda que repletas de ambiguidades expressem a possibilidade de circunscrever o lazer a um campo de práticas sociais, em que diferentes pessoas e grupos sociais produzem, compartilham e articulam uma diversidade de experiências estéticas e éticas em sua vida cotidiana, relacionando temporalidades, territorialidades e modos de viver. (GOMES *et al.*, 2016, p. 109).

Buscamos, nessa direção, ultrapassar quaisquer possibilidades de encarceramento do entendimento do lazer a noções e abordagens que restrinjam os modos históricos de viver a modelos unicamente significados em sentidos modernos, urbanos, industriais, capitalistas e instrumentais (GOMES *et al.*, 2016). Portanto, acreditamos que é preciso repensar a importância e as implicações do lazer no mundo contemporâneo, por isso a relevância de abordar o lazer como uma prática cultural, conforme veremos na próxima seção.

#### 4.2 O lazer como prática cultural

Neste tópico, pretende-se realizar uma breve abordagem sobre o lazer como prática cultural, porque as contribuições teóricas têm fundamentado a proximidade entre lazer e cultura, devido ao dinamismo que tais perspectivas abordam e por estarem associadas às transformações

constantes das sociedades, em relação às suas características e relações (inter e intra) sociais. Para tanto, é primordial refletir acerca de alguns aspectos pertinentes à cultura e ao lazer, ainda que não se pretenda esgotar o assunto em tão poucas laudas.

Foram utilizadas as concepções teórico-conceituais propostas por Gomes (2012; 2014), nas quais a autora propõe o lazer como uma dimensão cultural e necessidade humana por meio da subjetividade, ou seja, uma análise do lazer constituída sob a perspectiva das manifestações culturais e do tempo/espaço social.

Primeiramente, é necessário contextualizar a noção de cultura. Geertz (1979, p. 30) já sinalizava que, “diante dos estudos apresentados, o universo conceitual do tema ‘cultura’ tinha atingido tal dimensão que somente com uma contração poderia ser novamente colocado dentro de uma perspectiva antropológica”. Entretanto, é justamente sob o olhar antropológico, de determinada corrente, que é favorecida a discussão do lazer como uma prática cultural.

Nessa perspectiva, é necessário apresentar a concepção de cultura, como acentua Claval:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem raízes num passado longínquo [...] não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. (CLAVAL, 2007, p. 63).

Atualmente, no seu sentido mais amplo, a cultura pode ser considerada como o conjunto de traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela englobaria, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e crenças (DIAS, 2006).

Desse modo, destaca-se que é necessário entender a cultura sob uma ótica focada na importância de seu sentido e de seu significado na experiência pessoal e/ou coletiva, e que deve ser acrescida da abordagem conceitual de Santos (1984, p. 42-43), que afirma que a cultura se refere a um processo global dentro da sociedade, associada a um conhecimento como fator de mudança social. Isto é, se deve entender que a cultura não serve apenas para descrever a realidade e compreendê-la, mas para apontar para caminhos e contribuir para sua modificação, uma vez que, ao assumir uma dimensão neutra, assim como na vida social, evidenciará elementos desiguais e apresentará conflito de interesses nas sociedades contemporâneas.

Observa-se que o lazer também é assim, culturalmente marcado por desigualdades sociais, por relações de produtividade e por relações e normas sociais mais amplas, que evidenciam diversos interesses. Tais apontamentos indicam que “a cultura como produto da

sociedade também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligada à manutenção de concepções e de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada a transformação destas” (SANTOS, 1984, p. 65).

Destacamos que as pesquisas realizadas por Marcellino (1995) aproximam o lazer dos estudos culturais. Para o autor, “o lazer deve ser estudado sob a perspectiva social e ser considerado enquanto cultura compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível” (Marcellino, 1995, p. 31). Essa ideia defendida pelo autor o diferencia das propostas de Dumazedier (1980). Assim, ao considerarmos o lazer como uma prática da cultura, significa entender que as vivências de cada indivíduo são movidas por significados.

Para nossa análise do lazer como uma prática cultural, compreendemos, no entanto, que é a experiência que influencia na formação de identidades pessoais e sociais. É, além disso, o que favorece a organização das atividades nas instituições e as relações culturais na sociedade. A partir de tais perspectivas acerca da cultura, constata-se que o lazer também deve ser respeitado diante da importância que determinada experiência ou prática podem assumir para o indivíduo.

Nesse sentido, assim como na cultura, não se pode ignorar que qualquer ação que vislumbre a hierarquização e a homogeneização das possíveis opções de lazer possa deflagrar um processo de alienação cultural e/ou etnocentrismo, uma vez que se tenta impor um relativismo cultural ao evidenciar tipos de discriminações raciais e sociais, ou seja, é necessário respeitar a diversidade cultural e, conseqüentemente, as escolhas nas opções de lazer.

Logo, tanto a cultura como o lazer devem ser considerados como uma realidade e sua concepção deve ser apropriada em favor do progresso social e de liberdade. Tal fato se faz valer quando a prática cultural ou de lazer é legitimada, seja pela participação ou pelo envolvimento do sujeito no processo social.

Destacamos que o debate contemporâneo acerca da noção de cultura tem pautado diferentes desafios para a compreensão do lazer:

Sabemos que cultura não é algo estático que pode ser objetivado, fixado, normatizado; cultura não é uma arma contra a expressão biológica da vida; cultura não se restringe à representação: cultura não é apenas informação a ser transmitida de uma mente para outra. Traz, por isso, o desafio de repensarmos dicotomias históricas – como natureza e cultura, corpo e mente, saber e fazer, entre tantas outras que destas se desdobram, provocando-nos novas maneiras de atenção às pessoas e/em seus contextos. (GOMES *et al.*, 2016, p. 109).

Ao compreender o lazer como uma experiência subjetiva, abrem-se caminhos para o entendimento de outras formas de relação com o ambiente e com as pessoas, que geram práticas sociais e experiências culturais. Assim sendo, o lazer pode ser concebido como prática cultural que constitui um campo de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, e que está presente na vida cotidiana em diferentes tempos, lugares e contextos. Segundo Gomes, seria:

uma dimensão da cultura construída por meio da vivência lúdica das manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004, p. 125).

O lazer enquanto dimensão da cultura é caracterizado por práticas que tendem a movimentos de sociabilidade nos mais distintos contextos, propiciando as diversas formas de expressão e manifestação humanas. Conforme destaca Gomes,

Trata-se de um espaço político e social repleto de dimensões simbólicas que se materializam, culturalmente, no cotidiano de nossas percepções, imaginários sociais, identidades, subjetividades, sentimentos, atitudes, visões de mundo, projetos políticos de sociedade, construções intelectuais e modos de intervir em cada contexto. Tudo isso é permeado por complexas interações entre o local e global que são realizadas, pelos sujeitos, na multidimensionalidade do espaço geopolítico mundial. (GOMES, 2011, p. 02).

Considerar o lazer como uma prática cultural significa assumir que as vivências de cada indivíduo são movidas por significados. O lazer torna-se, assim, uma possibilidade de expressão, de significação e de ressignificação de vivências, ao trazer consigo muitas possibilidades de aprendizagem. Segundo Mantero:

Os espaços que melhor permitem o exercício da função do lazer são os destinados à cultura, que é, primordialmente, uma atividade simbólica, vivencial, que integra, dá unidade, oferece significados e nos faz participar de uma comunidade a partir da inserção na unidade social na qual estamos integrados. (MANTERO, 2010, p. 190).

Dessa forma, destacamos que o lazer pode ser caracterizado como uma ação sociocultural, que auxilia nos processos de inclusão de indivíduos e grupos, com base na valorização da interação favorecida por atividades que propiciam qualidade de vida.

Na próxima seção, será abordada a festa como um conteúdo cultural do lazer, considerando as reflexões propostas por Rosa (2002, p. 12), que apontam para a variedade e a complexidade das ações tecidas na “experiência festiva, ou seja, as relações, os valores e os

interesses que, por meio de práticas múltiplas, cunham uma pluralidade da cultura, que revela diferente significados”.

#### 4.3 Uma abordagem sobre lazer e festa

Ao abordar o lazer e a festa através do congado, evidenciamos que tal prática é uma manifestação cultural brasileira que possui uma série de ritos populares, mantém a tradição e permanece viva ao longo do tempo, mostrando um espetáculo de cores, música, alegria e vitalidade cultural.

Devido à sua importância no contexto histórico-cultural, a festa revela-se um tema essencial, que precisa ser problematizado e refletido na formação do profissional no âmbito do lazer, conforme observamos a seguir:

[...] um espaço de encontros, contradições, entretenimentos, reivindicações, disputas e mediações, ressaltando a possibilidade que ela abre para a vivência do lazer. Isso ocorre não só porque nela evidenciam-se elementos diretamente associados ao lazer, como o lúdico, o divertimento, a gratuidade e o prazer, mas também devido à pluralidade e diversidade de manifestações, bem como de experiências que propicia, estando muitas delas vinculadas a atividades e valores experienciados no tempo disponível, como a possibilidade de vivenciar ações criativas e críticas, podendo gerar contestação, mudança e transformação. (ROSA, 2007, p. 197).

Por ser um evento pautado na religiosidade popular, a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE tem suas funções ritualísticas redefinidas para exercer a função de pontos de encontros, diversão e lazer. De acordo com Rosa (2002, p. 24), “as festas populares são manifestações culturais, constituem os conteúdos do lazer, possuem histórias, signos e significados, que materializam e se expressam na corporeidade dos sujeitos”. Outros aspectos que caracterizam a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE são as ações cooperativas e solidárias que nela acontecem. Dessa forma, os sentidos da festividade só podem ser compreendidos por aqueles que a vivem em sua essência.

Nas festas, é possível vivenciar o coletivo de maneiras diferentes das quais estamos acostumados em nosso cotidiano, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, devoção.

A festa se faz presente em todas as sociedades, seja ela, celebração, comemoração, fruição, diversão, ritual, brincadeira, religião. Inúmeras são as festas, ao mesmo tempo em que são únicas e singulares. Cada uma delas exprime o modo de viver dos grupos sociais, que nelas produzem e reproduzem sentidos e significados diversos. Desse modo, diz de nós mesmos, de nossas sociedades e das relações que as pessoas estabelecem entre grupos com seus mitos, com o sagrado, o simbólico. Numa

perspectiva socioantropológica investigar sobre a festa, portanto, é compreender um pouco mais sobre nós mesmo e nossa vida em sociedade. (NORONHA, 2009, p. 24).

Assim sendo, os debates vinculados à festa possibilitam perceber que ela é um dos inúmeros fenômenos que contribuem a pensar na subjetividade. No que concerne ao tratamento dos campos simbólicos produzidos pelas representações espaciais e pelas subjetividades, as festas se tornaram espaços investigativos que promovem enriquecedoras análises carregadas de sentidos e de significados contrários aos tempos do cotidiano. Segundo Assis:

A festa promove o fazer coletivo, fortifica os laços e as relações. Em se tratando de rituais, nota-se, neste fazer coletivo, a experiência pessoal vivida de maneira ativa e participativa. A festa celebra uma chegada e um encontro. Neste sentido, a festa situa as fronteiras entre a arte e a vida, sendo a própria vida apresentada com elementos característicos da representação. (ASSIS, 2016, p. 33).

Nesse sentido, a festa reinstaura o espaço mítico, onde a fé se apresenta em sua acepção mais profunda, na qual os membros da guarda do Rosário da APAE-OP evidenciam alguns traços de subjetividade que refletem sentimento, emoção e conexão com o lugar. Movimentam-se com um único fim: o de festejar. E isso marca a experiência coletiva do grupo. Assim, a vivência do congado contribui para as tradições africanas, ou seja, o congado é uma festa, e o dançar e o cantar tornam-se uma oração.

Segundo Costa (2013, p. 44), “cada membro é um elo na corrente de Maria. Ao dançar e cantar para a Mãe do Rosário, os membros se fazem filhos e irmãos na fé. Os movimentos, a palavra, o toque dos tambores geram, nos membros, o sentido de pertencimento”. Nessa perspectiva, a festa representa um lugar simbólico, que carrega um sistema de significações, compostas por meio das relações do seu espaço vivido, pois cada membro do grupo dança e reza, cumpre cada ritual com disciplina, e valoriza cada detalhe do vestuário, dos instrumentos, da dança, do canto. A festa, para a guarda, é a exteriorização do sagrado.

Segundo Perez (2002, p. 17), “a festa é, uma forma lúdica gerador de imagens da vida coletiva, que almeja mostrar como o vínculo social pode provocar uma experiência humana em sociedade”. Para Rosa (2002, p. 13), por sua vez, “a festa é uma das manifestações das culturas dos povos, é tempo e espaço de expressão, devoção, manifestação, oração”. São componentes da vida humana que se imbricam na vivência da festa. Como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, diversão, convivência, inclusão, entre outros.

A análise do tema *festa*, por meio das perspectivas relacionadas neste estudo, mostra que o momento festivo é carregado de sentimentos simbólicos e significados diversos, ligados

à dinâmica social e cultural em que se insere. A festa, enquanto manifestação lúdica e criativa, promove o fortalecimento de laços sociais e identitários dos congadeiros.

Dessa forma, as questões aqui colocadas apontam para outras concepções, que, por sua vez, podem contribuir com a construção de conhecimentos mais amplos e reflexivos sobre os Estudos do Lazer, além de abrirem caminhos para novas pesquisas sobre o tema. Para tanto, os pesquisadores devem se atentar para outras perspectivas de investigação, adotá-las, ou mesmo refutá-las, e elaborar novas propostas, pois esse processo também pode favorecer o importante avanço acadêmico.

#### 1. 4.4 Desvelando o mundo vivido através da festa do Rosário da APAE-OP e sua relação com a prática cultural do lazer

Ao utilizar os aportes teóricos da Geografia Cultural, esta pesquisa teve como objetivo contribuir com o campo do lazer, por meio da leitura dos signos e dos símbolos impressos na festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP, especificamente na experiência cultural do congado.

Assim, o trabalho buscou aproximações com a Geografia com o intuito de propor diálogos que permitam refletir e aprofundar conhecimentos entre lugar, cultura e lazer, ao valorizar a experiência vivida das pessoas em relação ao seu espaço vivido, além de compreender como os momentos festivos projetam emoções, sensações e percepções. É justamente aqui, nessa interface, que se considerou que o lazer se manifesta. Nessa direção, compreendemos que o lazer faz parte da dimensão simbólica e, portanto, subjetiva, através da qual as pessoas vivenciam (AROSTEGUY, 2018).

Como afirmam Debortoli *et al.*, (2015), no contexto da Pós-Graduação, tem-se colocado o desafio de problematizar o lazer para além dos espaços urbanos, ao encontro de outros modos de viver, abrindo caminhos de compreensão para outras formas de relação com o ambiente e com as pessoas, gerando práticas sociais e experiências culturais ricas de sentido.

A festa revela-se como um tema essencial, que precisa ser problematizado e refletido no âmbito do lazer, sendo um campo de conhecimento e pesquisa. Compreendemos a festa conforme Rosa:

através de um tempo/espaço de encontros, entretenimento, que possibilita a vivência do lazer. Isso ocorre não só porque nela evidenciam os elementos diretamente associados ao lazer, como o lúdico, o divertimento e o prazer, mas também devido a pluralidade e diversidade de manifestações, bem como de experiências e os vínculos que ela propicia. (ROSA, 2007, p. 197).

Assim sendo, a festa tem relevância por ser uma prática que, entre outras características, propicia a construção e afirmação de identidades.

A festa, portanto, constitui-se em lugar para os seus participantes, pois envolve, entre outros fatores, as experiências e a ligação com a manifestação festiva ao estabelecer laços com o espaço. Nesse lugar, manifestam-se a cultura, as visões de mundo, as diferentes perspectivas e as trajetórias humanas. Além disso, as relações sociais ali estabelecidas marcam profundamente o espaço festivo e refletem valores, hábitos e costumes do grupo. A festa identifica o lugar. Isso condiz com o conceito de lugar descrito por Relph (1980), em que os indivíduos projetam suas intenções, suas experiências e seus valores culturais.

Com base nos estudos de Costa (2013; 2017), Debortoli (2015) e Rosa (2012), a intenção não foi afirmar que toda festa é lazer, mas, sim, lançar um olhar mais atento sobre as práticas festivas que podem dizer muito sobre os seus integrantes e sobre nós mesmos. Não negamos o que já foi construído, mas buscamos perceber o lazer de forma diferente. No caso deste estudo, como uma experiência em que o mundo vivido não deve ser compreendido apenas pelo reconhecimento/descrição dos significados que o compõe, sendo necessário perceber as suas sutilezas e seus meandros, a dimensão política e as práticas direcionadas às relações de poder.

Apropriando-nos dos aspectos teóricos da Geografia Cultural, chamamos a atenção para o significado que a cultura representa para as pessoas, que ultrapassa o foco exclusivo nos fatos e nos artefatos de uma sociedade e que avança para o sentido que elas atribuem ao espaço vivido. A esse respeito, Cosgrove (2012, p. 103) registra que: “revelar os significados do mundo vivido exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira consciente e, então, representar esse mundo num nível no qual seus significados possam ser expostos e refletidos”.

Em nossa tese, houve um entendimento de que o mundo vivido não pode ser compreendido sem as pessoas, sem o conhecimento de suas histórias, pois são essas pessoas que vivenciam e que participam do congado e da festa, e nos ajudam a ver o lugar, nos ensinam a entendê-lo e percebê-lo, conforme sinalizado por Machado:

Só quem experiência por meio de um contato direto e contínuo pode alcançar melhor a compreensão dela. Pode-se considerar a percepção dos moradores como uma informação de grande importância no estudo da interação entre homem e o espaço, pois é inegável que há uma profunda diferença entre um cenário descrito e estudado, e um cenário experimentado e vivido. (MACHADO 1996, p. 99).

Dessa maneira, durante a coleta e análise, a (re)interpretação dos dados buscou captar os aspectos objetivos e subjetivos de mundo vivido da guarda, que imprimem marcas entre a racionalidade e a afetividade, ao se adotar uma perspectiva interdisciplinar que propiciou o diálogo e a interconexão entre a Geografia e o Lazer.

Buscando alcançar os questionamentos propostos neste estudo e privilegiando o diálogo com os interlocutores, procurou-se, através das entrevistas semiestruturadas, obter depoimentos no sentido de atender aos objetivos da pesquisa. Afinal, são esses sujeitos que vivem a festa em sua essência e que, em suas experiências no lugar, leem os símbolos, os gestos, os sons, os cheiros e as cores que compõem a festa e a cultura produzidas no lugar.

Esses depoimentos, testemunhos, opiniões e percepções possibilitaram um rico acervo de dados e foram capazes de fundamentar os resultados e determinar o papel do lazer na ligação entre as pessoas e a festa.

Destacamos que os sentidos da festa só podem ser compreendidos por esses sujeitos, que a vivenciam com afeto, e, por isso, expõem amor, apego, amizade e emoções. Assim sendo, foram realizados questionamentos aos entrevistados para buscar avaliar como essa experiência religiosa e cultural interfere na vida dos alunos. A esse respeito, a capitã Silvânia Borges respondeu:

O congado interfere na vida das pessoas de forma particular. Buscam formas de demonstrar fé e outras de mostrar a história do seu povo (família ou o povo negro). O congado impulsiona a cultura, a religiosidade, a linguagem, a memorização, a música, o esquema corporal e a dança.

A partir do relato de Silvânia, destacamos que as manifestações festivas têm como características a sociabilidade, experiência e significado, conforme podemos compreender na afirmação de Nascimento *et al*:

Aspectos que são transmitidos de geração em geração, conferindo identidade ao lugar, através dos saberes ligados a religiosidade as crenças e a visão de mundo de determinada sociedade estão impressas nas festas. Vemos assim a importância de se estudar as nuances do nosso mundo vivido e perceber que as pessoas é que dão significado ao lugar através de suas percepções e modos de vida. (NASCIMENTO *et al.*, 2016, p. 05).

Por sua vez, Fabiana Silva<sup>15</sup>, que realizou uma pesquisa sobre o grupo em seu trabalho de Mestrado em Educação, apresentado à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e

---

<sup>15</sup> A pesquisadora Fabiana Siqueira Silva é uma das entrevistadas para a realização desta pesquisa.

titulado *O congado na experiência escolar da APAE de Ouro Preto*, respondeu que o congado interfere na vida das pessoas da seguinte maneira:

Bom, o congado tem sua prática vinculada a diversos âmbitos, religioso, cultural, herança tradicional, ação coletiva, processos educativos. Além de representar e estar envolto em significados que podem ser discutidos em vários aspectos. Mas pensando na experiência que tive e a pesquisa realizada, penso que a cultura congadeira interfere significativamente no modo de ver e viver a religiosidade, como assim aconteceu com Silvânia, sua prática religiosa foi intensificada após sua inserção no congado. Os processos educativos que estão presentes na vivência do congado também podem refletir no aprendizado e forma de se relacionar com o próximo, conviver com outras pessoas, se socializar. Relaciona-se também a entender e valorizar a cultura do lugar, o contexto histórico do meio em que se vive, sendo o congado um exemplo da cultura de origem africana, ressignificada no Brasil. Portanto, nos faz conhecer nossa história, nossa cultura, heranças e tradições deixadas pelos antepassados, mas que se fazem presente devido sua relevância e significações.

Evidenciamos, de acordo com Alves (2008), que a guarda do congado da APAE-OP pode ser associada a diversos aspectos, entre eles, a prática do lazer, o lúdico, os cantos, a dança, o corpo e sua gestualidade. Pode também se vincular a outros contextos pedagógicos, sendo assim, esse festejo poderia ser inserido como conteúdo em diferentes disciplinas. Dessa forma, o congado interfere de modo positivo na vida dos alunos.

De acordo com a professora SA<sup>16</sup>,

O congado interfere de forma positiva na vida de todos os envolvidos com a guarda, benefício da inclusão social, nas participações do congado na comunidade local, vizinhas e outras cidades. Com relação aos educandos, este beneficia nas ações pedagógicas multidisciplinares, pois, no congado, se trabalha ritmo, dança, música, socialização, organização, disciplina etc. Programas educacionais oferecidos na proposta pedagógica da instituição. Os alunos que participam do congado participam de um meio rico em músicas, ritmos, símbolos e vivências que se manifestam na sala de aula através da melhor desenvoltura nas atividades da sala de aula. Atuo também na sala de Informática e observo os alunos que participam do congado são mais concentrados. Considero o congado fundamental para o desenvolvimento educacional e social dos alunos participantes do grupo.

Assim sendo, as manifestações culturais que são vivenciadas em cada grupo social como opções de lazer necessitam ser apreendidas e decifradas, uma vez que essas manifestações são práticas sociais que constituem o lazer e que proporcionam aspectos subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, como desfrute e fruição da cultura, que detêm significados singulares em que os sujeitos a vivenciam ludicamente no tempo/espaço (GOMES, 2011, p. 35).

---

<sup>16</sup> SA é colaboradora da APAE-OP há mais de 20 anos. Tivemos a oportunidade de entrevistá-la em uma das festas de Nossa Senhora do Rosário e das Graças, durante o trabalho de campo para esta pesquisa.

Conforme Gomes *et al.* (2016, p. 103), “adotar a existência do lazer exclusivamente por meio de uma palavra ou de um conceito seria um encaminhamento restrito e insuficiente”. Torna-se imprescindível, pois, repensar e superar a crença de que existe uma história única e universal do lazer e apenas um conceito a ser legitimado. Assim, perguntamos à Silvânia, capitã da guarda, de que maneira ela entende o congado como uma opção de lazer/divertimento:

O congado é uma opção de lazer, pois proporciona conhecer lugares que talvez nunca conseguiram ir sozinho, de conhecer o mundo e as histórias de outras pessoas (congadeiros), de demonstrar sua fé de forma única para outros, que talvez mudem sua concepção de religião depois de ver uma apresentação.

Destaca-se, portanto, que o lazer é associado, em inúmeros casos, a atos, práticas, atividades e experiências opostas ao trabalho, e significa momentos muito específicos do cotidiano. A esse respeito, é apresentado o relato da professora SA, que evidencia a inclusão e a experiência:

O congado é um meio de inclusão social e fé, ajudando na inclusão de todos se distinções. Acho muito bom, o congado ajuda na autoestima e ajuda os alunos conhecerem outros lugares e pessoas com suas viagens e apresentações, sendo uma opção de lazer para eles, demonstrando suas habilidades na dança e na música e fazendo bonito para Nossa Senhora do Rosário.

Por sua vez, a pesquisadora Fabiana Silva entende o congado como uma opção de lazer e destaca os aspectos religiosos do grupo:

O congado, como uma forma de lazer e entretenimento, creio que está muito presente na guarda que estudamos, ao conversar com os alunos congadeiros, os mesmos enfatizam que as viagens, conhecer novas pessoas (congadeiros), visitar lugares diferentes se tornou um fato importante na vivência e permanência do congado. O religioso está presente, sendo esse o fundamento principal, mas, no que se refere aos alunos, o lúdico também está imposto, né? O festejar já tem esse caráter também, né? Além de homenagear os santos de devoção, é uma forma de sociabilidade, a dança, o canto, os gestos, o batuque do tambor, revela a maneira de expor a fé, bem como também uma expressão de cultura, de alegria e entusiasmo.

Dessa forma, ao problematizar experiências de lazer a partir da festa do Rosário, revelam-se histórias e processos de envolvimento social e de prática cultural, o que contribui para alargar o conceito de lazer até então hegemônico. Evidencia-se que a festa e o lazer proporcionam não só a reprodução e consumo de bens materiais e simbólicos, como também criação, vivência, experiência, transformação e invenção.

Entendemos que o lazer não é uma prática exclusiva do tempo de não trabalho ou oposta a ele: descansos, passatempos e férias, noções introduzidas por Dumazedier (1973). Chegamos à conclusão de que o grupo visualiza o lazer como uma prática cultural a partir da fé e através de uma experiência vivida, na qual se conectam simbólica e afetivamente no seu espaço.

Portanto, o espaço da festa de Nossa Senhora do Rosário e das Graças da APAE é marcado pela fé, pela religiosidade e pela devoção, mas também é representado por muita alegria, ou seja, o espaço festivo oportuniza as relações de sociabilidade. Dessa forma, a experiência ali projetada cria um campo de relações que torna as dimensões da festa significativas para seus atores, o que demonstra que viver a festa esboça emoções diversas responsáveis pela experiência do indivíduo no lugar festivo.

O lazer vem se tornando uma prática cultural, dotado de significados que são legíveis no espaço e no tempo. Trata-se de uma atividade social que consome e se desenvolve no espaço e para os indivíduos. O lazer, assim como qualquer outra atividade social, necessita de espaço. Por isso mesmo, é certo dizer que as atividades de lazer influenciam diretamente na ocupação e na sua (re)criação. Dumazedier (1979, p. 169), em sua consideração a respeito do espaço do lazer, o aproxima da cultura e afirma que “o espaço do lazer, tanto quanto o espaço cultural, é um espaço social onde se estabelecem relações específicas entre seres, grupos, meios e classes”.

Portanto, uma reflexão do lazer como prática cultural deve discorrer sobre diversos aspectos, mas há um aspecto significativo, que é o exercício que o estudioso deve fazer, cotidianamente, de interpretação da dinâmica da cultura, que, assim como no lazer, é mutável. Dessa maneira, é possível repensar as clássicas contribuições de estudiosos acerca do tema e construir novas abordagens que levem em conta as práticas culturais.

Por fim, é importante evidenciar que não se pode perder o olhar crítico acerca das ressignificações de tais práticas e é a partir dessa perspectiva acerca da fé que se constata que o lazer também deve ser respeitado diante da importância de determinada experiência ou prática. Assim, a dimensão religiosa/fé é a centralidade do significado da experiência que influencia na formação de identidades da guarda do congo da APAE-OP e, conseqüentemente, nas suas escolhas das opções de lazer.

Esperamos que cada vez mais pesquisas procurem trilhar caminhos interdisciplinares, seja entre Lazer e Geografia ou entre o Lazer e outras disciplinas, e que também apareçam cada vez mais pesquisas de mestrado e doutorado com o lazer como protagonista. Essa potencialidade interdisciplinar faz com que pesquisas como essa sejam um estudo complexo,

rico e de suma atualidade, que, ao dialogar e refletir acerca do nexo entre lugar, cultura e lazer, pode servir como precedente e também como inspiração para futuras investigações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao finalizar esta pesquisa, sinto uma imensa alegria por ter conhecido pessoas com o coração cheio de esperança na construção de um mundo melhor, pautado na vivência da fé, que se concretiza na devoção e na dedicação à reatualização da festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, criada na APAE-OP, e que consiste em uma manifestação popular que, mesmo diante de todas as dificuldades, se mantém viva.

Os relatos da capitã Silvânia Borges são o grande destaque dessa pesquisa, espero que as narrativas aqui descritas por ela possam imortalizar os sujeitos da investigação e seus pensamentos. Esse registro é imprescindível para que novas gerações possam compreender a construção sociocultural do congado e conhecer especificamente a história do congado da APAE-OP para, assim, perpetuá-la.

Durante esse processo, a coleta de informações, por meio da observação e das entrevistas semiestruturadas, auxiliou na proximidade com a realidade estudada, especialmente através da interlocução com os sujeitos. O método se mostrou eficiente, ainda, para atender aos objetivos propostos. Entende-se que esse conjunto metodológico, de abordagens teóricas e procedimentos práticos, possa servir de sugestão para outros pesquisadores com questões semelhantes.

A pesquisa atingiu os objetivos propostos, sendo o principal deles investigar, sob uma perspectiva cultural, a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP, com ênfase para a tentativa de explicitar a relação das pessoas com seu espaço de vivência e sua percepção sobre o lazer.

Assim, vamos ao encontro de Tuan (2012) que definiu como topofilia a ligação afetiva e emocional que o ser humano estabelece com o lugar e que se concretiza na identificação subjetiva e simbólica com o espaço. Dessa forma, a experiência ali projetada cria um campo de relações que torna as dimensões da festa significativas para seus atores. Nesse movimento simbólico, através do qual as pessoas se conectam com o lugar em termos de representatividade, identificação e pertencimento, se reconhece uma apropriação a partir do lazer por meio do congado.

Entende-se que o lazer não é uma prática exclusiva do tempo de não trabalho, assim sendo, reafirmarmos que o grupo entende a prática do lazer a partir da fé representada por uma experiência vivida com muita alegria, ou seja, o espaço festivo oportuniza as relações simbólicas e afetivas. Logo, o viver a festa é viver o lugar a partir da experiência e das emoções, é encontrar-se no outro e reconhecer a si próprio. É marcar, modelar, transformar o lugar atribuindo valor, sentido e significado. É a diversão, o lazer!

Ao entenderem o lazer como uma forma de perpetuação da fé, os seus integrantes são detentores de um forte desejo de espalhar sua cultura, suas memórias e suas tradições. Uma forma de não apenas sobreviver, mas de se integrar à sociedade; um meio não somente de luta, mas de vivenciar sua religiosidade e de manifestar sua fé. É preciso salientar que manifestar a fé, para os congadeiros, está além de simplesmente acreditar no sagrado, mas se encontra intimamente ligado com a forma como conduzem sua vida.

Considera-se que buscamos, da melhor maneira, responder aos desafios apontados pelo problema de pesquisa: como os festejos e as ações realizadas na festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP podem ser compreendidos como uma prática de lazer? Ressalta-se que é por meio do conhecimento adquirido sobre o espaço vivido que essa experiência religiosa e cultural interfere na vida dos alunos congadeiros e da educadora Silvânia, considerando sua história de vida e sendo uma mulher afrodescendente.

A justificativa para tal classificação é pelo fato de que a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP projeta emoções, sensações e percepções sobre o lugar, ao envolver os aspectos subjetivos do mundo vivido. Imprime, ainda, marcas entre a racionalidade e a afetividade, dando origem, assim, a complexos sistemas simbólicos nessa direção. Compreendemos, portanto, que o lazer faz parte da dimensão simbólica e, logo, subjetiva, através da qual os membros da guarda vivenciam a festa.

A festa é o ponto auge da manifestação, que possibilita o encontro e a vivência da ludicidade. É o sagrado e o profano, é a diversão, o lazer, e cria um universo artificial, que permite a evasão do espaço real e foge do tempo lógico, cronológico e ordinário. Assim, as festas religiosas se constituem em momentos únicos de efervescência coletiva (PEREZ, 2002) e de geração de cumplicidades. São momentos que jamais se repetem.

O congado é uma manifestação cultural brasileira. Essa festa possui uma série de ritos populares que mantêm a tradição e permanecem vivos ao longo do tempo, mostrando um espetáculo de cores, música, alegria e vitalidade cultural. Ao se aproximar do contexto das festas, de divertimento, como o congado, tem-se o desafio de interpelar o lazer, ao entrelaçá-lo

a práticas sociais complexas, que trazem consigo outras formas de percepção do tempo e dos processos de produção cotidiana da vida.

Destaco que a cultura congadeira é um meio à veiculação da fé e da preservação das origens africanas, que se manifesta de maneira singular. Assim sendo, o congado se apresenta como uma expressão histórica dos negros no Brasil. Em Ouro Preto, essa manifestação tem valor histórico, mas também se mostra como a principal cultura afro-brasileira vivenciada na cidade, por meio da tradição, da história e da religiosidade e da devoção à Nossa Senhora do Rosário, seu fundamento principal.

Dessa forma, o congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças se revela como um grupo particular, iniciado por meio de uma peça teatral, mas que, ao longo do tempo, ganhou notoriedade na instituição e no município.

O congado possui uma força capaz de se impor e de mobilizar a memória da capitã Silvânia e de dar sentido às várias experiências que ela trouxe ao longo de sua vida e que ganharam uma elaboração com sua vivência. Além de ser professora e capitã de congado, Silvânia propõe uma pedagogia afrodiaspórica, presente no congado, num trabalho realizado com pessoas deficientes. Isso se diferencia da tradicional pedagogia escolar e a coloca como protagonista na criação, afirmação e continuação dessa prática. Silvânia assume também a integração do grupo nos âmbitos religiosos em que o congado se faz presente. Isso porque, ao desenvolver o projeto de caráter pedagógico, fez com que ele tomasse uma dimensão religiosa maior do que a esperada.

Segundo Silvânia, o congado se tornou uma forma de agradecer às graças alcançadas por meio de sua fé em Nossa Senhora do Rosário. Sua relação com a religiosidade se modificou após sua inserção na cultura congadeira. Para Silvânia, esse tema é extremamente relevante, algo que a marca, que a afeta. Ela descreve o seu lugar, a sua vivência, desde o início, quando criou o grupo, sem grandes pretensões e percebe que, hoje, ele se transformou em fonte de sua fé.

Em meio à experiência do congado, a capitã obteve total projeção. Poucas vezes foi permitido a uma mulher ser congadeira negra em nossa sociedade, no entanto, ela conquistou a admiração e o respeito das demais guardas de Ouro Preto. O congado, para Silvânia, interferiu em sua prática pedagógica. No entanto, pelas suas declarações e ações, nos parece que o mais importante é como o congado a fez vivenciar efetivamente sua fé em Nossa Senhora do Rosário.

Outro ponto de destaque abordado no estudo é o fato de o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças ser formado por uma grande parte de pessoas deficientes, que têm, nessa atividade, uma fonte de sabedoria didática, social, cultural e

inclusiva. Assim, é importante ressaltar que os alunos, mesmo com limitações e dificuldades, conhecem a importância de Nossa Senhora e vivem a festa, dançando, cantando e festejando.

Em outras palavras, o congado proporciona, aos deficientes, uma verdadeira inclusão social e cultural, que pode ser apropriada pelos Estudos do Lazer, pois leva os membros da guarda a uma grande socialização, além de passarem a ser respeitados como congadeiros, vistos e aceitos como tal.

Assim, ao atravessarmos as fronteiras disciplinares, realizando interfaces nos conhecimentos, reconhecemos que as especificidades de cada disciplina nos abrem para a expansão de novas possibilidades. Observa-se, nesta pesquisa, a articulação entre a Geografia Cultural e o Lazer que poderia ampliar as interpretações e reflexões em outros caminhos interdisciplinares

De acordo com Oliveira (2017, p. 16), “verifica-se, no campo próprio da ciência geográfica, certa escassez de estudos dedicados a essa temática”. De modo geral, as investigações sobre o lazer, nessa área do conhecimento humano, abarcam a análise socioespacial<sup>17</sup>.

Buscou-se, dessa forma, na pesquisa, fazer uma articulação entre a Geografia e o lazer. Segundo Oliveira (2017, p. 14), o lazer tem se apresentado como uma temática para diversas áreas do conhecimento, tais como a Educação Física, a Arquitetura, a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Geografia, que buscam, muitas vezes por meio da articulação desses conhecimentos, interpretar e contribuir para a compreensão do fenômeno lazer, o que faz dele um tema multidisciplinar.

A Geografia Cultural foi formada por alguns princípios que são essenciais na composição do olhar que se projeta nesta tese. Sua origem, a partir da inserção da Fenomenologia na Geografia, e os estudos de percepção são contribuições significativas para se investigar o espaço vivido da festa. A Fenomenologia foca a pesquisa no sujeito, embasando os estudos de percepção que passam a valorizar a relação das pessoas comuns com seu ambiente, ao enfatizar seus valores, sua atitude e sua visão de mundo.

Ao utilizarmos os abortes teóricos da Geografia, o objetivo foi o de valorizar as experiências do mundo vivido dos sujeitos para entender o significado da festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP e, assim, desvendar o sentido

---

<sup>17</sup> O termo socioespacial é empregado para designar, especificamente, as relações sociais que circunscrevem um dado espaço (SOUZA, 2013).

dos fatos para as pessoas e não simplesmente descrevê-los. O interesse não é o fato em si, mas o seu significado.

Mascarenhas (2010, p. 141), “ao tratar da Geografia e o lazer, destaca que a contribuição de geógrafos com os estudos sobre a temática está muito aquém de suas possibilidades e capacidades”. A escassez, portanto, de contribuições oferecidas pelos pesquisadores vinculados à ciência geográfica indicam que se está diante de um caminho ainda a ser percorrido.

Assim, ao atravessar as fronteiras disciplinares e ao realizar interfaces nos conhecimentos, é possível reconhecer que as especificidades de cada disciplina nos abrem para a expansão de novas possibilidades. Nesse intuito, pretende-se fazer um convite aos pesquisadores do Lazer e da Geografia para amplificarem o diálogo entre as áreas, ao abordarem novas temáticas. A interdisciplinaridade dos Estudos do Lazer poderia ampliar as interpretações em outros caminhos.

Portanto, viver a festa é viver o lugar a partir da experiência e das emoções, é encontrar-se no outro e reconhecer a si próprio. É marcar, modelar, transformar o lugar ao atribuir valor, sentido e significado. De acordo com Almeida (2011), a festa pode ser compreendida como um código sociocultural e simbólico, que é produzido no espaço geográfico. A festa se faz no espaço, o modifica e o altera profundamente, por meio do saber popular impresso no lugar.

Nesse sentido, é necessário repensar o lazer para além dos espaços, do tempo, das instituições, o que se torna um grande desafio para o campo. Sobre essa abordagem evidencia-se Gomes (2014, p. 8), que menciona “a urgência de distinguir e de relativizar a construção conceitual ocidental de lazer como antítese do trabalho, como tempo livre/liberado de variadas obrigações ou, ainda, como ocupação do tempo livre, muitas vezes, atrelada ao consumo”. Nesse sentido, em vários momentos, Silvânia explicita outra lógica em sua relação ao lazer, uma lógica distinta que nos leva a repensar a crença de que exista conceito legitimado sobre ele.

Espero que esta pesquisa suscite novos interesses. Espero que o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, criado na APAE-OP, se perpetue por muitos anos e desvele novos contextos. Espero que as despedidas sejam somente para Nossa Senhora no último dia de festa.

SALVE, MARIA!

SALVE, NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO!

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Cicilian Luíza; SILVA, Márcia (Orgs.). *Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009.

ALMEIDA, Maria Geralda de Paisagens Culturais e Patrimônio cultural: Contribuições Introdutórias para reflexões. In: *Maneiras de ler: geografia e cultura* [recurso eletrônico] / Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós da Costa, Cláudia Luisa Zeferino Pires (Orgs.). Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013, p.186-194.

ALMEIDA, Maria Geralda de; MUNDIM VARGAS, Maria Augusta; FLORES MENDES, Geisa. Territórios, paisagens e representações: um diálogo em construção. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, v. 10, n. 22, p. 23-35, mai./ago. 2011.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte: práticas simbólicas e educativas*. 2008. 252f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha; PIMENTA, Paula Miranda Alves; SANTOS, Vanessa Aparecida dos. *Histórias, estórias e memórias dos Negros do Rosário na Rota dos Diamantes da Estrada Real em Minas Gerais*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. 72p. (Conselho Nacional e Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq Edital MCT/CNPq n. 14/2009 – Universal.

ANJOS, Rafael Sânzio. Geografia, territórios étnicos e quilombos. In: GOMES, N. L. (Org.). *Tempos de lutas: as ações afirmativas no contexto brasileiro*. Brasília: MEC/ SECAD, 2006. p. 81-103.

AROSTEGUY, Agustín Território e Experiências Culturais: Apropriações do Lazer em dois "Pontos de Cultura" de Belo Horizonte/MG. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, – 2018

ARRUTI, José Maurício Andion - A Emergência dos “Remanescentes”: Notas Para o Diálogo Entre Indígenas e Quilombolas. *Mana*, v. 3, n. 2, p. 7-38, 1997.

ASSIS, Sonia Cristina de. *Música e dança na Festa de Reis de Carmo do Cajuru - MG: uma etnografia construída no envolvimento e no movimento de pessoas, instrumentos e sonoridades*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional 2016. 183f.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BANDUCCI JÚNIOR. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. Campinas, SP: Papyrus, 2001 (Coleção Turismo). p. 21-47.

BARLETTO, M.; SOUSA, P. P. A. *Memória e Espacialidade na Festa do Rosário*. In: III Simpósio Internacional Cultura e Identidades, 2007, Goiânia. III Simpósio Internacional Cultura e Identidades, 2007. p. 1-9.

BORGES, Maristela Corrêa. Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In: RAMIRES, Júlio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (Orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia-MG: Assis, 2009, p. 183-198.

BRANDÃO Viviane Bernadeth Gandra. *Lugar do jovem e seus processos educativos nos catopés de Nossa Senhora do rosário em Montes Claros – MG*. 2020. 132f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Montes Claros, 2020).

BRETTAS, Aline Pinheiro. *O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades*. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO. Vol. 5, nº 1 2012. pp. 29-47.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *As perspectivas da geografia*. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-193.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

CLAVAL Paul. Reflexões sobre a Geografia Cultural no Brasil. *Espaço e Cultura*, n. 8, p. 7-29, ago./dez. 1999.

CLAVAL, P. *A geografia cultural*. 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2007. 455p.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato *et al.* (Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 59-98.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na Geografia. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

CLAVAL, Paul. O papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da Geografia Humana. In: ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 35-86.

CLAVAL, Paul. Paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Paisagens, textos e identidades*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 13-74.

CORRÊA, Juliana Aparecida Garcia. *De reinados e de reisados: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis-MG*. 2009. 132f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: passado e Futuro: uma introdução. In: CORRÊA, R.L. et al. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 49-58.

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ Brasil, 2003.

COSGROVE, D. – *A Geografia Está em Toda a Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas*. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. *Geografia Cultural: Uma Antologia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 219-237.

COSTA, Carmen Lúcia Cultura. *Religiosidade e comércio na cidade: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás*. 2010. 123f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

COSTA, Karla Tereza Ocelli. *Arturos, Filhos do Rosário: nas práticas sociais, uma história que se revela na Festa de Nossa Senhora do Rosário*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COSTA, Karla Tereza Ocelli. *Vem que hoje é dia de festa: corpo, território e ancestralidade nas festas da Comunidade Quilombola Carrapatos da Tabatinga - Bom Despacho, MG*. 134f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2017.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011. xiv, 159 p.

DE GRAZIA, S. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Tecnos, 1966. 459 p.

DEBORTOLI J. A. O. et al. *Lazer e alteridade: buscando aproximações com o campo antropológico*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., Vitória. Anais... Vitória: UFES. 2015.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 5. ed. São Paulo: Futura, 1998. 286p.

DEUS, José Antônio Souza de *Geografia Cultural do Brasil/ Etnogeografia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 135 p.

DEUS, José Antônio Souza. Linhas interpretativas e debates atuais no âmbito da Geografia Cultural, universal e brasileira. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 15, n. 25, p. 45-59, 2º. sem. 2005.

DEUS, José Antônio Souza; BARBOSA, Liliane de Deus - A Geografia Cultural Contemporânea e os Focos de Tensão no Mundo: Uma Contribuição ao Debate. *Ateliê Geográfico*, Goiânia, v. 3, n. 7, p. 63-91, set. 2009.

DIAS, Reinaldo. *Turismo patrimônio e cultura: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva, 2006. 196p.

DUMAZEDIER, Joffre. *A Revolução Cultural do tempo livre*. São Paulo: Sesc Studio Nobel, 1994. 199 p.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973. 333p.

DUMAZEDIER, Joffre. *Planejamento de lazer no Brasil: a teoria sociológica da decisão*. São Paulo: 1980. 137p.

DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979. 244p.

DUMAZEDIER, Joffre. *Valores e Conteúdos Culturais do Lazer: planejamento de lazer no Brasil*. São Paulo: Sesc, 1980. 176 p.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983

Evaristo, Maria Luiza Igino. *A fé que dança e (em)canta: análise das experiências religiosas de congadeiros nas minas de Minas*. 2018 192 p. Tese (Doutorado acadêmico em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

EVARISTO, Maria Luiza Igino. A fé que encanta através do canto e dança no Congado de Ouro Preto. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, 14., 2014, Juiz de Fora. *Anais [...]*. Juiz de Fora-MG: ABHR, 15 a 17 de abr. 2015.

EVARISTO, Maria Luiza Igino. *Sincretismos, negociações e conflitos: apropriação e inversão do catolicismo nas Irmandades Negras de Nossa Senhora do Rosário na Minas Gerais do século XVIII*. 2013. 137f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes dos conceitos de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-83, jul./dez. 2000.

- FIABANI, Adelmir. *Mato, Palhoça e Pilão - O Quilombo - Da Escravidão às Comunidades Remanescentes (1532/ 2004)*. São Paulo: Expressão Popular, 2005, 424 p.
- FREITAS, Decio. *O Escravismo brasileiro*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. 176p.
- FREMONT, Armand. *A região e o espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980. 275p.
- GAELZER, Lenea. *Lazer, recreação e trabalho*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1985. 29p.
- GAELZER, Lenea. *Recreação pública em Porto Alegre: evolução histórica*. Porto Alegre: UFRGS, 1975. 204p.
- GEERTZ, Clifford. *Interpretação de culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 213p.
- GIL FILHO, S. F. *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibpe, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 173p.
- GOMES, Ana Maria Rabelo. *Lazer e diversidade cultural*. Brasília: SESI/DN, 2005. 285p.
- GOMES, Christianne Luce *et al.* Formação de agentes sociais dos programas Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável: uma discussão conceitual sobre lazer, esporte e cultura. In: PINTOS, Ana Elenara da Silva; ISAYAMA, Helder (Orgs.). *Formação de agentes sociais dos programas Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e Vida Saudável (VS)*. Campinas: Autores Associados, 2016, p. 94-120.
- GOMES, Christianne Luce. (Org.). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. 240 p.
- GOMES, Christianne Luce. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. *Licere*, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-26, 2011.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer e formação profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. In: FORTININI, Janice Lúce Martins; GOMES Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. *Desafios e perspectivas da educação para o lazer*. Belo Horizonte: Editora SESC/Otium, 2011, p. 47-65.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.
- GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. *Horizontes latino-americanos do lazer/Horizontes latinoamericanos del ocio*. Edição bilíngue. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 398p.
- GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. *Lazer no Brasil: trajetória de estudos*,

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000. 631p.

HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Grall, 1979.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Território e cultura: Argumento para uma produção de sentido. In: *Maneiras de ler: geografia e cultura* [recurso eletrônico] / Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós da Costa, Cláudia Luisa Zeferino Pires (organizadores). – Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. P.52-61

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 7, p. 67-78, jul./dez. 1999.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos da paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, p. 77-85, jul./dez. 1997.

INTRODUÇÃO ao congado. Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 1974. 104p.

ISAYAMA, Helder (Orgs.). Formação de agentes sociais dos programas Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e Vida Saudável (VS). Campinas: Autores Associados, 2016

JÚNIOR, M. D. O culto de Nossa Senhora na tradição popular. *Revista Brasileira de Folclore*. Rio de Janeiro: CDFB/MEC, v. 8, n. 20, jan./abr. 1968.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. Lisboa: Estampa, 1970. 54p.

LAINE, P. Hipótesis prospectivas del tiempo libre. In: *Tiempo libre: los grandes problemas que plantea a nuestra civilización*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1970, p. 80-81.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 311p.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 117p.

LEITE, E. Lazer, turismo e folclore e tradições populares no Brasil. *Raízes*. n. 38, p. 54-58, 2008.

LEONEL, Guilherme Guimarães. *Entre a cruz e os tambores: Conflitos e tensões nas festas do Reinado (Divinópolis-MG)*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de pós graduação em Ciências Sociais. Belo Horizonte, MG, 2015.

LÔBO, Tereza Caroline. *Capela do Rio do Peixe em Pirenópolis – Goiás: lugar de festa*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Goiás: Instituto de Estudos Socioambientais, 2011.

LUCAS, Glaura “Vamo fazê maravilha!”: avaliação estético-ritual das performances do Reinado pelos congadeiros. *Per Musi - Revista Acadêmica de Música*, Belo Horizonte, n. 24, p. 62-66, jul./dez., 2011.

LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário*. O congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 384p.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa Crítica - Etnopesquisa Formação*. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010, 179 p. (série pesquisa v.15).

MACHADO, L. M. C. P. *A serra do mar como espaço e como lugar*. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (Orgs.). *Percepção ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Editora da UFSCar, 1996. p. 97-119.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 3. ed. São Paulo: UNESP; HUCITEC, 2003. 198p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. 2a. ed. Campinas. Papyrus, 1995.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Introdução as ciências sociais*. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. 130p

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer, cultura e patrimônio ambiental urbano: políticas públicas: os casos de Campinas e Piracicaba-SP*. Curitiba: Opus, 2007.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário de Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. 208 p.

MARTINS, Saul. *Congado: família de sete irmãos*. Belo Horizonte: SESC, 1988.

MASCARENHAS, Gilmar de Jesus. Contribuições da Geografia para o Estudo do Lazer. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). *Lazer: olhares multidisciplinares*. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2010, p. 139-160.

MATOS; Patrícia Ferreira; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, Júlio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, p. 279-291.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Orgs.). *Geografia Humana*. Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 159-188.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. *Lazer: necessidade ou novidade?* Rio de Janeiro: SESC, 1975. 84p.

MELLO e SOUZA, Marina. *Reis Negros no Brasil escravagista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 390p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, IBGE, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

MELO, Vitor. Andrade. de. O lazer (ou diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, H. F.; SILVA, S. R. da. (org). *Estudos do lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011, p. 65-80.

MINÉ, Gisele Oliveira. *Política e cultura no Vale do Jequitinhonha: um estudo de caso sobre o associativismo comunitário quilombola de Moça Santa/Chapada*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais 2012.

MOURA, Clovis. *Brasil: raízes do protesto negro*. São Paulo: Global, 1983.

NASCIMENTO, Cláudio Henrique; SILVA, Ludimila de Miranda Rodrigues; DEUS, José Antônio Souza; NOGUEIRA, Marly. Topofilia e topofobia das paisagens culturais no município de Barbacena (MG): arte e identidade cultural. In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO: PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO. 4., 2016, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: IEDs, 2016, p. 1-14.

NITSCHKE, Letícia Bartoszeck; BAHL, Miguel. Contribuições de base geográfica cultural para o estudo do turismo em comunidades locais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 11, 2009, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: OBSTUR/UFPR: Universidade Positivo, 2009. CD-ROM

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Lugar como representação das existências. In: *Maneiras de ler: geografia e cultura* [recurso eletrônico] / Álvaro Luiz Heidrich, Benhur Pinós da Costa, Cláudia Luisa Zeferino Pires (Orgs.). Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013. p. 83- 89.

NORONHA, Vânia. Teorizando a festa. In: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 10., 2009, Belo Horizonte. *Coletânea [...]*. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2009, p. 22-27.

OLIVEIRA, A. L. Política cultural e o espetáculo urbano: uma reflexão sobre o direito à cidade no Rio de Janeiro. 2004. 315 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

OLIVEIRA, Tania Peres de. *A outra face: uma representação sobre o lazer noturno na Avenida Tiradentes em Maringá, PR*. 2017. 168f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

OLIVEIRA, Tania Peres de; LOPES, Claudivan Sanches. O lazer como objeto de estudo da Geografia. *GEOINGÁ: Revista do Programa de Pós-graduação em Geografia*, v. 10, p. 19-41, 2018.

PALHARES, Guilherme Lohmann; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: ALEPH, 2008. 492p.

PARKER, Stanley Robert. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 184p.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007. 311 p. (Coleção Educação em Foco. Série educação, história e cultura).

PEREZ, Léa Freitas. Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (Org.). *A festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 15-58.

PUKE, Natalia.; Marcellino, Nelson. Carvalho. *Possibilidades de interface entre lazer e fenomenologia*. Movimento (Porto Alegre. Online), v. 20, p. 307, 2014.

QUEIROZ, L. R. S. *Música e Cultura: a Comunicação na Performance Musical do Congado de Montes Claros – MG*. UNIMONTES CIENTÍFICA. Montes Claros, v.5, n.2, jul./dez. 2003.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc van. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2008. 282p.

RAMOS, Donald. O quilombo e o sistema escravista em Minas Gerais do século XVIII. In: *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RELPH, Edward. *Place and placelessness*. London: Pion. 1980, p. 43-51.

REQUIXA, Renato. *Cadernos de Lazer: documento 1*. São Paulo: SESC, 1976, p. 5-41.

REY, F.L.G. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROSA, Leandro da Silva. *Os quilombos do Vale do Ribeira e o Movimento Social: O Movimento dos Ameaçados por Barragens do Vale do Ribeira (MOAB)*. (Dissertação) Mestrado em Sociologia. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP São Paulo, 2007.

ROSA, M. C. As festas e o lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007, n.p.

ROSA, M. C. Festa. In: GOMES, C. L. (org.) *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004 p. 88-92.

ROSA, Maria Cristina, Festar na Cultura. In: ROSA, Maria Cristina (org.), *Festa, Lazer e Cultura*. Campinas: Papyrus, 2002.

ROSA, Maria Cristina. *Festa, lazer e cultura*. Campinas, SP: Papyrus, 2002. 139p.

ROSENDAHL, Zeny. *Cultura, turismo e identidade*. In: SILVA, J. B., LIMA, L. C., ELIAS, D. (Org.) *Panorama da Geografia brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 123- 129.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Manifestações da Cultura no Espaço*. Série Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SALGUEIRO, Tereza Barata. Paisagem e Geografia. *Revista Portuguesa de Geografia*, Finisterra, Portugal, v. XXXVI, n. 72, p. 37-53, 2001.

SANTOS, Eneida Pereira dos, & Mahfoud, Miguel. Irmandade de Santa Ifigênia de Ouro Preto e Identidade Social: estudo de caso de velho mulato. [Resumo] em X Encontro Nacional de Psicologia Social (ABRAPSO) São Paulo, p. 178. 1999.

SANTOS, Eneida Pereira dos, & Mahfoud, Miguel. *Irmandades de negros*. Memorandum: Memória E História Em Psicologia, 3, 72-97. 2002.

SANTOS, Joelma Cristina dos PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. *A Pesquisa de campo nos canaviais do Oeste Paulista: o universo dos trabalhadores entre a —sua forma de ser e a exploração do seu —ser*. in: RAMIRES, Júlio Cesar de Lima, PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (orgs.) *Geografia e Pesquisa Qualitativa: Nas trilhas da Investigação*. Uberlândia: Assis Editora, 2009. P.123 – 138.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 110p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 308p.

SCHLUTER, Regina. *Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria*. São Paulo: ALEPH, 2003. 192p.

SILVA Mary Anne Vieira Silva; VIEIRA, D'Abadia Maria Idelma Vieira. A Geografia e o sagrado: Festa de Nossa Senhora do Rosário em Goiás. *Ateliê Geográfico*, Goiânia-GO, v. 8, n. 3, p. 198-214, dez. 2014.

SILVA, Djalma Antônio da. *O passeio dos quilombolas e a formação do quilombo urbano*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2005.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da. Os espaços de lazer na cidade: significados do lugar. *Licere*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 1-19, jun. 2012.

SILVA, Fabiana Siqueira. *O congado na experiência escolar da APAE de Ouro Preto: um estudo sobre a cultura congadeira no contexto da educação especial*. 2017. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

SILVA, Magda Valéria da, RAMIRES, Júlio Cesar de Lima. O discurso do Sujeito Coletivo e os Impactos da Mitsubishi na Cidade de Catalão/Goiás: uma aplicação de abordagem qualitativa in: RAMIRES, Júlio Cesar de Lima, PESSÔA, Vera Lúcia Salazar (orgs.). *Geografia e Pesquisa Qualitativa: Nas trilhas da Investigação*. Uberlândia: Assis Editora, 2009.

SILVA, Rubens Alves da. Chico Rei Congo no Brasil. In: SILVA, Vagner Gonçalves (org.). *Imaginário, cotidiano e poder*. São Paulo: Selo Negro, 2007, p. 43-85. (Coleção Afro-brasileira, v. 3)

SILVA, SAULO RONDINELLI XAVIER DA.; BOMFIM, NATANAEL REIS COSTA, T. C. Turismo e Educação Patrimonial: relação dialética e estratégias de participação popular. In: *Seminário Internacional de Turismo*, 11, 2009,

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. *Corpos em drama, lugares em trama: gênero, negritude e ficção política nos congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987. 176p.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012. 342p.

WAGNER, Philip; MIKESELL, Marvin. Os temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2003, p. 27-62.

WEBER, Erick. *El problema del tiempo libre*. Madrid: Editora Nacional, 1969. 479 p.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. A abordagem cultural na Geografia. *Temporis(ação)*, v. 1, p. 249-262, 2008.

## ANEXOS

### I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Este é um convite para que o senhor(a) participe da pesquisa chamada AS PRÁTICAS CULTURAIS E ESTUDO DO LAZER CONGADO DA APAE EM OUTRO PRETO. Desejamos com esta pesquisa compreender como acontece o envolvimento dos integrantes das comunidades quilombolas no planejamento, organização e execução das festas da comunidade e como este envolvimento influencia na constituição de sua identidade étnica. Para isso, nós pesquisadores, precisaremos participar das atividades que acontecem na Comunidade durante alguns meses observando, entrevistando e fotografando alguns de seus integrantes.

Antes, durante e depois que esta pesquisa for feita o(a) senhor(a) poderá tirar quaisquer dúvidas com relação à sua participação na pesquisa e tudo que for observado e anotado ficará guardado com os pesquisadores para garantir sua privacidade. O(A) senhor(a) pode se recusar a participar da pesquisa ou pedir para sair dela em qualquer momento.

### II. RISCOS POTENCIAIS

Para que esta pesquisa aconteça o senhor(a) conviverá durante alguns meses conosco por aqui e isso poderá causar um certo “desconforto” ao senhor e a sua família, porque iremos observá-los e fazer perguntas a vocês.

### III. BENEFÍCIOS POTENCIAIS

Por outro lado, acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir com a visibilidade das práticas congadeiras do estado de Minas Gerais e seu processo de identidade e valorização.

### IV. CONSENTIMENTO

**Li e entendi o que será feito pelos pesquisadores. Perguntei e obtive as respostas para todas as minhas perguntas. Sei que posso não participar desta pesquisa ou que posso pedir para sair dela a qualquer momento. Entendo também que os pesquisadores podem decidir me tirar da pesquisa por motivos científicos e que ficarei sabendo caso isso aconteça. Os sujeitos da pesquisa não terão nenhum gasto material ou financeiro com este estudo, e nenhum tipo de bonificação será oferecida. Todos os participantes e responsáveis precisarão voluntariamente se disponibilizar ao estudo. E autorizo que as entrevistas sejam gravadas e utilizadas na pesquisa. Autorizo a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos decorrentes da minha participação na pesquisa. As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final da referida pesquisa, na apresentação fotográfica da mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos. Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem ou qualquer outro. Tenho uma cópia deste formulário que foi assinado em duas vias iguais.**

Dessa forma, desejo participar da pesquisa intitulada AS PRÁTICAS CULTURAIS E ESTUDO DO LAZER CONGADO DA APAE EM OUTRO PRETO”

**ASSINATURA:** \_\_\_\_\_

**ASSINATURA DOS RESPONSÁVEIS PELA PESQUISA:**

**José Alfredo Debortoli**  
Pesquisador responsável

**Sidney Daniel Batista**  
Pesquisador Assistente

Este termo juntamente com os dados coletados da pesquisa ficará armazenados por cinco anos na EEEFTO/UFMG sob a responsabilidade do pesquisador. Maiores informações:

**- Pesquisadores responsáveis:** José Alfredo Debortoli e Sidney Daniel Batista - 3409-2335 ou no endereço Av. Antônio Carlos, 6627 EEEFTO- Pampulha - Belo Horizonte/MG..

Para responder as questões éticas:

**- COEP/UFMG** no telefone 3409-4592 ou no endereço - Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte.

## V. IMAGENS



Festa em Tripuí - 2003



Apresentação Itabirito Nov/2003

## APRESENTAÇÕES



APAE OURO PRETO



Semana do Excepcional  
APAE Ouro Preto (Agosto 2005)

Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças



Semana dos Museus  
Museu do Oratório - Maio/2005



Semana Excepcional - APAE Ouro Preto  
(Agosto 2006)



Ornamentação da APAE-O.P  
Festa em louvor a Padroeira da  
Entidade e do Congado N. Senhora  
das Graças. Novembro de 2008.

APRESENTAÇÕES  
2011



Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças



Festa de Nossa Senhora do Rosário

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Ouro Preto – Data: 04 de outubro de 2015

Festa de Nossa Senhora do Rosário da Guarda de São José  
Ibirité - Comunidade Rola Moça – Data: 16 de agosto de 2015



Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

Festa de Nossa Senhora do Rosário da Guarda Feminina São Jorge  
Conselheiro Lafaiete – Data: 01 de maio de 2016



Louvor à Nossa Senhora do Rosário  
APAE de Ouro Preto – Data: 07 de outubro de 2016



Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças



Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças

Congado n.º. das Graças  
APRE  
Capitã: Silvânia

ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO REINADO DE  
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNIA  
AMIREI

tem a honra de convidar V. S.ª e família para o lançamento do projeto "A Fé que Canta e Dança" com o lançamento da cartilha "Nossa Senhora do Rosário dos Congadeiros" e da página na internet da AMIREI.

Data: 31 de maio de 2012

Hora: 19:30

Auditório do Museu da Inconfidência (anexo do Museu)

Rua Vereador Antônio Pereira, nº33, Centro, Ouro Preto

Apoio



Patrocínio



Realização



AMIREI  
Rua Padre Vieira, 68, Bairro Alto da Cruz  
Ouro Preto, MG CEP: 35400-000  
e-mail: amigodocongadodasgracas@gmail.com  
(31) 3552-0856 / 8797-9856 / 9804-0419



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, \_\_\_\_\_, responsável por, documento \_\_\_\_\_, autorizo \_\_\_\_\_, o(a) a participar do grupo de Congado Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, através das suas apresentações, ensaios, passeios e viagens.

Ouro Preto, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.

Assinatura.

Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças



**CONGADO DE NOSSA SENHORA DO  
ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNIA DE  
MIGUEL BURNIER**

O Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia do distrito de Miguel Burnier convida para as festividades em louvor a Nossa Senhora do Rosário, no dia 17 de outubro, com a seguinte programação:  
10hs - chegada das Guardas de Congo  
12:00hs - almoço  
14:00hs - procissão  
15:00hs - Santa Missa na Igreja do Sagrado Coração de Jesus

Contamos com a sua presença.

Antônio Xisto  
Capitão

Convide de outras guardas.



**IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNIA**

Paróquia de Santa Efigênia

Rua do Cruzeiro, s/nº - Alto da Cruz - Tel.: (31) 3552-0878  
CEP 35.400-000 - Ouro Preto - Minas Gerais

A DIRETORIA DO CONGADO

DA APAE

A MESA ADMINISTRATIVA DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SANTA EFIGÊNIA DO ALTO DA CRUZ, VEM CONVIDAR ESTE CONGADO PARA PARTICIPAR DO CORTEJO QUE SE REALIZARÁ NO DIA 18 DE SETEMBRO ÀS 15:30 HORAS, COM CONCENTRAÇÃO ÀS 15:00 HORAS NO ADRO DA IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO ANTÔNIO DIAS, SAINDO EM SEGUIDA PARA A IGREJA MATRIZ DE SANTA EFIGÊNIA.

SENDO SÓ NO MOMENTO, ENVIAMOS-LHE OS NOSSOS SINCEROS  
AGRADECIMENTOS.

ATENCIOSAMENTE

JUIZ- PRESIDENTE

"Trabalhando na Evangelização da Comunidade".

Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças



### Congado e Coral

O Congado Nº 5ª das Graças e Nossa Senhora do Rosário da APAE foi fundado em agosto de 2002, durante a Semana do Excepcional. Ele é formado por 22 integrantes e conta com a participação de 4 professores, 13 alunos apaeanos e de algumas pessoas da comunidade. A idéia inicial era preparar os alunos para apresentação em uma atividade didática da Instituição, porém a facilidade com que eles se adaptaram as atividades estimulou a criação do Congado, que leva o nome da padroeira da APAE de Ouro Preto. O grupo já fez diversas apresentações em festas de outras escolas e festividades religiosas da cidade.

Já o Coral Mãos que Cantam, criado há 2 anos, é formado por alunos e professores da Instituição. No coral, as letras das músicas são expressas, através da Linguagem Universal de Sinais (libras). A linguagem, primeiro, foi aprendida pelas professoras e, depois, ensinada aos alunos. O Coral é convidado constantemente, para se apresentar em festividades e eventos na cidade.

### Metas

A APAE está na expectativa de conseguir firmar convênio com o SUS (Sistema Único de Saúde) do INSS para a contratação de novos profissionais da área de saúde como fonoaudiólogo, psicólogos e médico psiquiatra, mas, para isso, terá que fazer reformas na atual estrutura da escola. O convênio só é firmado com as escolas devidamente adaptadas para o atendimento. Assim, algumas medidas se fazem necessárias, como a construção de rampas, facilitando o acesso às suas instalações, a colocação de corrimãos, como a substituição das portas dos banheiros por outras mais largas, entre outras. Outra meta da APAE é conseguir a ampliação da Escola com a construção de mais salas, consultórios, área esportiva e anfiteatro, podendo, assim, prestar melhor atendimento aos seus alunos, além de abrir novas vagas para atender as 53 crianças que estão na lista de espera.

Rua João Peçro da Silva, 255, Bauxita, Ouro Preto/MG  
CEP: 35400-000 - Tel.: 3551-0249  
Presidente: Magali Ferrari

Fonte: Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças